UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

PUEDO, OU NÃO POSSO: PRÓS E CONTRAS DO MÉTODO CUBANO DE ALFABETIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA E BRASIL

MARCUS VINÍCIUS DE MATTOS ALVARENGA

São Paulo
2009

MARCUS VINÍCIUS DE MATTOS ALVARENGA

PUEDO, OU NÃO POSSO: PRÓS E CONTRAS DO MÉTODO CUBANO DE ALFABETIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA E BRASIL

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Nove de Julho – UNINOVE, para obtenção do grau de mestre em Educação.

Orientador:Prof. Dr. José Eustáquio Romão

São Paulo
2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Alvarenga, Marcus Vinícius de Mattos.
Puedo ou não posso. Prós e contras o método cubano de alfabetização na América Latina e no Brasil. / Marcus Vinícius de Mattos Alvarenga. 2009.
135 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2009.
Orientador : Prof. Dr. José Eustáquio Romão

1. Método 2. Alfabetização 3.Paulo Freire 4.Yo, sí Puedo

CDU 37

PUEDO, OU NÃO POSSO: PRÓS E CONTRAS DO MÉTODO CUBANO DE ALFABETIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA E BRASIL

POR

MARCUS VINÍCIUS DE MATTOS ALVARENGA

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Nove de Julho – UNINOVE, para obtenção do grau de mestre em Educação.

_____

Presidente: Prof. José Eustáquio Romão, Dr. – Orientador, Uninove

_____

Membro: Prof. José Luís Vieira de Almeida, Dr. - Uninove

_____

Membro: Profa. Maria Leila Alves, Dra. – Metodista/SP

São Paulo, 28 de Agosto de 2009

Mestre é aquele que de repente, aprende
João Guimarães Rosa

Aos meus pais
Rosa e Vinícius,
por um quarto de século dedicado à
minha formação transformadora.

À força e o sustento, a luz e o rumo, a razão e a certeza: Deus. Ao amparo, carinho, segurança e intercessão: Nossa Senhora das Graças.

Aos meus pedaços de céu na Terra: Rosa e Vinícius, por me ensinarem que “nada a temer senão o correr da luta, nada a fazer senão esquecer o medo, abrir o peito a força numa procura, fugir das armadilhas da mata escura”.

Às que são a seiva do meu enraizamento terreno: Vó Xoxô, Giovanna e Lívia, por mostrarem que “a vida é mesmo muito frágil, uma bobagem, uma irrelevância, diante da eternidade do amor de quem se ama”

À que torna meus crepúsculos mais rubros: Lyvia, por apresentar que “se há dores tudo fica mais fácil, seu rosto silencia e faz parar”

Ao norte desse trabalho: professor Romão, pois com ele passa a se ter muito mais prazer em “entender que tudo é nosso sempre esteve em nós! Somos a semente, ato, mente e voz!”

Aos padrinhos mágicos do Mestrado: Zé Luís e Terezinha Rios, pois durante o trajeto mostraram que “quando tudo está perdido sempre existe um caminho; quando tudo está perdido sempre existe uma luz...”

Áquela que trouxe o significado de cada sujeito e predicado: Professora Bel, afinal tornamo-nos “dois amigos que nasceram pela fé, amigos, pra sempre, para sempre amigos sim, se Deus quiser.

A quem trouxe novos horizontes de pesquisa: Professora Maria Leila, afinal “são tantos caminhos a se seguir, e lugares a se descobrir. E o sol a girar sobre o azul deste céu, nos mantém nesse rio a fluir.”

Ao que, verdadeiramente, fez minha alfabetização em língua estrangeira: Toninho, afinal *“friends will be friends, when youre in need of love they give you care and attention”*

Aos que foram abrigo nas primeiras noites paulistanas: Rodolfo, Cristiane, Vinícius e Eduarda, pois “foste um difícil começo, afasto o que não conheço e quem vem de outro sonho feliz de cidade, aprende depressa a chamar-te de realidade”

Aos que transformaram São Paulo em moradia: Padre Cláudio, Solange e Estela, afinal “amizade tem um querer bem, que esteja onde estiver tudo vai ser como é. Basta ouvir seu coração”

Aos que comungam do aprendizado comigo: Meus alunos, pois com eles “aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”

A quem mostrou, durante essa temporada de aprendizado, que se aprende na comunhão, no diálogo, no contato e na partilha do conhecimento saibam que convosco pude descobrir que “um buscador é alguém que busca, não necessariamente alguém que encontra.”

Lista de abreviaturas

CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CREAR	Campanha de Reativação Educativa de Adultos
DEJA	Departamento de Educação de Jovens e Adultos
DINEPP	Direção Nacional de Educação Popular Permanente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEJA	Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUP	Federação Única dos Petroleiros
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INE	Instituto Nacional de Estatística
INEA	Instituto Nacional para a Educação de Adultos
IPF	Instituto Paulo Freire
IPLAC	Instituto Pedagógico Latino Americano e Caribenho
MEC	Ministério da Educação
MECyT	Ministério de Educação, Ciência e Tecnologia
MEN	Ministério da Educação Nacional
MOVA	Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
MST	Movimento dos Sem Terra
OEI	Organização dos Estados Ibero-Americanos e Caribenhos
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PNA	Plano Nacional de Alfabetização
PNE	Plano Nacional de Educação
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SMESP	Secretaria Municipal de Educação de São Paulo
UATRE	União Argentina de Trabalhadores Rurais e Estivadores
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

Lista de ilustrações

Ilustração 1	Logotipo do VIII ENEJA.....	15
Ilustração 2	Aula do método *Yo, sí Puedo*.....	18
Ilustração 3	Círculo de Cultura do MOVA.....	19
Ilustração 4	Cartilha *Venceremos* e manual *Alfabeticemos*.....	43
Ilustração 5	Militante das brigadas Conrado Benitez.....	44
Ilustração 6	Professora Leonela Días, responsável pelo método.....	46
Ilustração 7	Relação das letras e seus números correspondentes.....	48
Ilustração 8	Capa da cartilha do método *Yo, sí puedo*.....	48
Ilustração 9	Figuras apresentadas nas cartilhas.....	51
Ilustração 10	Logotipo do Plano Nacional de Alfabetização da Venezuela.....	57
Ilustração 11	Logotipo do Plano Nacional de Alfabetização da Bolívia.....	60
Ilustração 12	Freire e o ministro Paulo de Tarso em um Círculo de Cultura....	68
Ilustração 13	Famílias silábicas da palavra “dívida”.....	75
Ilustração 14	Paulo Freire com a prefeita Luiza Erundina.....	79
Ilustração 15	Logotipo do MOVA ABC.....	83
Ilustração 16	Integrantes da FUP e do IPF em formatura do MOVA Brasil.....	85
Ilustração 17	Presidente Lula e Maria do Nascimento, 103 anos, beneficiada com o Projeto MOVA Brasil.....	87

Lista de mapas

Mapa 1 População alfabetizada por Países..... 23
Mapa 2 Taxa de alfabetização por Estado Brasileiro..... 39
Mapa 3 Repercussão do Método *Yo, sí Puedo* na América Latina..... 56
Mapa 4 Municípios piauienses participantes da aplicação piloto..... 62

Lista de quadros

Quadro I	Analfabetismo na América do Sul.....	24
Quadro II	Custos da alfabetização de adultos no Paraguai.....	33
Quadro III	Módulos programáticos do EDA Uruguaio.....	36
Quadro IV	Analfabetismo “absoluto” e “funcional” por região brasileira.....	38
Quadro V	Custo do investimento para um grupo de 20 participantes e um alfabetizador.....	52
Quadro VI	Situação da alfabetização pelo *Yo, sí Puedo*.....	55
Quadro VII	Distribuição das turmas de MOVA em São Paulo.....	82
Quadro VIII	Distribuição dos alfabetizandos na primeira década do MOVA-ABC.....	84
Quadro IX	Dados estatísticos do Projeto MOVA.....	87
Quadro X	Palavras utilizadas na cartilha do *Yo, sí Puedo* para aprendizagem das letras.....	111

RESUMO

Este estudo comparativo procura verificar a legitimidade das afirmações que culminaram na Moção de Advertência, do VIII ENEJA, na qual o método cubano *Yo, sí Puedo* teve sua aplicação inviabilizada no Brasil devido à alegação de que ele apresentava-se diferente ou confrontante com os princípios e os procedimentos do Método Paulo Freire, que teria criado um legado de emancipação no país. Por meio de uma análise comparativa das proposições de ambos os métodos e de entrevistas com protagonistas de suas respectivas aplicações no território nacional, nos últimos anos, aprofunda-se a análise comparada, de modo a ratificar ou retificar convergências ou divergências, aproximações ou distanciamentos, semelhanças ou diferenças.

Palavras Chave: Método; Alfabetização; Paulo Freire; *Yo, sí Puedo*

ABSTRACT

This comparative study verifies the legitimating of statements that emerged in the Motion of Advertence from the VIII National Meeting of Adult Education, in which the Cuban method of literacy *Yo, sí puedo* had its appliance interdicted in Brazilian territory, with the arguments and claims that it is different from, or even against, the principles and the procedures of the Paulo Freire Method, that had created a legacy of emancipation in the country. Applying a comparative analysis of both methods propositions and using interviewing people involved with experiences with *Yo, sí Puedo* and Paulo Freire Method as well in the last years, within the country, one intends to deep the comparative analysis in order to ratify or to rectify convergences or divergences, approximations or distances, similitudes or differences.

Key Words: Method; Literacy; Paulo Freire; *Yo, sí puedo*

SUMÁRIO

Introdução..... 14
Capítulo I - Alfabetização na América do Sul 21
1. Argentina 25
2. Bolívia 27
3. Chile 28
4. Colômbia 29
5. Equador 31
6. Paraguai 32
7. Peru 34
8. Uruguai 35
9. Venezuela 37
10. Brasil 37
Capítulo II – O Método de Alfabetização *Yo, sí puedo*..... 42
1. O Processo de Alfabetização Cubano 42
2. O Método de Alfabetização *Yo, sí puedo* 45
3. A Repercussão do Método *Yo, sí puedo*..... 52
Capítulo III – O Método de Alfabetização Paulo Freire..... 67
1. Origens do Método Paulo Freire..... 67
2. O Método Paulo Freire..... 71
3. O Desenvolvimento do Método..... 73
4. Aplicações do Método..... 77
Capítulo IV – Método Paulo Freire *versus* Método *Yo, sí Puedo*..... 89
1. Defesa do Método Paulo Freire..... 93
2. Defesa do Método *Yo, sí Puedo*..... 95
3. Testemunhos Sobre o Método o *Yo, sí Puedo*..... 98
Considerações Finais..... 104
Anexo I - Moção de Advertência do VIII ENEJA..... 118
Anexo II - Entrevista com Sônia Couto Feitosa..... 119
Anexo III - Entrevista com Adolfo Nuñes Fernández..... 124
Anexo IV - Entrevista com Mariana Ferreira Sales..... 129
Anexo V - Entrevista com Jerimário Pereira Chaves..... 132
Referências Bibliográficas..... 134

INTRODUÇÃO

Os índices de analfabetismo absoluto[1] no Brasil apontavam, em 2005, mais de 14,5 milhões de pessoas, das quais mais da metade eram habitantes da Região Nordeste. O número de analfabetos absolutos, por si só já representa um grande problema nacional e, se a ele for somada a quantidade de analfabetos funcionais, chegar-se-á a uma taxa de 35% da população brasileira com idade superior a 15 anos de idade afligida pelo analfabetismo.

Diante de tais números tornou-se, nos últimos anos, prioridade buscar meios para a universalização da alfabetização, promovendo programas eficazes, que respeitem a diversidade cultural brasileira, apresentando boas metodologias e motivando os analfabetos a aperfeiçoar seus conhecimentos por meio do aprendizado da leitura e da escrita.

Entre os métodos de alfabetização mais utilizados atualmente na América Latina, apresenta-se o *Yo, sí Puedo*, que foi desenvolvido em Cuba, no início desse milênio e aplicado em diversos países do subcontinente, onde se concentram mais de 41 milhões de analfabetos. Entre as vantagens apontadas, por aqueles que oferecem o método, destacam-se o baixo custo por alfabetizando[2] e a curta duração do processo de alfabetização, já que se obtêm os resultados esperados em cerca de 2 ou 3 meses, conforme afirma o Instituto Pedagógico Latinoamericano e Caribenho (IPLAC). A proposta de alfabetização cubana afirma que um dos principais diferenciais desse método está na associação dos números com as letras, sugerindo que o analfabeto, embora não tenha o domínio dos signos, fonemas e significado das letras desenvolve, domina e utiliza corretamente os algarismos e números. A fim de averiguar a eficácia e a aplicabilidade do método cubano, na 175ª reunião do Conselho Executivo da UNESCO foi elaborado um relatório que apresentou os dados relativos às aplicações em outros países e recomendações para melhorar os

---

[1] Embora tenha sido objeto de muitas polêmicas e controvérsias, utilizaremos, nesta dissertação, a expressão “analfabetismo absoluto” e “analfabetismo funcional”, por serem expressões consagradas e difundidas pela UNESCO. É evidente, porém, que os conceitos a que elas se referem devem ser relativizados, na medida em que, em uma sociedade ágrafa, por exemplo, o não-saber ler e escrever a língua materna não fazem parte do analfabetismo absoluto, nem, muito menos, do funcional.

[2] Estimativas cubanas indicam o valor de US$ 33,00 por alfabetizando em um grupo de 20 pessoas.

resultados pedagógicos e o impacto social do método. O estudo, efetuado em 2006, resultou na premiação *Rei Sejong de Alfabetização,* prêmio este concedido aos melhores projetos destinados a sanar o analfabetismo, criado pela UNESCO em 1990.

O método também teve aplicações piloto, no Brasil. Três municípios piauienses foram escolhidos para realizarem a experiência do método cubano: Buriti dos Lopes, cidade que contava com 19 mil habitantes e uma taxa de analfabetismo de 48%; Caxingó, com 4 mil habitantes e 36% analfabetismo e Murici dos Portelas, cidade de 6 mil habitantes, com uma das mais elevadas taxas de analfabetismo do país, cerca de 64%.

Embora tenha havido interesse da população piauiense, inclusive com algumas pessoas concluindo[3] a alfabetização, o método cubano não teve continuidade no Brasil por vários motivos, dentre os quais se destacam os que foram apresentados no Relatório Síntese do VIII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos, realizado em Pernambuco, no segundo semestre de 2006. Este documento aponta que a inviabilidade do método cubano no Brasil se dá pela diferenciação de contextos dos países que o aplicam, como Venezuela, Bolívia e o Brasil, afirmando que um dos motivos de sucesso de tal prática noutros países está ligado à aplicação em forma de campanha, "contrariando os princípios políticos pedagógicos da educação libertadora legada por Paulo Freire e por pesquisadores do campo da alfabetização que nada ficam a dever às outras referências internacionais" (SECAD/MEC, 2006)[4].

Ilustração 1 - Logotipo do VIII ENEJA

[3] Quando se apresenta neste trabalho termos relacionados a uma eventual "conclusão" da alfabetização refere-se ao término cronológico e temporal de uma etapa de aprendizagem uma vez que o conhecimento e o aprendizado se dão por toda vida.

[4] SECAD/MEC *Relatório-síntese do VIII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos – VIII ENEJA.* Recife, 2006. *in* www.forumeja.org.br

A presente dissertação apresenta um estudo comparativo entre o Método *Yo, sí Puedo* e suas recentes aplicações com o Método Paulo Freire, a fim de que se possa apurar se há semelhanças entre ambos, seja em seus fundamentos, seja em suas metodologias e procedimentos. Verifica, ainda, as razões do sucesso do Método *Yo, sí Puedo* em países latino-americanos, ainda que ele não seja aplicado em seu país de origem, Cuba. Constatadas suas diferenças, ou até mesmo divergências, como entender a rec omendação, inclusive oficial, para um método de alfabetização que contraria um método que foi (e é) tão defendido e pela esquerda latino-americana, que é o formulado por Paulo Freire e seus seguidores?

Todavia é necessário reforçar que este trabalho parte do pressuposto que o principio fundante de Freire é que a alfabetização (leitura da palavra) só tem sentido e eficácia quando precedida por uma interpretação crítica da realidade (leitura do mundo). Já para o método *Yo, sí Puedo* é a leitura matemática (numérica) que se antepõe à leitura da palavra (alfabetização).

Por meio deste estudo podem ser identificadas as convergências e as divergências, as aproximações e os distanciamentos, as semelhanças e as diferenças dos dois métodos, para também se examinar, com mais propriedade, o porquê da rejeição do método cubano pelos representantes da Educação de Jovens e Adultos do país, cuja maioria defende o Método Paulo Freire. Em outros termos, verificar-se-á as razões pelas quais o VIII ENEJA concluiu sobre a incompatibilidade dos métodos.

A base de dados deste estudo serão as representações sobre a “eficácia” dos dois métodos, colhidas por meio de notícias publicadas na imprensa de divulgação educacional[5], documentos oficiais e entrevistas com alguns dos protagonistas da aplicação de ambos os métodos em experiências concretas de alfabetização.

Cabe aqui a ressalva que, por se tratar de um estudo de representações, haverá afirmações que deverão ser examinadas à luz de técnicas que desvendem diminuam a influência do viés dos simpatizantes ou do adversário apaixonados por suas escolhas metodológicas.

---

[5] Trata-se da fonte governamental de divulgação dos méritos e feitos dos ógãos responsáveis pela educação de uma população.

Os limites cronológicos da investigação sobre a aplicação do Método *Yo, sí Puedo* são os anos de 2005 e 2007, pois, foi neste intervalo de tempo que se realizou a experiência piloto do método cubano.

Além das representações de eficácia do Método *Yo, sí Puedo* no Brasil, serão levantadas, também as dos protagonistas venezuelanos e bolivianos, pois foram estes países que mais destacaram o sucesso do método nas notícias da imprensa. Por exemplo, segundo o Instituto Pedagógico Latino Americano e Caribenho (IPLAC), a Venezuela já alfabetizou mais de 1,4 milhões de pessoas.

As práticas do método Paulo Freire serão delimitadas em dois universos: O MOVA ABC, que se dá nas cidades do ABCD Paulista e o Projeto MOVA Brasil que acontece por meio de uma parceria do Instituto Paulo Freire com a Petrobrás. Atualmente as duas aplicações representam as maiores fontes de execução da metodologia proposta por Freire. O recorte cronológico para estudo das experiências nas cidades paulistas está nos dez primeiros anos de execução da alfabetização (entre 1995 e 2006). Já para o projeto que tem a empresa brasileira como parceira obedecerá aos limites temporais da primeira etapa (entre 2003 e 2007).

Já que é premissa necessária ao foco da investigação, o estado da arte do analfabetismo na América do Sul será parcialmente levantado, pois a constatação da eficácia de um método de alfabetização exige a comparação de situações: a prévia, com seus índices de analfabetismo e a posterior à aplicação do(s) método(s), com estes mesmos índices diminuídos, ou não. Além disso, serão identificados os processos de alfabetização desenvolvidos nesses países. Para cada país será apresentada uma série de dados que delinearão a evolução da taxa de analfabetismo, os investimentos federais para a alfabetização e a situação atual deste grau de escolarização.

Este conjunto de dados foi levantado nos documentos oficiais dos respectivos órgãos responsáveis pela educação de cada país que, em 2006, remeteram os índices de analfabetismo para a Organização dos Estados Iberoamericanos (OEI) para a construção do Plano Iberoamericano de Alfabetização de Pessoas Jovens e Adultas. Além destes dados, informações adicionais foram obtidas por meio dos Planos Nacionais de Alfabetização e coletadas dos *sites* dos ministérios de educação.

Ilustração 2 – Aula do Método *Yo, sí Puedo*

O segundo capítulo deste trabalho apresenta, antes de quaisquer afirmações sobre o método desenvolvido nesta década por Cuba, um breve relato acerca dos feitos alfabetizadores da Revolução Cubana, dada na década de 1960. Desta feita, parte-se então para a descrição metodológica do método cubano detalhando inclusive, por meio de ilustrações, aspectos inerentes das cartilhas e apresentando opiniões de autoridades competentes da elaboração, da execução e da contratação do método.

Os aspectos metodológicos do *Yo, sí Puedo* serão levantados por meio de publicações fornecidas pelo IPLAC e instituições contratantes do método cubano, tais como a Fundação Samuel Robinson, entidade venezuelana responsável pela "erradicação" do analfabetismo no país.

As opiniões apresentadas pelos estudiosos do método cubano também se fundamenta em uma coleta de informações oriundas de textos e entrevistas publicados na internet, afinal existe pouca ou nenhuma bibliografia acessível senão na rede mundial de computadores[6].

Para a confecção do terceiro capítulo, pesquisou-se dados a respeito do Método Paulo Freire e seus aspectos metodológicos e procedimentos em seus próprios testemunhos e que constam em algumas de suas obras. Outras informações relevantes ao método do educador brasileiro foram coletadas de obras que indicam e ilustram o pensamento de Freire.

---

[6] Todos os esforços feitos pelo autor e seu orientador na busca de outras fontes de pesquisa tiveram que se limitar a essas ferramentas que na maioria dos casos poucos elementos fornecem para uma postura científica.

Ilustração 3 - Círculo de Cultura do MOVA

Os dados referentes ao MOVA ABC e o Projeto MOVA Brasil foram obtidos por meio de entrevistas com Ionilton Gomes Aragão e Kadine Teixeira, da coordenação geral do MOVA.

Finalizando o presente trabalho há, no quarto capítulo, entrevistas onde se pode ter uma aproximação maior com a realidade do *Yo, sí Puedo* no Brasil. Foram quatro entrevistas com pessoas que fizeram parte, decisivamente, das práticas e da rejeição do método cubano.

A primeira entrevistada é a professora Sônia Couto Feitosa que participou da plenária que culminou na rejeição do *Yo, sí Puedo*. Ela faz a defesa da decisão do ENEJA argumentando sobre o que foi concebido como a prática de alfabetização cubana e o conhecido como método Paulo Freire.

Na busca da defesa do método estrangeiro, o vice-cônsul de Cuba no Brasil e, representante do Ministério da Educação daquele país, Adolfo Nuñes Fernandez traz informações sobre o processo que envolveu a aquisição da metodologia e a situação das práticas do *Yo, sí Puedo* no Brasil após a Moção de Advertência.

É de fundamental importância o terceiro relato apresentado, pois trata-se de Jerimário Pereira Chaves um dos alfabetizadores das experiências realizadas no Piauí. Jerimário trás informações sobre a forma com que as aulas eram conduzidas e como se davam as participações dos alunos, além de comentar sobre a repercussão do método para aqueles que o usufruíram.

Finalizando as entrevistas, traz-se as opiniões de Mariana Ferreira Sales, supervisora da experiência piloto. Mariana foi responsável pela confecção de um

relatório das práticas que foi entregue ao professor cubano responsável pela implantação do projeto, Carlos Martinez Mollineda.

Apresenta-se, após todas as entrevistas, uma comparação mais bem detalhada, preocupando-se trazer aspectos onde um método pode colaborar no enriquecimento do outro de forma a verificar qual a veracidade das afirmações do Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos.

CAPÍTULO I

ALFABETIZAÇÃO NA AMÉRICA DO SUL

> Podemos repartejar, recriar a palavra, o mundo e nós mesmos no processo de leitura e, ao dizer a palavra que somos, no irrequieto contexto cultural da história, materializando essa libertação na luta histórica contra toda opressão. (PASSO, 2008, p.242).

O analfabetismo é tratado hoje como um dos principais causadores de desigualdades sociais e exclusão do ser humano, na maior parte das comunidades. Por isso, a alfabetização vem sendo trabalhada como prioridade na busca da obtenção de maiores níveis de aproveitamento, em todos os países, por meio de estudos de organizações internacionais e planos nacionais destinados a universalizar alfabetização e a educação básica.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 1948 pela Organização das Nações Unidas (ONU), aponta a necessidade de se prestar a oferta gratuita do nível de ensino elementar e a obrigatoriedade da participação do cidadão nesse processo. Entende-se por ensino elementar as bases fundamentais de aritmética, leitura e escrita, capacitando o cidadão como pessoa alfabetizada.

Assim estabelece esta norma universalizante:

> Artigo 26.º
>
> I – Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito[7]

Na busca de se atingir o proposto pela ONU, diversos foram os fóruns, congressos e conferências realizadas em todas as partes do mundo. A primeira conferência internacional sobre educação de adultos se realizou em 1949 em Elsinore, Dinamarca, no ano de 1949. Destaca-se neste âmbito também a II Conferência sobre a Educação de Adultos, realizada em Montreal, no Canadá em

[7] http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php. - Acessado pela última vez em 11/05/2009 – 19h56min

1960; nessa conferência foi proposta o desenvolvimento de uma campanha que extinguisse o analfabetismo até o ano 2000.

Recentemente, destacaram-se a *Declaração Mundial sobre Educação para Todos* (Jomtien, Tailândia, 1990); a *V Conferência Internacional de Educação de Adultos* (Hamburgo, Alemanha, 1997) e o *Fórum Mundial sobre Educação* (Dakar, Senegal, 2000). Nesse último encontro estabeleceram-se os três objetivos para a educação de adultos, que estimulam as principais práticas alfabetizadoras atuais, que são:

> - assegurar que as necessidades de aprendizagem de todos os jovens e adultos sejam atendidas pelo acesso eqüitativo à aprendizagem apropriada, à habilidades para a vida e à programas de formação para a cidadania;
> - alcançar uma melhoria de 50% nos níveis de alfabetização de adultos até 2015, especialmente para as mulheres, e acesso eqüitativo à educação básica e continuada para todos os adultos;
> - melhorar todos os aspectos da qualidade da educação e assegurar excelência para todos, de forma a garantir a todos resultados reconhecidos e mensuráveis, especialmente na alfabetização, matemática e habilidades essenciais à vida (UNESCO, 2001, p.09).

As projeções atuais, com relação ao objetivo de melhoria nos níveis de alfabetização, indicam que há uma grande possibilidade do segundo objetivo não ser atingido por grande parte das nações filiadas à ONU.

A situação do analfabetismo no mundo aponta que os países com menor número de alfabetizados se encontram em parte da Ásia e da África, em regiões onde a taxa de alfabetização pode atingir um percentual inferior a 50% da população.

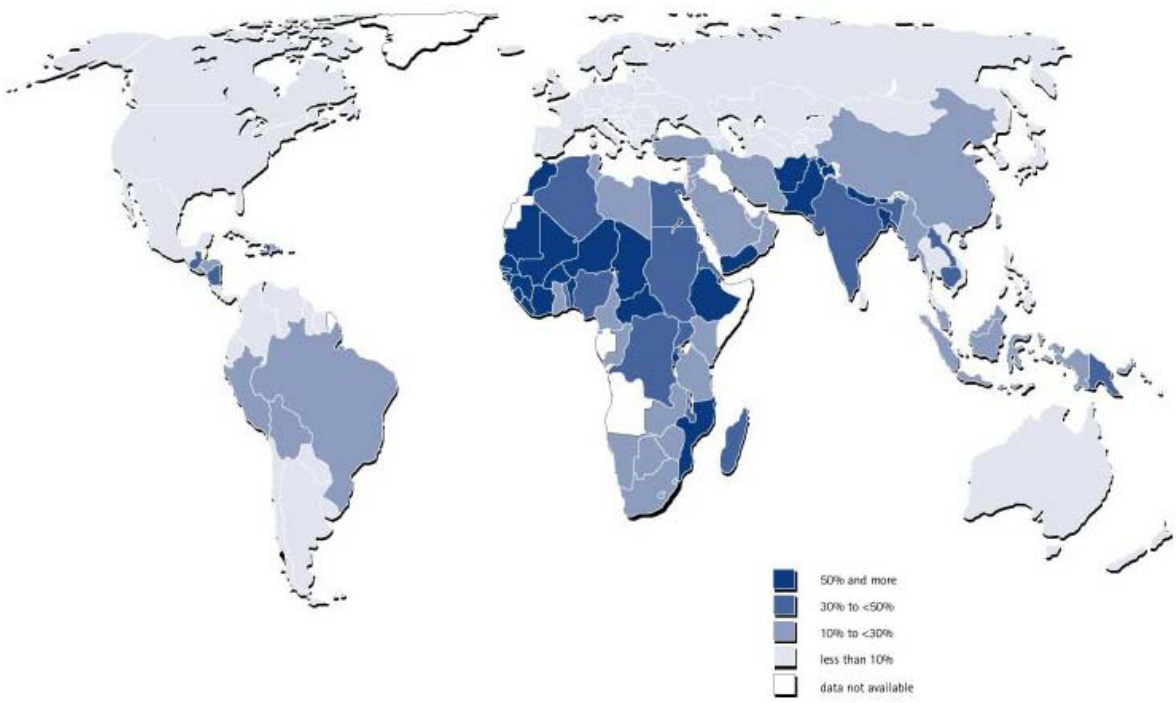
Fundamentado em dados da UNESCO, pode-se afirmar que existem mais de 800 milhões de pessoas no mundo que não sabem ler nem escrever, concentrando-se, no Brasil, um percentual de quase 2% (dois por cento) deste número, com mais de 14 milhões de analfabetos absolutos[8].

---

[8] Para dados estatísticos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica como analfabeto absoluto a pessoa que é incapaz de ler e escrever. A diferenciação se faz necessária, já que existem os classificados como analfabetos funcionais: os que têm mais de 15 anos de idade, com menos de quatro anos de escolaridade.

Os números do analfabetismo no mundo classificam o Brasil no grupo dos 11 países com mais de 10 milhões de habitantes não alfabetizados, ao lado de, Bangladesh, China, Egito, Etiópia, Índia, Indonésia, Irã, Marrocos, Nigéria e Paquistão.

MAPA I
População Alfabetizada por Países



Fonte: Instituto de Estatística da UNESCO, Julho de 2002. [9]

Algumas entidades internacionais, como a Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, Ciência e Cultura (OEI), afirmam que as dificuldades no combate a pobreza, na luta contra a violência e na erradicação das adversidades sociais estão amplamente irmanadas ao processo de alfabetização. Assim, atribuem a “erradicação do analfabetismo” dimensões humanitárias e dependentes de ações governamentais, enxergando estar nas práticas alfabetizadoras a base de parte fundamental do desenvolvimento cultural, econômico e político das populações mais pobres.

[9] http://www.uis.unesco.org/en/stats/statistics/ed/map_illit_monde2000.jpg - Acessado pela última vez em 11/05/2009 – 20h17min

Embora a maioria das grandes concentrações de pessoas analfabetas se encontrem geograficamente distanciadas da América do Sul, há a necessidade de se implementar propostas alfabetizadoras neste subcontinente, que apresenta contrastes na atual situação das políticas de combate ao analfabetismo, com uma variedade de situações muito grande, em relação as taxas de alfabetização: Uruguai e Argentina já são considerados livres do analfabetismo e países como o Brasil e Bolívia apresentavam no ano de 2005, mais de 10% da população analfabeta.

Além das diferenças entre as taxas de analfabetismo, a América do Sul apresenta grandes diferenças em relação ao financiamento da Educação de Adultos, já que os recursos destinados são muito diversificados, por país. Variam também, os planos e métodos de alfabetização adotados assim como as datas limite previstas pelos próprios ministérios de educação ou organismo congêneres responsáveis pela universalização da alfabetização.

Os dados do quadro I facilitam uma visão comparada de conjunto do que se acabou de afirmar.

QUADRO I
Analfabetismo na América do Sul

PAÍS	TAXA DE ANALFABETISMO (%)	ESTIMATIVA FINANCEIRA [10] (US$ 1.000)	METODOLOGIAS APLICADAS
Argentina	2,8	87.600	Palavra geradora, Educação popular.
Bolívia	11,7	80.400	*Yo sí puedo*
Brasil	11,1	1.750	Diversos programas
Chile	3,5	480	Método Paulo Freire
Colômbia	7,1	2.400	*CAFAM, Transformemos e A crecer.*
Equador	7,0	672	*Minga por la Esperanza*
Paraguai	5,6	191	*Prodepa, Bi-alfabetización, Yo si puedo*
Peru	8,4	2.200	Diversos Métodos
Uruguai	2,0	-	*Yo sí puedo*
Venezuela	6,0	-	*Yo sí puedo*

Fonte: Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL)

[10] Investimentos estimados para alfabetização total até 2015 em Dólares Americanos. Fonte: OEI – Estatísticas oficiais dos países e seus planos nacionais.

É importante ressaltar que cada país tem um conceito singular sobre o que entende por pessoa analfabeta. Enquanto no Brasil se considera, para fins estatísticos, uma pessoa analfabeta aquela que não é capaz de ler e escrever uma sentença simples, na Bolívia se considera alfabetizada aquela que afirma saber ler e escrever.

É claro que qualquer análise comparativa é problemática, na medida em que cada país tem uma história e sistemas educacionais específicos, com trajetórias singulares e cujos elementos constitutivos, na maioria das vezes, não são comparáveis.

Este primeiro capítulo apresenta as principais características de cada um dos 10 países sul-americanos, os recursos financeiros que destinam à alfabetização, a evolução e situação atual da taxa de analfabetismo e as projeções para se atingir as metas até 2015. Desta forma, portanto, não se procura caracterizar e nem tampouco verificar a eficácia dos métodos de alfabetização de cada um dos países.

Embora seja conveniente o exame de cada país, ordenando-os alfabeticamente, deixaremos o Brasil para o final por razões óbvias: ele é o cenário do objeto desta dissertação e, portanto, as considerações sobre a educação de adultos brasileira devem ser conectadas com as partes subsequentes dela.

1. Argentina

Concentrava-se, em 2001, no território argentino, pouco mais de 960 mil pessoas com idade superior a 15 anos, classificada como sem instruções. O conceito de analfabeto, na Argentina, refere-se à pessoa que não é capaz de ler e escrever. O analfabetismo se distribui em três blocos: os analfabetos puros ou absolutos[11] (aqueles que não conhecem, ou conhecem de maneira escassa, os símbolos e significados do idioma); os analfabetos regressivos, (os que já tiveram algum contato com a leitura e escrita e delas esqueceram) e, finalmente, os

[11] O conceito de “analfabeto absoluto” é bastante polêmico, pois ninguém é totalmente ignorante em relação à sua língua. No entanto, esta expressão é usada para diferenciar a pessoa que não domina os rudimentos da leitura e da escrita da língua materna, do que as domina parcialmente e que são chamados de “analfabetos funcionais”.

analfabetos funcionais (abrangem as pessoas que apresentam habilidades de leitura e escrita, um médio desenvolvimento).

Embora os índices de analfabetos absolutos representem apenas 2,8% da população, este índice equivale a cerca de 730 mil pessoas com mais de 15 anos, Por isso, além de se destacar os percentuais, é preciso não perder de vista os números absolutos. O país tem um percentual de 13,3% da população que apresenta a educação primária incompleta e a maioria deles têm mais de 50 anos e é do sexo feminino.

O órgão responsável por promover os métodos de alfabetização é o Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia da Nação (MECyT), embora cada província mantenha uma área responsável pela educação de adultos para o acompanhamento do “Programa Nacional de Alfabetização”, que necessita de um investimento financeiro de, aproximadamente, cerca 5 milhões de dólares anuais.

O investimento federal destinado a educação ultrapassou em 2006 a marca 4,4% do PIB argentino. Há previsão de se elevar este investimento para 6% do PIB até o ano de 2010, estimando-se um aumento de 50% nos valores investidos.

Durante as últimas quatro décadas, diversas campanhas educativas foram desenvolvidas, com destaque para a “Campanha de Reativação Educativa de Adultos” (CREAR), que propiciou a abertura de centros de alfabetização e educação básica em todo país, no ano de 1973. A mesma ênfase deve ser dada para o “Plano Nacional de Alfabetização”, realizado no quadriênio 1985/1989, que foi sucedido pelo “Programa Federal de Alfabetização e Educação Básica de Adultos”, entre 1990 e 1992.

Atualmente, está em desenvolvimento o programa que os argentinos chamam de *Encuentro,* implementado a partir de outubro de 2004. Sua projeção é de que, em parceria com órgãos estatais e não *governamentais*, haja a extinção completa do analfabetismo em 2010, instruindo cerca de duzentas mil pessoas por ano.

O desenvolvimento metodológico do programa consiste na apresentação de palavras geradoras que exploraram a liberdade de expressão e a valorizarão das características do contexto de aplicação. Por ser oferecido a jovens e adultos com mais de 15 anos, busca estimular a continuidade da escolaridade. Os formadores são voluntários maiores de 18 anos que tenham concluído o Ensino Médio, capacitados para superar dúvidas e transmitir conhecimentos necessários ao aprendizado.

O objetivo do *Encuentro* não se limita ao ensino da leitura e escrita; também busca aprimorar as habilidades em Matemática, em que, por meio de situações cotidianas, o alfabetizando poderá empregar os conceitos e os conhecimentos de soma e subtração.

Os materiais pedagógicos destinados a essa alfabetização são compostos por um jogo de letras e de sílabas para cada aluno, 40 vídeos, livros de orientações para o educador, ilustrações e alguns outros livros.

O programa dura cinco meses e tem como sistema de avaliação os registros da experiência pedagógica realizados pelo MECyT, que também homologa a aprovação do participante.

Além do *Encuentro*, existem na Argentina outras iniciativas de alfabetização, como a aplicação do método Yo, sí puedo em alguns pontos específicos do país; o "Programa de Alfabetização Rural", que é promovido pela União Argentina de Trabalhadores Rurais e Estivadores (UATRE) e que tem por fim ampliar o alcance das ações do "Programa Nacional de Alfabetização".

2. Bolívia

A população boliviana conta com cerca de 670 mil pessoas analfabetas, número este que corresponde a 13% do total de habitantes do país e a maior taxa de todas as demais nações da América do Sul.

O país apresentou um baixo controle do analfabetismo entre os anos de 1992 e 2001, alfabetizando, nesse intervalo de tempo, apenas 74.837 pessoas.

Analisando características geográficas, aponta-se a maior taxa entre as mulheres moradoras da zona rural, 38,4%, que correspondem a 344.453 pessoas com mais de 15 anos. A menor taxa de analfabetismo está entre os homens habitantes da zona urbana: 2,7%, que correspondem a 42.465 pessoas da mesma faixa etária. Com relação aos dados estatísticos dos analfabetos funcionais, o Ministério da Educação boliviano afirma encontrar dificuldades para seu fornecimento, devido à complexidade de sua caracterização, seja do ponto de vista social, trabalhista, ou cultural.

Sob governo do presidente Evo Morales Ayma se estabeleceu o "Programa de Alfabetização Boliviano". A análise da situação do analfabetismo e a formulação

do programa ficaram a cargo da Direção Geral de Alfabetização, que recebeu um recurso financeiro no ano de 2006, superior aos 11 milhões de dólares, valor este provindo do Tesouro Nacional boliviano e de nações amigas.

O método aplicado no combate ao analfabetismo, desde março de 2006, é o *Yo, sí puedo*[12], que pretende alfabetizar em dois anos e meio, 800 mil pessoas. Ele espalha-se por todas as regiões do país. Num primeiro momento, cobrirá as cidades com maiores populações, abrangendo 565 mil bolivianos; num segundo momento, atingirá as regiões com maiores dificuldades de acesso, onde se encontram 155 mil analfabetos.

Além das práticas alfabetizadoras, o Ministério da Educação procura desenvolver novas frentes para a criação de práticas de pós-alfabetização e aponta, entre as necessidades de curto prazo, a melhoria da qualidade da educação básica e média.

3. Chile

Dados estatísticos apontam que há 25 anos havia mais de 680 mil pessoas analfabetas no Chile, o que correspondia a 9% da população; em 2002, esta quantidade diminuiu para pouco mais de 480 mil pessoas e a taxa de analfabetismo caiu pela metade apontando 4,3% atualmente. Existem ainda 22,3% da população com idade superior a 15 anos que não completou a educação básica.

A maior concentração dos mais de 1 milhão de analfabetos do país está localizada nas zonas urbanas; porém, proporcionalmente, a taxa de analfabetismo na zona rural é maior.

Não há muita diferenciação entre homens e mulheres no que diz respeito a alfabetização: pouco mais de 20 mil mulheres a mais que homens.

A Educação de Adultos depende do Ministério da Educação precisamente da Divisão de Educação Geral a qual mantém o programa *Chilecalifica*, que sustentado pelos ministérios da Educação, Economia e Trabalho, projetava atingir a extinção do analfabetismo no país, até 2008, por meio da “Campanha de Alfabetização Contigo Aprendo”. Os principais objetivos desta campanha visam proporcionar as

[12] Por se tratar do método cubano, que é um dos focos deste trabalho, a análise de sua aplicação e impacto na alfabetização boliviana será examinada com mais detalhes no capítulo II desta dissertação.

competências de linguagem, escrita e matemática, equivalentes ao quarto ano da Educação Básica.

A campanha de alfabetização teve inicio no ano de 2003 e destina-se aos jovens e adultos com mais de 15 anos de idade e menos de 4 anos de escolaridade. Procura gerar um espaço de participação e trabalho solidário em que, na maioria dos casos, os monitores são voluntários (na maioria das vezes, estudantes de pedagogia).

Para a realização das práticas propostas pelo “Contigo Aprendo” é necessário inicialmente, formar os grupos de estudo que funcionam nas proximidades das residências dos alfabetizandos, seja esta rural ou urbana. O curso tem duração de seis meses, com dois ou três encontros semanais que devem totalizar 6 horas. Após a realização de todos os encontros, os alunos são submetidos a uma avaliação estabelecida pelo Ministério de Educação chileno.

A estratégia de alfabetização se baseia no método psicossocial de Paulo Freire, trabalhando com textos de apoio que consideram as características culturais e as condições de vida das pessoas envolvidas no processo de alfabetização.

O material didático utilizado é composto por um manual do monitor, uma cartilha de matemática, um guia metodológico para o monitor e os textos cadernos *La letras hablan*, para alfabetização inicial, e *Escribe tu palabra*, para pós-alfabetização. Todos os materiais utilizados são elaborados pelo Ministério de Educação do Chile.

4. Colômbia

A Colômbia conseguiu, nos últimos vinte anos, reduzir a taxa de analfabetismo que antes era de 13,5% para 7,6%. Porém a diminuição nesse período apresentou algumas oscilações, como o aumento de 0,3% entre os anos de 1997 e 1998. Curiosamente, a taxa de analfabetismo entre as mulheres de 15 a 40 anos é 1% menor que a de homens desta mesma faixa etária. Entretanto, no total, o país tem quase 100 mil mulheres analfabetas a mais do que homens[13].

[13] De novo, cabe a observação sobre os enganos induzidos pelos percentuais.

A maior concentração de analfabetos está na região de Choco, que apresenta uma taxa superior a 21,5% de pessoas incapazes de ler e escrever – um contraste bastante grande com a região de Bogotá cuja taxa é de 1,9%.

A Educação de Adultos está acessível para pessoas acima de 13 anos de idade e dá-se de maneira semipresencial onde o tempo do aprendizado é dividido dentro e fora da escola, utilizando guias de aprendizagem, adequando-se às necessidades pessoais do alfabetizando.

Os investimentos em educação promovidos pelo ministério colombiano corresponderam, durante o ano de 2005, a 4,68% do PIB; os fundos destinados à alfabetização, neste mesmo período, foram de 0,53%. O “Programa Nacional de Alfabetização e Educação Básica de Jovens e Adultos” que está sob responsabilidade do Ministério da Educação Nacional (MEN), recebeu, entre 2004 e 2006, o investimento federal superior a US$ 6,3 milhões.

A Colômbia apresenta dificuldades no que diz respeito ao alcance das metas estabelecidas para a Educação de Adultos em seu “Plano Setorial Educativo” que previa beneficiar 90.000 pessoas com a alfabetização, em 2004 e pouco mais de 76% deste número foi atingido. Em compensação, pretendendo alfabetizar 135.000 pessoas, em 2005, ultrapassou a meta beneficiando mais de 150.000 pessoas com a leitura e a escrita.

O programa de alfabetização consiste em duas fases: a primeira etapa com duração entre seis e dez meses, consiste na formação básica; a segunda etapa corresponde toda a educação primária, com a mesma duração. Aqueles que concluem a segunda etapa podem continuar cursando níveis diferenciados até alcançarem a formação secundária. Nestas duas fases iniciais, são desenvolvidas habilidades de leitura, escrita, conhecimentos matemáticos básicos, ciências sociais e competências cidadãs.

A expectativa de atendimento pelo método denominado *CAFAM* é de um milhão de pessoas, até 2010. Este número de colombianos seria beneficiado apenas na fase de alfabetização, a um custo de US$ 36,5 milhões. Estima-se que, para o período entre 2011 e 2015, haja a necessidade de alfabetizar 1,3 milhões de pessoas, aumentando futuros custos que atualmente, são de US$ 39,00 para a alfabetização básica e US$ 73,00 para a formação fundamental, *per capita*..

As maiores dificuldades encontradas pelo MEN, quanto à alfabetização, estão na falta de pessoal especializado para as necessidades do programa, no

financiamento do custeio do programa e nos altos índices de pobreza existentes no país. O programa ainda necessita de fortalecimento institucional, docentes especializados, incorporação de novas tecnologias e até divulgação entre as comunidades.

5. Equador

Os avanços equatorianos em relação ao combate ao analfabetismo apontam uma evolução grande, se comparar os dados atuais com os de 50 anos atrás, quando a população era constituída por 44,2% de analfabetos que atualmente, apresenta taxa de 9,0%. Porém, a evolução do país neste particular, nos últimos 15 anos, mostra que a taxa de analfabetismo tem decrescido a índices muito lentos: em 1990 era de 11,7%.

Há uma grande disparidade na caracterização étnica do povo equatoriano, pois 24,5% da população rural, 28% dos indígenas e 10,5% dos afros descendentes são analfabetos. Se analisada por gênero, a população indígena alcança 40% das mulheres nessas condições. As províncias Guayas detêm 22,71% dos analfabetos absolutos do país.

Os investimentos destinados à educação correspondem a 2,2% do PIB; porém, desde 2006, este valor vem crescendo gradativamente de modo que se propõe a atingir nos próximos 5 anos um valor de no mínimo 6%.

Por iniciativa de alguns municípios e províncias, mais de 16 mil equatorianos foram alfabetizados pelo programa cubano *Yo, sí puedo*. Aplicado entre os anos de 2004 e 2006, o programa teve um custo total de pouco menos que US$ 750 mil e de US$ 45 por alfabetizando. A primeira aplicação da metodologia cubana deu-se na cidade de Cotacachi que, em 2005, pôde ser declarado o primeiro território equatoriano livre do analfabetismo; alfabetizando 1.700 pessoas em um ano com um custo de US$ 18 por pessoa.

As metas propostas pela Direção Nacional de Educação Popular Permanente (DINEPP) no Plano Decenal de Educação 2007-2015 propõem a diminuição da taxa de analfabetismo para 2% e garantir, a mais de dois milhões de pessoas, com idade entre 15 e 40 anos, a educação básica.

Diversas são as entidades empenhadas na efetivação e propagação do programa intitulado *Minga por la Esperanza*, com destaque as 1.300 juntas rurais, os 22 conselhos provinciais, o Governo de Cuba (por meio do método *Yo, sí puedo*, as agências de cooperação internacional e a União Nacional de Educadores que, atualmente, participa como co-executora do programa.

6. Paraguai

O Paraguai é um país bilíngüe, em que 35% da população falam castelhano e 60% guarani. É o único país americano que apresenta, oficialmente, uma língua indígena. Por este motivo a maioria das crianças está exposta desde muito cedo a ambas as línguas adquirindo, simultaneamente as suas formas verbais. De acordo com a Lei 28/92, é obrigatório o ensino das línguas oficiais em todo sistema educativo paraguaio do ensino primário ao universitário.

A Direção Geral de Estatísticas Enquetes e Censos (DGECC) classifica como analfabeto aqueles que têm mais de 15 anos e, no momento do censo não tinham sido aprovados pelo 2.° ciclo da Educação Básica ou de Adultos.

Um comparativo decenal aponta que em 1972, havia mais de 259 mil analfabetos; número que se elevou para mais de 380 mil nos anos da década de 1980; sofreu nova redução nos anos 90 atingindo mais de 235 mil pessoas e se aproximou dos 231 mil, em 2002. Embora os dados quantitativos nos anos de 1972, 1992 e 2002 sejam bastante próximos, houve uma grande evolução na taxa de alfabetização que chegou a 7,1%, em 2002, mostrando que houve no país incentivo a educação básica de crianças. De 2002 a 2005 a taxa de analfabetismo seguiu em decadência atingindo, em 2005 o percentual de 5,1%, o melhor índice da história paraguaia.

Criado em 2001, o Programa de “Educação Básica Bilíngüe” (PRODEPA KO’E PYAHU) propôs a construção de programas de estudo, materiais educativos específicos para jovens e adultos e avaliação dos aprendizados destes programas.

Os modelos pedagógicos em aplicação no Paraguai estão vinculados a cooperações de Cuba e da Itália. Dos cubanos, as vídeo-aulas do *Yo, sí puedo* e da Itália os acordos para a realização da bi-alfabetização castelhano/guarani. Desta forma se pretende alfabetizar, em média, 40.000 pessoas por ano.

Há, nesses modelos um cuidado para que eles sejam enfocados pela pedagogia de Paulo Freire, desenvolvendo a educação de jovens e adultos como um processo de transformação da realidade. Assim os conteúdos são trabalhados a partir das vivências cotidianas dos participantes, ou seja, por meio da autorreflexão se aprende e se constrói uma sociedade mais justa e solidária.

O PRODEPA se desenvolve em quatro ciclos desenvolvendo as habilidades primárias da leitura e escrita. No raciocínio do cálculo básico no segundo e terceiro módulo, há a fixação das competências de leitura, escrita e do cálculo, havendo espaço para a reflexão crítica da educação social, natural e para a saúde. O quarto e último ciclo propõe a relação dos três ciclos iniciais com a vida cotidiana.

A maioria dos docentes do PRODEPA provém da educação de crianças, realizando aperfeiçoamentos para a Educação de Adultos. Há também um grupo de voluntários. A maioria dos alfabetizadores tem entre 21 e 25 anos e são mulheres. Estes docentes recebem *kits* escolares desenvolvidos para o melhor desempenho profissional.

Instalado nos 17 departamentos paraguaios, o PRODEPA conta com mais de 5.000 pontos de alfabetização; o bi-alfabetização está presente em 6 departamentos e o *Yo, sí puedo* em oito, entre os quais se inclui o Alto Paraná, na fronteira com o Brasil.

Entre os anos de 2004 e 2008, foram estimados pelo Ministério da Educação e Cultura do Paraguai os valores a serem investidos para cada programa. Estes investimentos na alfabetização apontam custos variados para cada programa, tanto no montante, como no *per capita*, como se pode observar no quadro II.

QUADRO II

CUSTOS DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS DO PARAGUAI (US$1)

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO	INVESTIMENTO ESTIMADO (2004 A 2008)	CUSTO POR ALFABETIZADO
PRODEPA	7.600.000	41
Bi-alfabetizacion	7.500.000	31
Yo sí puedo	100.000	12

Fonte: Ministério da Educação e Cultura do Paraguai

Embora houvesse incorporação de 3 mil docentes nos pontos de desenvolvimento dos programas, há necessidade de melhoria na formação dos educadores. Entre as principais dificuldades encontradas na alfabetização de adultos apontam-se a dispersão geográfica das pessoas e a falta de recursos orçamentários para desenvolvimento mais efetivo dos programas.

7. Peru

Segundo dados do ultimo censo peruano, realizado em 2005, existem no país cerca de 1,5 milhões de pessoas com mais de 15 anos, analfabetas, indicando uma taxa de analfabetismo de 8,1% e mais de 2,2 milhões sem a educação primária completa. Embora a quantidade de pessoas analfabetas absolutas e funcionais represente quase um quinto da população peruana, as autoridades educacionais do país apontam para uma evolução gradativa no atendimento e no combate ao analfabetismo, visto que, havia em 1981 uma taxa de 18,1% apenas de analfabetos absolutos.

Nos índices de analfabetismo absoluto, a população feminina corresponde a cerca de três vezes mais do que a masculina. A província que detém a maior taxa de analfabetos do país é Apurímac (23,2%): uma disparidade se comparada com Callao onde a taxa é de 1,8%.

Os objetivos traçados pelo Ministério de Educação peruano procuram a redução significativa na taxa de analfabetismo por meio de processos que tenham maior qualidade e eficácia. Procura também fortalecer os programas de alfabetização e por intermédio deles valorizar as características sociais, econômicas, culturais e lingüísticas dos peruanos, pois existem dezenas de línguas diferentes no país. Tem como meta que até 2012, o país chegue a uma taxa de analfabetismo inferior a 5%, principalmente na população feminina e mais pobre, reduzindo à metade esta última taxa até 2015.

Os programas de alfabetização procuram a inserção de propostas pedagógicas que enfatizem as práticas de leitura e escrita, os conhecimentos matemáticos, a cidadania, o meio ambiente, os direitos humanos e o desenvolvimento sustentável.

Os custos da alfabetização no Peru indicam o investimento de S/.198,01[14] por alfabetizando, em um período de oito meses. Neste *per capita* se encontram valores necessários para a capacitação e pagamento dos alfabetizadores, textos e materiais básicos, além do financiamento da gestão e do apoio logístico. Os financiamentos partem do tesouro nacional, cooperações internacionais e instituições privadas que auxiliam o Ministério da Educação com materiais educativos, capacitações e assessorias técnicas.

8. Uruguai

Dados do censo de 2004 apontam que existiam no Uruguai 286.508 pessoas com mais de 15 anos que ainda não haviam completado a educação primária. O analfabetismo acometia, em 1996, um percentual de 3,21% da população e havia uma projeção nacional para reduzir este percentual para 2,2% até 2004.

A população analfabeta se concentrava em sua maior parte na zona urbana embora a taxa de analfabetismo na zona rural seja maior.

O país se destaca na América do Sul por apresentar atualmente a menor taxa de analfabetismo entre os países.

A educação de jovens e adultos é desenvolvida sob a tutela de um mesmo projeto, desde 1991. Foi elaborado pela Inspeção Nacional de Educação de Adultos, procurando desenvolver programas por meio de unidades específicas que buscam dar sentido aos conteúdos integrados e desenvolver as atividades programáticas por meio de sistemas independentes.

O processo de alfabetização é desenvolvido por meio de módulos. A primeira etapa é composta por oito módulos que se relacionam entre si e têm uma duração bimestral. Nesses módulos, procura-se abordar a realidade do alfabetizando por intermédio de uma abordagem por áreas integradas.

Procura desenvolver e favorecer a inserção dos participantes no mercado de trabalho, havendo em algumas aplicações, um convênio com a *Universidad del Trabajo del Uruguay*.

[14] A moeda oficial do Peru é Soles d'oro.

As temáticas desenvolvidas por meio dos módulos são distribuídas de acordo com o quadro III e em cada um desses módulos desenvolvem-se conteúdos sobre matemática, comunicação, ciência e tecnologia.

Acredita-se que ao finalizar a formação proposta, os alfabetizados tenham adquirido as competências para a produção e compreensão de textos, resolução de problemas (por meio do raciocínio matemático) posicionamento crítico sobre o cotidiano e habilidades para a inserção e adaptação no mercado de trabalho. Após a conclusão de cada um dos módulos os alfabetizandos são titulados por meio de certificados.

QUADRO III

Módulos Programáticos do EDA Uruguaio

Módulo I	O homem e seu contexto I
Módulo II	O homem e seu contexto II
Módulo III	O homem e a paisagem
Módulo IV	Organização da sociedade uruguaia: Antecedentes e atualidade
Módulo V	Organização da sociedade uruguaia: Antecedentes e atualidade
Módulo VI	Estrutura econômica nacional e sua inserção a escala regional, continental e mundial.
Módulo VII	O homem e sua condição humana
Módulo VIII	O ser humano como portador e criador de cultura

FONTE: Ministério da Educação e Cultura do Uruguai

Além das práticas desenvolvidas pelo Ministério da Educação e Cultura, foi criado o Ministério do Desenvolvimento Social, que vem promovendo a prática de alfabetização por meio do método *Yo, sí puedo*, procurando atender à população atingida por adversidades sociais.

9. Venezuela

A população venezuelana era constituída, em 2004, de pouco mais de 26,1 milhões de habitantes e as projeções do Instituto Nacional de Estatísticas da Venezuela apontam para 31 milhões de pessoas em 2015. Os dados do censo de 2001 registravam que havia no país mais de 1,5 milhões de analfabetos, representando um total de 7,5% da população com idade superior a 15 anos.

As políticas alfabetizadoras de jovens e adultos ganharam, a partir de 2003, um novo impulso para o combate ao analfabetismo, pois, por meio do decreto presidencial, se instaurou o Plano Extraordinário de Alfabetização Simón Rodríguez, mais conhecido como *Misión Robinson*.

O objetivo inicial do plano era alfabetizar em um ano um milhão de pessoas. Tal objetivo foi alcançado em 6 meses e, no dia 28 de outubro de 2005 após alfabetizar pouco mais de 1,4 milhões de pessoas, a Venezuela foi declarada “Território Livre do Analfabetismo”. O método utilizado para a erradicação do analfabetismo foi o *Yo, sí puedo* e as aplicações contaram com o auxílio técnico aplicativo de especialistas cubanos.

As prioridades estabelecidas pelo governo local para as práticas de alfabetação focam as populações indígenas, que se localizam em difícil acesso geográfico e aquelas que, por motivos diversos, não puderam ser incorporadas na primeira execução do plano.

Houve no ano de 2006, um repasse financeiro ao Ministério da Educação e Esportes de 13,55% do orçamento nacional; ministério este que investiu 15,44% da verba disponível para as práticas de alfabetização.

Para os beneficiados com o *Misión Robinson*, há no país a possibilidade de se continuar os estudos através do *Misión Ribas* onde o já alfabetizado pode atingir os estudos correspondentes ao sexto módulo do ensino venezuelano.

10. Brasil

O Brasil detém hoje a maior quantidade de analfabetos absolutos da América Latina são mais de 14 milhões de pessoas incapazes de ler e escrever. Os

analfabetos funcionais compõem mais de 31 milhões dos brasileiros totalizando, portanto, 35,3% da população com escolaridade inferior a 4 anos.

O país apresentou um quadro com constantes quedas na taxa de analfabetismo; de 1992 a 2004. Nos oito anos de gestão presidencial de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) a taxa caiu de 16,4% para 11,8%; os dois primeiros anos da gestão do presidente Luis Inácio Lula da Silva proporcionaram a queda para 11,2%[15].

Todavia, há no país uma discrepância étnica, pois, a taxa de analfabetismo entre as mulheres brancas é de 7,4% e das mulheres negras 15,6%; entre os homens essa diferenciação é mais acentuada, pois entre os brancos é de 6,8% e entre os negros é de 16,4%.

Também o desenho geográfico do analfabetismo, seja absoluto ou funcional, apresenta uma acentuada diferenciação entre as regiões brasileiras, conforme se pode observar no quadro IV.

QUADRO IV

Analfabetismo "Absoluto"[16] e "Funcional" por Região Brasileira

REGIÃO	ANALFABETISMO ABSOLUTO		ANALFABETISMO FUNCIONAL	
	TAXA (%)	N.º	TAXA (%)	N.º
Norte	10,2	755.600	23,9	1.749.800
Nordeste	22,4	7.929.300	37,6	13.236.000
Sudeste	6,6	3.861.700	18,1	10.541.000
Sul	6,3	1.256..400	18,6	3.678.600
Centro-oeste	9,2	850.600	22,0	2.028.000

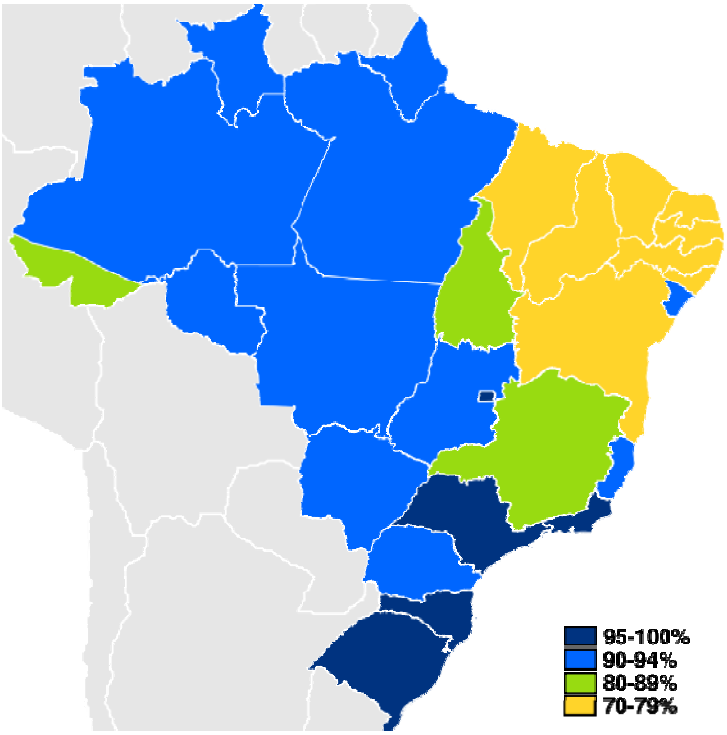
Fonte: PNDA/IBGE

O mapa II facilita a visualização da distribuição da alfabetização no país desagregada por estado.

[15] Cabe observar que, na maioria das vezes, os percentuais enganam. Ainda que tenha apresentado quedas percentuais nas taxas de analfabetismo, desde o Império, o Brasil, até 1992, apresentou crescimento do número absoluto de analfabetos.

[16] As aspas, aqui, se justificam pelo caráter polêmico, para não dizer discriminatório, dos termos. São mantidos os vocábulos por causa de sua freqüência nos documentos oficiais.

MAPA II
Taxa de Alfabetização por Estado Brasileiro



Fonte: UNESCO

O "Plano Nacional de Educação" (PNE) homologado em 2001, propunha que se alfabetizasse mais de 10 milhões de brasileiros nos primeiros cinco anos e se erradicasse o analfabetismo até o final da década; porém, as estatísticas mostram que entre 2001 e 2004, pouco mais de 1 milhão de pessoas havia se alfabetizado.

O atual programa oficial[17] de alfabetização do país é o "Brasil Alfabetizado" e sua aplicação está a cargo da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) no Departamento de Educação de Jovens e Adultos (DEJA).

O investimento federal para o "Brasil Alfabetizado" contabilizou apenas nos quatro primeiros anos de aplicação, um montante superior a R$ 760 milhões o que segundo o Governo Federal, representa 1% dos investimentos orçamentários disponíveis para a educação neste período.

[17] Não se pode esquecer que as iniciativas pela alfabetização, no Brasil, não se limitam ao programa oficial. Há uma verdadeira rede de outros programas, sejam públicos – por iniciativa de governos estaduais e municipais –, sejam da iniciativa da sociedade civil, por meio de organizações não-governamentais (ONGs). O MOVA, por exemplo, é uma verdadeira rede, que cobre várias partes do país e, em muitos casos, ele é subsidiado pelo próprio Governo Federal.

Representantes do Ministério da Educação afirmam que o MEC procurou, por meio do “Brasil Alfabetizado”, valorizar as iniciativas já existentes e que, em alguns casos, o repasse de recursos incentivava a ampliação das propostas de alfabetização. Assim, levaram em consideração uma série de metodologias e práticas de ensino. Cada instituição promotora da alfabetização tem autonomia para apresentar o método que pareça mais adequado ao público alvo, se comprometendo a capacitar os participantes a ler, escrever, interpretar textos e realizar operações matemáticas.

As instituições promotoras devem seguir a determinação do MEC de apresentar um plano pedagógico, contendo a descrição da realidade dos alfabetizandos, a fundamentação teórica do método aplicado, as estratégias para acompanhamento da eficácia da alfabetização e o planejamento de ações. Pede-se também que se faça um levantamento acerca das esperanças e sonhos dos alfabetizandos, relatando características sociais, éticas e políticas da alfabetização.

A parceria entre o MEC e as instituições se faz de maneira que cabe ao Ministério subsidiar as despesas dos alfabetizadores, despesas que variam desde a formação até eventuais gastos com hospedagem, transporte e alimentação. À instituição parceira compete a organização do processo de alfabetização e os materiais didáticos e pedagógicos. Não há a necessidade de professores formados, permitindo-se que os agentes de alfabetização sejam educadores populares e leigos.

Para a formação de cada alfabetizador são destinados, à entidade parceira, R$ 120. As turmas de alfabetização devem ser constituídas por 10 alunos, no mínimo, e 25, no máximo. Porém, dependendo da localização dessas turmas, o mínimo pode ser de cinco alunos.

O “Brasil Alfabetizado” está se desenvolvendo em mais de 4.000 municípios e aponta para uma cobertura total do país nos próximos anos. Os valores destinados ao programa indicam que, desde sua implantação, cada alfabetizado custou, em média, R$ 102,00.

Embora haja avanços na abrangência, no número de capacitados a alfabetizar e na quantidade de alfabetizados, o MEC reconhece que existem ainda algumas barreiras a serem superadas, como a baixa motivação dos alfabetizandos, a alta taxa de evasão e as dificuldades de acesso pelas populações mais afastadas dos pólos de ensino.

Mesmo com um investimento maior do que R$ 218 milhões por ano, os dirigentes do DEJA ainda acreditam ser necessário aumentar os investimentos na avaliação e na supervisão do “Brasil Alfabetizado”. Ressaltam também a necessidade de se realizar uma melhor articulação entre os programas de alfabetizadores e os de pós-alfabetização.

CAPÍTULO II

O MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO *"YO, SÍ PUEDO"*

> O analfabeto não é um número estatístico acompanhado de duas variáveis: Não saber ler, não saber escrever. O analfabeto, antes da representação em cifras, é a representação concreta objetiva do mundo da opressão, do mundo desumanizado. O analfabeto é uma pessoa que foi despojada por outros de sua palavra, razão pela qual também foi despojado de sua humanidade. O analfabeto se converte em um "objeto" para outros. (CERVANTES, 2005, p. 48)[18]

1 . O Processo de Alfabetização Cubano

A propulsão necessária para que Cuba se tornasse um país livre do analfabetismo deu-se em 1.º de Janeiro de 1959, quando o então ditador Fulgencio Batista abandona o país devido aos ataques das forças rebeldes lideradas por Fidel Castro. Batista estava no poder desde o golpe militar de 1952 e seu regime assolava o país em uma crescente miséria; os trabalhadores rurais perdiam suas terras devido à exploração de latifundiários e colonos estrangeiros. As estatísticas oficiais da época apontavam um índice de analfabetismo de 31%; porém, segundo Carmen Gómez García, professora titular da Universidade de Havana, esses dados não merecem muita confiança.

A medida inicial adotada pelos revolucionários para o fim do analfabetismo fez com que os soldados rebeldes passassem a se alfabetizar, recebendo aulas nos momentos em que não estavam em combate. As populações camponesas adjacentes aos grupos de soldados também eram alfabetizadas. Essa prática encontrou algumas dificuldades, entre elas, a linguagem infantil das cartilhas existentes que não motivava grande parte dos combatentes e dos civis, tornando evidente a necessidade de se desenvolver um outro método de alfabetização.

---

[18] *El analfabeta no es un número estadístico acompañado de dos variables: no saber leer, no saber escribir. El analafabeta, antes de la representación en cifras, es la representación concreta objetiva del mundo de la opresión, del mundo deshumanizado. El analfabeta es uma persona que fue despojada por otros de su palabra, por lo que también fue despojado de su humanidad. El analfabeta se convierte em um "objeto" para otros* (trad. Marcus Vinícius de Mattos Alvarenga)

Em seu primeiro discurso na Assembléia Geral da ONU, em setembro de 1960, Fidel Castro critica o sistema imperialista estadunidense e declara que a população de seu país se dispõe a alfabetizar toda a população cubana em um ano. Motivadas e mobilizadas pelo prazo estabelecido, cria-se, por meio de diversas organizações, a Comissão Nacional de Alfabetização, que foi responsável por criar, antes do início de 1961, uma nova concepção, consignada na publicação *Venceremos*, acompanhada pelo manual de alfabetização *Alfabeticemos.*

Ilustração 4 - Cartilha *"Venceremos"* e Manual do alfabetizador *"Alfabeticemos"*

Cartilha e manual apresentavam conteúdos que não se limitavam a mecanizar o processo do aprendizado da leitura e da escrita, mas temáticas direcionadas a suscitar traços sócio-politico-culturais dos analfabetos. García exemplifica essa característica na primeira lição da cartilha:

> A primeira lição da cartilha começava dizendo "*La Reforma Agraria Va".* Fazia-se com que os alunos identificassem essa frase que se encontrava em inúmeras placas e cartazes em todo o território nacional, nas páginas de jornais e nos anúncios televisivos. Tomava-se depois a palavra "reforma" e se dividia em sílabas: re-for-ma e a "m" da sílaba "ma" se unia com outras vogais: ma-me-mi-mo-mu, formando com elas outras palavras como "mama" e assim se continuava com outras frases até se esgotarem todas as letras do alfabeto. (GARCIA, 2005)[19].

[19] *la primera lección de la cartilla comenzaba diciendo "La Reforma Agraria Va". Se hacía que los alumnos identificaran esta frase que se encontraba en numerosas vallas y carteles por todo el territorio nacional, en las páginas de los periódicos y en los anuncios de la televisión. Se tomaba después la palabra reforma y se dividía en silabas : re-for-ma y la "m" de la silaba "ma" se unía con las otras vocales: ma- me- mi- mo- mu, para a continuación formar con ellas otras palabras como "mama", y así se continuaba con otras frases hasta agotar todas las letras del alfabeto* (trad. Marcus Vinicius de Mattos Alvarenga) http://www.achegas.net/numero/vinteetres/carmen_garcia_23.htm - Ultimo acesso em 11/05/2009 – 20h54min

O ano de 1961 iniciou-se com a morte de um jovem alfabetizador voluntário: precisamente no quinto dia daquele ano, Conrado Benítez, 18 anos, foi assassinado na província de *Las Villas*, onde seus alunos o esperavam para as aulas daquele dia. O crime foi uma tentativa anti-revolucionária de amedrontar os demais alfabetizadores de camponeses; todavia, as práticas alfabetizadoras continuaram.

A campanha alfabetizadora alcançou grande êxito na zona urbana. Porém, era necessário atingir rapidamente as zonas rurais e montanhosas e, por isso, foi feita uma conclamação aos estudantes dos níveis secundário e universitário para que fossem incorporados às Brigadas de Alfabetização. No total mais de 100 mil pessoas se comprometeram nas práticas alfabetizadoras e dessas cerca de 55 mil eram mulheres. As brigadas levavam o nome de Conrado Benítez em homenagem ao jovem assassinado e foram preparadas para iniciar suas atividades em 17 de abril de 1961. Entretanto, dois dias antes do início das atividades, aviões estrangeiros bombardearam os aeroportos de *Ciudad Libertad*. A população se mobilizou e, em menos de setenta e duas horas derrotaram os invasores, retomando, assim, as práticas alfabetizadoras.

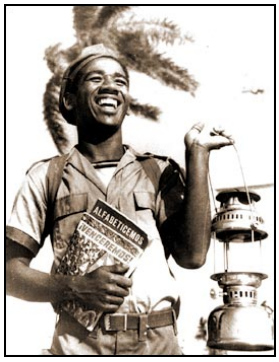


Ilustração 5 - Militante das Brigadas Conrado Benítez

No dia 22 de dezembro de 1961 Cuba tornou-se território livre do analfabetismo após alfabetizar 707.212 pessoas em um ano. Reduzindo a 3,9% a sua taxa de analfabetismo uma das menores do mundo e, sem dúvida nenhuma, a menor da América Latina.

Os dados mais recentes da medição do analfabetismo no país datam do censo nacional cubano, realizado em 2002, e publicado no The World Factbook 2007 que apontavam uma população de cerca de 11,3 milhões de habitantes para o

país e destes, quase 82% acima dos 15 anos de idade. A taxa de analfabetismo correspondia a 0,2%, o que equivale a pouco mais de 15 mil cubanos.

O êxito obtido por meio dessa ação foi propulsor de novos objetivos para a educação cubana, como os de promover a pós-alfabetização, garantir uma educação infantil de qualidade e desenvolver sistemas e métodos para a educação de adultos, a fim de não retroceder diante do analfabetismo,

Dentre as medidas levadas a efeito, foi desenvolvido o método *Yo, sí puedo* que é objeto desta dissertação de mestrado.

1. O Método de Alfabetização *Yo, sí Puedo*[20]

O método de alfabetização intitulado *Yo, sí Puedo* apresenta-se como uma ajuda solidária promovida pelo Governo e o povo cubano a um grande número de países do mundo inteiro. De acordo com o *Informe dos Países*, documento agregado do *Plano Iberoamericano de Alfabetização e Educação Básica de Pessoas Jovens e Adultas*, proposto pela Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI)[21], o método tem como objetivos contribuir para a redução das taxas de analfabetismo existentes de forma que se economizem recursos humanos e materiais; estimular a participação da sociedade no processo alfabetizador por meio de organizações não-governamentais (ONGs), sindicatos e empresas; impedir exclusões na alfabetização e oferecer a possibilidade de seqüência de escolaridade. Os resultados obtidos estão expressos em nove prêmios da Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura (UNESCO), dentre os quais se destaca a Menção Honrosa do Prêmio Rei Sejong de Alfabetização.

O método foi formulado pela professora cubana Leonela Inés Relys Díaz, sendo desenvolvido no ano de 2000, pelo *Instituto Pedagógico Latinoamericano y*

---

[20] Embora já traduzido para o português, todas as discussões feitas, neste trabalho, sobre o desenvolvimento do método, terão como base a alfabetização realizada nos países de língua espanhola. No Brasil, as pequenas e residuais experiências com o método não autorizam uma análise mais detalhada e profunda, pois mesmo elas foram interrompidas por força da reação dos alfabetizadores brasileiros que reagiram negativamente à implantação do método no país. Mais adiante, esta questão será examinada nesta dissertação. Cabe, aqui, a ressalva que o idioma espanhol apresenta alguns símbolos e sinais lingüísticos diferentes do idioma português.

[21] Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) é composta pelos países europeus Portugal e Espanha, pelo africano Guiné Equatorial e por todos os países da América Latina.

Caribeño (IPLAC) que, em vista das grandes demandas de alfabetização existentes no mundo, experimentou sua aplicabilidade no Haiti. As primeiras experiências foram realizadas por intermédio de aulas que eram transmitidas através de emissoras de rádio. Posteriormente, o método foi adaptado e, hoje, se desenvolve por meio de vídeos (VHS) e DVDs, em 12 versões idiomáticas, contextualizadas para diferentes países e regiões.

Ilustração 6 - Leonela Inés Relys Diaz

Em virtude do sucesso do método, a Cátedra de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos do IPLAC colaborou até 2006, com a alfabetização de mais de dois milhões de pessoas, em 15 países: Venezuela, Haiti, Paraguai, Argentina, México, Equador, Bolívia, Peru, Honduras, Nicarágua, República Dominicana, Nova Zelândia, Moçambique, El Salvador e Brasil[22]. O documento do IPLAC enviado a OEI afirma que o projeto também está em vias de implantação no Timor Leste, Nigéria, Guiné Bissau, África do Sul, Namíbia e Serra Leoa, além do interesse manifestado por Egito, Angola, Guiné Equatorial, Gâmbia e Gana.

Para a implantação do método, é necessária uma exploração do local de sua aplicação, analisando a densidade populacional, dados estatísticos do analfabetismo língua oficial e interesses, necessidades e motivações daqueles que participarão da execução do processo. Essa sondagem inicial é de responsabilidade do país ou comunidade em que será feita a aplicação, por meio de uma assessoria de pedagogos cubanos. Procura-se também nessa atividade de investigação identificar a população alvo, criar a equipe técnica gestora e elaborar o cronograma das

[22] Veja maiores detalhes sobre a aplicação piloto do Método *Yo, sí Puedo* no Brasil no capítulo 4 desta dissertação onde participantes das aplicações tecem seus comentários.

atividades. É fundamental, nesse momento da aplicação, definir os locais de encontro e os meios de ensino.

Os três meses que seguem a investigação-piloto servem para a promoção e divulgação do projeto, capacitação dos facilitadores, publicação dos materiais didáticos e a aplicação experimental do projeto de alfabetização. Também se faz necessário nessa etapa a avaliação das aplicações ajustando-as as necessidades e aperfeiçoamentos cabíveis antes de sua generalização.

O processo de generalização é fruto da conclusão das etapas anteriores e é nessa etapa que o projeto se estrutura em função das necessidades do público alvo. Nesse momento são feitas as adaptações para sua aplicação em contextos sócio-culturais específicos. Esta etapa é fundamental para se programar o tempo previsto de alfabetização, pois, embora se afirme que o *Yo, sí Puedo* desenvolve as práticas de leitura e escrita entre dois e três meses, é necessário que o tempo seja ajustado de acordo com a necessidade da população trabalhada.

Finalmente, uma quarta etapa é realizada a fim de se apurar quantitativa e qualitativamente o processo realizado e seus impactos produzidos. Todo este processo é realizado para que se descubram as especificidades na busca de uma alfabetização sócio-educativa.

Apresenta-se como diferencial do método em relação a outros de mesma natureza, o fato de o processo de alfabetização partir de algo já conhecido que são os números para o desconhecido, que são as letras associando a cada uma delas um número. Por exemplo: A corresponde a 1, B a 20 e C a 10. É um diferencial importante para os defensores do método, porque acreditam que, embora iletrado muitas vezes o analfabeto tem conhecimento da representação dos algarismos e numerais. A própria criadora do método reforça a afirmação, justificando que de fato, os analfabetos têm conhecimento dos números por causa das atividades em que se envolvem no cotidiano, como, por exemplo, as de compra e venda.

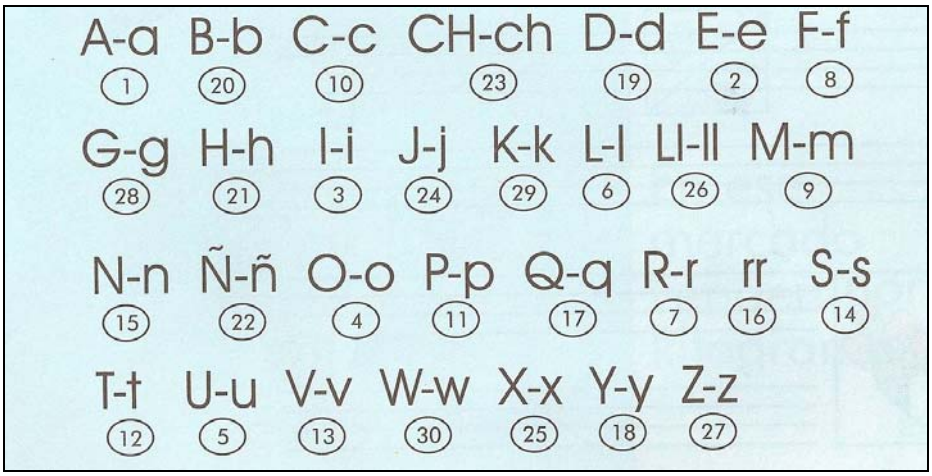


Ilustração 7 - Relação das letras e seus números correspondentes

O critério para a associação número/letra é estabelecido de acordo com a necessidade de uso das letras e seus fonemas no cotidiano do educando, apresentando uma escala pré-estabelecida, em concordância com o idioma da aplicação.

O material pedagógico do *Yo, sí Puedo* é composto por cartilhas educativas para os alunos, 17 vídeos VHS, gravados em Cuba, contendo as 65 tele-aulas, e um manual facilitador para uso do alfabetizador.

Ilustração 8 - Capa da cartilha do Método *Yo, sí Puedo*

No decorrer de sete páginas, as cartilhas apresentam desenhos que correspondem às palavras utilizadas, oferecendo facilidades para compreensão e trabalho alfabetizador. Apresentam um quadro que tem por objetivo aliar as letras aos seus respectivos sons, o que possibilita completar os espaços em branco do

exercício, e espaços próprios para a construção da escrita do alfabetizando com linhas.

São apresentados, na cartilha, quatro logotipos universais de identificação: um ouvido, um olho, um livro e um lápis. Por meio desses caracteres os alfabetizandos saberão a tarefa que deverão realizar: escutar, observar, ler ou escrever. Após todo o conteúdo da cartilha, há também uma página em branco para que o alfabetizando possa se identificar e demonstrar sua compreensão dos conteúdos, escrevendo uma carta.

Quanto aos conteúdos, as vídeo-aulas apresentam dramatizações, para que o uso da imagem e do som desenvolva o conteúdo de cada encontro. Cada vídeo expõe exemplos e explicações que relacionam o conteúdo com a cultura geral, representando a forma de vida, características socioculturais e lingüísticas do país ou comunidade da aplicação.

Leonela Díaz afirma:

> A alfabetização através do rádio e da televisão deve estar precedida, em sua concepção, dos resultados de um diagnóstico integral que possibilite tomar conhecimento das características socioeconômicas, geográficas, políticas, culturais e religiosas do país, região ou localidade em que se aplique.
> (...) conhecer as palavras mais utilizadas no universo vocabular das pessoas, não só iletradas, mas também das letradas (DIÁZ, 2005).[23]

O IPLAC justifica o uso da alfabetização por rádio e televisão pelo fato de os veículos de comunicação atingir um grande número de pessoas iletradas, além de contribuírem para a elevação da autoestima do aluno favorecido, permitindo que ele possa aprender na sua própria casa ou em pontos coletivos de ensino. Também justifica-se o uso destes recursos, pois, através dele, não há a necessidade da formação de uma grande equipe de facilitadores de aprendizagem e tais

---

[23] *La alfabetización en la que se utilicen la radio y la televisión debe estar precedida, en su concepción, por los resultados de un* ***diagnóstico integral*** *que posibilite tener en cuenta las características socioeconómicas, geográficas, políticas, culturales, religiosas del país, región o localidad de que se trate (...) conocer las palabras más utilizadas en el universo vocabular de las personas no solo iletradas, sino también de las letradas* (trad. Marcus Vinicius de Mattos Alvarenga). http://www.yosipuedo.com.ar/art-leonela.htm - Último acesso em 11/05/2009 – 21h10min

equipamentos podem ser reaproveitados na alfabetização de outras turmas, barateando os custos por alfabetizando.

A esses facilitadores são designadas as tarefas de organização geral da aplicação, fazendo uso do material gravado nos vídeos e da motivação dos alunos para a participação nas aulas. Cada facilitador é orientado por meio de manuais que capacitam para a aplicação e avaliação do processo.

O desenvolvimento do método se dá por intermédio da fragmentação da metodologia em três etapas: A primeira consiste no *Adestramiento* (adestramento[24]), na qual se desprendem dez lições, das quais cinco são utilizadas para a confirmação e o aprendizado da representação gráfica dos números, trabalhando também a familiarização e o desenvolvimento de habilidades psicomotoras e das expressões e manifestações orais; a outra metade consiste no ensino das vogais, que já estão relacionadas aos respectivos números de acordo com a tabela já apresentada.

Desta feita, se parte, efetivamente, para a alfabetização. A segunda etapa denominada *Aprendizaje de la lecto-escritura* (Aprendizagem da leitura-escrita) ocupa, na aplicação em língua espanhola, quarenta e duas lições, divididas para a prática de dois momentos distintos: as 24 primeiras lições desta etapa vão ao encontro do aprendizado das consoantes e fonemas[25]; as 18 aulas restantes visam sanar as dificuldades apresentadas pelo idioma da aplicação, sempre se preocupando com a relação das letras com os números.

A cartilha do Método *Yo, sí Puedo* apresenta ilustrações, nesta etapa da alfabetização, induzindo o reconhecimento, por meio da figura, a representação gráfica, a grafia que indica a palavra, que será tratada como objeto de estudo. Cabe, aqui, reforçar que a escolha dessas palavras é feita com base na relação que têm com o cotidiano dos alfabetizandos.

---

[24] O termo adestramento é considerado um equivoco por alguns educadores que afirmam que para o processo educacional não se faz necessário adestrar ninguém, para eles, isso deixa o método cubano com certa defasagem.
[25] O alfabeto espanhol é composto pelas mesmas vinte e uma consoantes do alfabeto português, mais as grafias específicas CH, LL e Ñ.

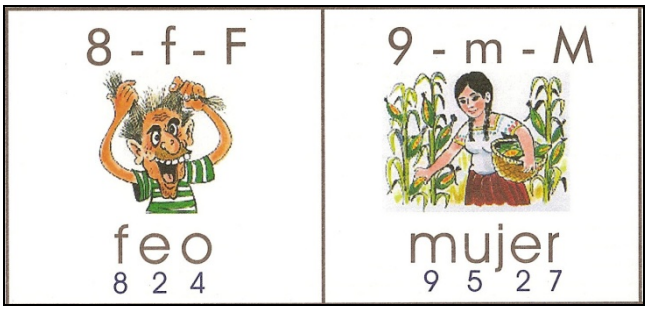


Ilustração 9 - Figuras apresentadas nas cartilhas

Após o estudo da palavra correspondente às letras, apresenta-se, por meio do facilitador, uma idéia ou oração em que os educandos deverão extrair a palavra chave, dividindo-a em sílabas e produzindo, verbalmente, novas palavras e idéias. Dessa forma, assim que os iletrados obtiverem o domínio de todas as grafias, se introduz, aos poucos, a letra cursiva.

Realizadas as atividades desta etapa, parte-se, então, para a última etapa, denominada *Consolidación* (Consolidação) e cujo objetivo está em fixar os conhecimentos absorvidos anteriormente. A esta etapa se destinam 11 aulas e duas redações finais.

Para o melhor desempenho nesta etapa, é necessário retomar as dificuldades das grafias dos principais fonemas. Para isso, faz-se uso do entreterimento, utilizando jogos. É proposto ao participante que diga e escreva o nome das imagens que são previamente apresentadas, podendo se valer dos números para localizar as letras. O facilitador deve dirigir suas instruções aos conhecimentos que requerem explicações mais claras, reforçando os exercícios da leitura escrita. É fundamental que o aluno possa desenvolver a escrita e leitura em um nível elementar. Para isso, ele deve organizar palavras até obter um sentido claro e lógico.

Para a avaliação dos êxitos obtidos pela aplicação do *Yo, sí Puedo*, deve-se observar a relação entre o número de matriculados e concluintes, com a qualidade requerida. Deve valorizar as práticas de leitura apresentadas pelos concluintes, bem como fazer o controle sistemático da aprendizagem da escrita dos participantes das turmas em que o método foi aplicado.

Cuba afirma que, com um investimento inferior à US$ 10 milhões, é possível alfabetizar[26], no intervalo de dez anos, cerca de 1,5 milhões de pessoas. Este valor

[26] Entende-se por esta alfabetização a capacitação em leitura e escrita, por meio do Método *Yo, sí Puedo* e condução destes alfabetizados até o *sexto grado* (ultimo nível do primeiro grau cubano).

é dividido em um investimento inicial de US$ 3 milhões, mais US$ 700 mil por ano, durante os nove anos subsequentes, que se destinam à aquisição de materiais educativos, manutenção das equipes e possíveis gastos com comunidades em que não haja abastecimento elétrico.

Os custos com materiais para um grupo de 20 participantes e um facilitador obedecem ao quadro V a seguir especificado. É importante ressaltar que, de acordo com os dados apresentados, para a criação de um ponto de encontro para 20 participantes, é necessário um investimento de US$ 15,85 por alfabetizando. Este *per capita* pode ser alcançado devido ao reaproveitamento dos meios de alfabetização em massa (TV e videocassete e jogo com fitas VHS). O investimento cai para US$ 5,95, caso haja três grupos de 20 alfabetizandos no mesmo local.

Estes custos citados não incluem a manutenção dos equipamentos, nem o pagamento do alfabetizador.

O orçamento do quadro V dá uma idéia melhor do investimento necessário mencionado.

QUADRO V

Custos de Investimento para um Grupo de 20 Participantes e um Alfabetizador

Componente de Custo	Quantidade	Total (U$)
Televisor	1	160,00
Aparelho videocassete	1	60,00
Cartilha de alfabetização	20	20,00
Manual para o facilitador	1	2,00
Jogo com 17 fitas VHS	1	75,00
Total		**317,00**

Fonte: OEI/IPLAC

3. A Repercussão do Método *Yo, sí Puedo*

Embora o método cubano tenha sido aplicado em diversos países, este trabalho focalizará a repercussão no Brasil e em mais dois países latino-americanos.

Portanto, neste item, será apresentado a implantação, o desenvolvimento, os resultados obtidos e a situação atual da aplicação do método na Venezuela, Bolívia. Para a análise no Brasil será desenvolvido um item à parte, dado o detalhamento necessário que a situação brasileira exige para os fins desta dissertação, que é a comparação entre o método cubano e o Método Paulo Freire.

A escolha da Venezuela deve-se ao fato de este país ter sido, em 2005, considerado território livre do analfabetismo graças à intervenção do método cubano, que foi utilizado para alfabetizar mais de 1,4 milhões de pessoas, segundo as informações contidas nas fontes já mencionadas.

A Bolívia foi escolhida devido à significativa expansão da aplicação do método no país, nos últimos anos. Para dar um exemplo, em 2005, só no estado de Tarija, 5.047 pessoas se alfabetizaram pelo *Yo, sí Puedo*.

Antes, porém, de qualquer estudo específico nos países mencionados, há de se fazer, ainda que brevemente, um relato sucinto sobre a aplicação do Método em outros países. Afinal, até 2006, mais de 2,3 milhões de pessoas do mundo todo já haviam tido acesso ao *Yo, sí Puedo*. Desse total mais de 1,9 milhões já estavam aptos a ler e escrever.

a) Argentina

A aplicação na Argentina conta com mais de 129 centros de alfabetização, atingindo, no ano de 2007 mais de 5 mil alfabetizados e 259 facilitadores. Os primeiros beneficiados pelo método, procurando estimular as próximas turmas e reforçar o aprendizado, lançaram um folheto intitulado *Vos podés* (Vós podeis).

b) México

O método foi aplicado em 10 estados do México e já teve sua aplicação concluída em cinco deles. Encontra-se em aplicação para mais de 200 mil mexicanos, situados nos estados de *Michoacán*, *Tabasco*, *Oaxaca*, *Puebla* e *Estado de México*.

c) Equador

Mais de 10 mil pessoas já foram beneficiadas pelo método cubano no Equador. A alfabetização está sendo promovida em 54 municípios localizados em 16 províncias equatorianas. A primeira aplicação do método se deu na cidade de

Cotacachi, onde, no ano de 2002, a um custo de US$ 18,00 por pessoa, o índice de analfabetismo caiu de 22,3% para 3,8%.

d) Nicarágua

Na Nicarágua o projeto piloto se iniciou em Agosto de 2005, atingindo, inicialmente, 2.029 pessoas em 15 municípios. A adequação e a aceitação do método foram tão grandes que, no início de 2007, havia quase 20 mil participantes e quase 2.000 pontos de alfabetização.

e) Paraguai

O *Yo, sí Puedo* é um dos programas de alfabetização utilizados pelo Paraguai. Sua prática é de responsabilidade da Unidade de Educação Não Formal. As cartilhas são distribuídas pelo jornal *Crônica* e as tele-aulas transmitidas pela *Red Guaraní* em inserções de 30 minutos, duas vezes ao dia. A aplicação do método cubano se realiza em oito estados paraguaios, inclusive em *Caaguazú*, estado limítrofe ao Brasil.

f) Outros países

Diversos outros países, como Timor Leste, Guiné Bissau e Granada também já alfabetizaram por meio do método cubano. Outros, como Namíbia, Serra Leoa e Colômbia, apresentam acordos mais avançados; Angola, Egito e Gana já manifestaram o interesse para um eventual projeto-piloto.

Segundo dados divulgados no documento da OEI[27], o Instituto Pedagógico Latino-Americano e Caribenho (IPLAC) afirmava, há alguns anos atrás, que, em 15 países, mais de dois milhões de pessoas seriam alfabetizadas, pelo *Yo, sí Puedo*, até o final de 2007.

Os dados do quadro VI dão uma visão de conjunto mais adequada do ambicioso “Plano Ibero-Americano de Alfabetização e Educação Básica de Pessoas Jovens e Adultas – 2007 - 2015”. A Venezuela se destaca, detendo cerca de ¾ de todo o contingente de alfabetizandos e alfabetizados, seguido pelo México e pela Bolívia.

[27] Plano Ibero-americano de Alfabetização e Educação Básica de Pessoas Jovens e Adultas – 2007 - 2015

QUADRO VI

Situação da Alfabetização pelo *Yo, sí Puedo*

Países	Alfabetizandos	Alfabetizados	Total
Argentina	913	4.330	5.243
Bolívia	100.000	5.047[28]	105.047
Brasil	228	87	315
El Salvador	600	1.449	2.049
Equador	8.912	10.435	19 347
Haiti	-	239.977	239.977
Honduras	420	533	953
México	186.375	204.160	390.535
Moçambique	5.840	13.712	19.552
Nicarágua	18.206	4.413	22.619
Nova Zelândia	3.168	2.092	5.260
Paraguai	3.380	5.620	9.000
Peru	198	97	295
República Dominicana	271	209	480
Venezuela	18.727	1.482.543	1.501.270
Total	**347.238**	**1.974.704**	**2.321.942**

Fonte: OEI/IPLAC

O caso brasileiro é residual, especialmente se levar em consideração seu elevado número de analfabetos. Da mesma forma o são os casos de Peru e República Dominicana. Nesses países, foram implantados apenas projetos piloto, para eventuais futuras massificações. No Brasil, as localizadas experimentações do método logo encontraram resistências dos educadores e alfabetizadores.

Quando o IPLAC se refere a “Alfabetizandos”, expõe os valores dos participantes que ingressaram nas aplicações de 2007. Os dados relativos à “Alfabetizados” dizem respeito à quantidade de pessoas que se alfabetizaram até o final de 2006, incluindo experimentações piloto do método cubano (como no caso do Brasil, por exemplo).

[28] Valor correspondente apenas à aplicação na província de Tarija

O mapa III apresenta os resultados obtidos pelo método *Yo, sí Puedo* nos países da América do Sul.

MAPA III

Repercussão do Método *Yo, sí Puedo* na América Latina

Fonte: IPLAC – OEI

Devido à Venezuela ser o país com o maior número de beneficiados com o método e a Bolívia ser um país em crescente abrangência do mesmo, este trabalho fará alguns comentários nem que sejam sumários a respeito das práticas realizadas em tais países.

3.1 - Venezuela

A população da Venezuela, de acordo com o Instituto Nacional de Estadísticas de Venezuela (INE) ultrapassava, em 2004, os 26 milhões de habitantes. O censo realizado em 2001 indicava que os índices de analfabetismo atingiam 7,5%, o que representava mais de um milhão de venezuelanos.

Procurando libertar o país do analfabetismo, foi criado, por meio do decreto presidencial n.º.2.434, datado de 30 de maio de 2003, o Plano Extraordinário de Alfabetização "Simón Rodrígues"[29], conhecido como *Misión Robinson* que passou a utilizar o Método *Yo, sí Puedo* na alfabetização de jovens e adultos.

A homenagem prestada no nome do plano deve-se à importância deste filósofo e educador venezuelano que viveu entre os séculos XVIII e XIX e que adotou, no exílio, o pseudônimo de Samuel Robinson. Por isso a popularização do plano de alfabetização se deu sob a denominação *Missíon Robinson*.

Ilustração 10 - Logotipo do Plano Nacional de Alfabetização da Venezuela

Coube a Cuba enviar instrutores que prepararam mais de 129 mil alfabetizadores venezuelanos que deveriam alfabetizar entre outros compatriotas 70 mil indígenas espalhados por dezenas de comunidades, de modo bilíngue.

O governo venezuelano estabeleceu então um programa de incentivos para aqueles que aceitassem trabalhar na alfabetização, oferecendo desde cestas alimentares até um auxílio financeiro de 75 dólares mensais, valor correspondente a metade do salário mínimo legal no país.

---

[29] *Se crea, con carácter permanente, la Comisión Presidencial de Alfabetización, la cual tendrá por finalidad el estudio, formulación, coordinación, seguimiento y evaluación del Plan Extraordinario de Alfabetización «Simón Rodríguez» con el objeto de eliminar el analfabetismo existente en la población venezolana.* – Gaceta Oficial – Caracas - 04/06/2003

No *site* da *Rede Voltaire*[30] encontra-se uma entrevista realizada com Aristóbulo Istúriz, ministro da Educação, Cultura e Esporte da Venezuela, por época da implantação das práticas do método cubano. Esta entrevista foi publicada, em 2005, na revista *Brasil de Fato* e nela, o ministro justifica a adoção do método *Yo, sí Puedo*, afirmando:

> Porque é um método que vai do mais complexo ao mais simples. Do conhecido, ao desconhecido. Aplica o conceito andragógico[31] segundo o qual os adultos conhecem os números, mas desconhecem as letras. Aproveita a experiência de vida dos adultos para acelerar o processo de aprendizagem. Pela associação de letras e números se facilita a compreensão. Em sete semanas e meia, um adulto aprende a ler e escrever. Um dos aspectos importantes foi incorporar a tecnologia da comunicação, o televisor, o videocassete, o professor no vídeo acompanhado de um facilitador na sala de aula. O uso da tecnologia permitiu massificar o método. Com a ajuda dos assessores cubanos e das Forças Armadas conseguimos implementar o programa.

Isturíz afirma, ainda, nessa mesma entrevista, que o combate ao analfabetismo só foi possível devido a um investimento financeiro elevado, que partia de 2,7% para 7% do PIB destinado à educação. Assim, em 28 de outubro de 2005, a Venezuela declarou-se livre do analfabetismo depois de ter alfabetizado, por meio de missões, exatos 1.484.543 cidadãos, desde 1º de Julho de 2003.

Segundo dados, considerados oficiais pelo portal de Internet Uol, “do total de venezuelanos alfabetizados, 16,3% tinham entre 15 e 25 anos; 26,2%, entre 26 e 40; 41,6%, entre 41 e 59; e 15,9%, mais de 60 anos”[32].

Atualmente, a Venezuela controla a baixa taxa de analfabetismo por meio de práticas do método cubano aqui estudado e desenvolve e aplica a *Mision Ribas* em que, também por meio de um método cubano (*Yo, sí Puedo seguir*), realiza a pós-alfabetização daqueles que participaram do *Mision Robinson*.

O programa desenvolvido na Venezuela chamou a atenção do então governador maranhense Jackson Lago que, de acordo com notícia publicada em

---

[30] http://www.voltairenet.org/article130638.html - Acessado em 28/07/08 - 21h08min

[31] Andragogia é a ciência voltada para a aprendizagem de adultos.

[32] http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2005/10/28/ult1766u12850.jhtm - Acessado pela ultima vez em 04/09/2008 – 07h55min

março de 2008, no site da Radioagência Notícias do Planalto[33] reuniu-se com embaixador da Venezuela, Maximilien Arvelaiz, “para discutir planos de cooperação técnica e intercâmbios nas áreas da educação, saúde e comércio”.

Até o início de Setembro de 2008, informações procedentes do vice-cônsul e representante do Ministério da Educação cubano Adolfo Nuñes Fernández, indicavam que ainda não existia nenhuma prática oficial associada ao governo do Maranhão. Informou por outro lado que havia práticas de alfabetização do MST que aconteciam nos acampamentos e áreas de implantação da reforma agrária naquele Estado. Entretanto havia uma expectativa de implantação de unidade de alfabetização que seguiriam as orientações do método cubano, até o final daquele ano.

3.2 – Bolívia

Dados estatísticos[34] comprovam que a Bolívia foi o país que durante anos apresentou a maior taxa de analfabetismo entre os países da América do Sul. Todavia, esse índice caiu nos últimos anos e a justificativa apresentada pelo Ministério de Educação e Culturas é que coube ao método *Yo, sí Puedo* tal transformação. Até dezembro de 2006 havia 311.477 bolivianos concluintes ou participantes das práticas alfabetizadoras dessa metodologia. Segundo notícia divulgada no *site* da OEI, em 20 de maio de 2008, 80% dos analfabetos que viviam na Bolívia já haviam sido atendidos e o país já contabilizava mais de 145 municípios livres do analfabetismo.

Até 15 de agosto de 2008, mais de 44 mil bolivianos haviam trabalhando nas campanhas de alfabetização como facilitadores ou supervisores e dos nove departamentos bolivianos, apenas Oruro já havia atingido a meta inicialmente proposta de alfabetização.

Por meio do decreto supremo n.º 28675, estabeleceu-se o Programa Nacional de Alfabetização (PNA), que criava um acordo de cooperação entre Bolívia e Cuba,

---

[33] www.radioagencianp.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=4359&Itemid=59 - 22k – Acessado pela ultima vez em 04/09/2008 – 07h24min

[34] Mais uma vez, cabe a ressalva que os dados estatísticos estudados apresentam informações transmitidas pelos ministérios educacionais de seus respectivos países.

adotando o método *Yo, sí Puedo* como instrumento metodológico para atingir o sucesso esperado e necessário na alfabetização de adultos.

Ilustração 11 - Logotipo do Programa Nacional de Alfabetização da Bolívia

A preocupação inicial do PNA foi identificar os mais de 800 mil analfabetos, dos quais 80% eram mulheres, sendo que a grande maioria habitava a zona rural ou as periferias das cidades maiores do país. Cerca de 95% dos analfabetos eram de origem indígena.

Em dois anos de aplicação, o programa atingiu 73% dos analfabetos existentes no país.

Desta forma, essa política pública de educação acabou por se tornar uma espécie de programa que se destacava entre os de maior impacto social por lá desenvolvido, dirigindo-se, praticamente, a toda população iletrada e permitindo que as pessoas com limitações físicas também dele participassem.

É importante salientar que o PNA conta com o apoio integral das Forças Armadas bolivianas, da Igreja Católica e de diversas instituições educativas e universitárias.

A parceria Bolívia-Cuba foi bastante benéfica para os bolivianos, pois o governo cubano atendeu por volta de 212 mil pessoas com problemas visuais, doou milhares de televisores de 21 polegadas e videocassetes para se usar nas aplicações do método, as cartilhas de alfabetização em três idiomas (espanhol, *quéchua* e *aymará*) e incorporou mais de 110 profissionais para assessorar a alfabetização[35].

Além do auxílio cubano, a Bolívia também pôde contar com o auxílio da Venezuela que, juntamente com Cuba, doou milhares de aquecedores solares para

[35] Os dados apresentados são baseados em afirmações feitas por Carlos Moldiz Castillo, publicadas no Centro de Mídia Independente de Porto Rico: http://pr.indymedia.org/news/2008/08/33228.php acessado pela ultima vez em 05/09/2008 as 07h20min.

as regiões onde a ausência de energia elétrica pudesse criar obstáculos ao desenvolvimento do plano.

O plano foi implantado em diversas partes do país, de modo que cada meta pré-estabelecida se aproximasse da concretização. Houve um investimento inicial superior a 29 milhões de dólares e, atualmente, o país continua aplicando o método e acreditando na sua eficiência para atender aos remanescentes do analfabetismo ainda existentes por lá.

Notícia publicada pelo Ministério de Educação e Culturas da Bolívia, em maio de 2008, mostrava avanços nos números da campanha alfabetizadora, inclusive a bilíngüe, em que dos 13.565 matriculados em *quechua*, 11.078 foram alfabetizados; enquanto dos 22.524 matriculados para o idioma *aymará*, 7.824 foram alfabetizados.

O censo de analfabetos realizado em 2007 apontava pouco mais de 141 mil alfabetizandos, distribuídos em 24.400 pontos de alfabetização, em toda a Bolívia.

3.3 – Brasil

Antes de iniciar quaisquer discussões acerca da aplicação do método cubano no Brasil, cabe a ressalva de que esta dissertação não tem por objeto identificar a validade das práticas do *Yo, sí Puedo* nem tampouco averiguar sua eficácia na alfabetização de brasileiros como se verá adiante.

O principal motivo pelo qual o método foi inserido em território brasileiro foi a necessidade de se combater os altos índices de analfabetismo de diversas regiões. Para isso, foi realizada oficialmente uma experiência piloto em três cidades piauienses: Caxingó (4 mil habitantes), Buriti dos Lopes (19 mil habitantes) e Murici dos Portelas (6 mil habitantes), com, respectivamente 36, 48 e 64% de taxa de analfabetismo, na faixa etária superior a 25 anos de idade. Essas cidades estão localizadas na região do Baixo Parnaíba, a cerca de 300 km, em média, da capital Teresina.

MAPA IV

Municípios piauienses participantes da aplicação piloto

Os contatos iniciais que antecederam a alfabetização se deram no ano de 2005, precisamente no dia 29 de agosto, pelo então ministro da Educação Fernando Haddad quando manifestou o interesse de realizar um projeto piloto nos municípios piauienses citados acima. De acordo com a notícia publicada, em Agosto, na página de Internet do MEC, as aulas se iniciariam em outubro e o projeto atenderia 100 jovens e adultos, em um período de cinco meses e meio. Já a notícia veiculada na página oficial do governo do Piauí, em 3 de outubro daquele ano, informava que, segundo Antônio Ferreira, diretor da Unidade de Educação Continuada daquele estado, seriam formadas 100 tele-salas, distribuídas nas zonas rural e urbana das três cidades experimentais, onde dez alunos e mais um alfabetizador construiriam o processo educativo.

A execução experimental do programa foi fruto de uma parceria entre os governos cubano, federal brasileiro e estadual piauiense, em que coube aos nacionais o pagamento dos alfabetizadores, do especialista cubano e o fornecimento do material escolar; os cubanos forneceram o material didático (incluindo cartilhas e vídeos) produzidos em Português.

As aplicações experimentais aconteceram e foram acompanhadas pelo professor cubano Carlos Martinez Mollineda que, afirmou em notícia publicada no portal Terra[36] que *uma prova aplicada em 96 alunos dos três municípios mostrou a*

[36]http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI888629EI994,00projeto+com+metodo+cubano+alfabetiza+piauienses+em+dias.html – ultimo acesso em 05/09/2008 as 08h02min

eficácia do projeto. "Desse total, 100% aprenderam os números, a escrever os nomes e a ler e 88% aprendeu a ler com qualidade semelhante aos alunos da primeira série".

Segundo o jornal *Folha de São Paulo* houve na noite de 17 de Março de 2006 a entrega dos primeiros certificados aos primeiros concluintes da alfabetização pelo método. Foram 117 alfabetizados que participaram de uma solenidade realizada na Igreja Matriz de Caxingó que contou inclusive, com a presença do diretor de Educação de Jovens e Adultos do Ministério da Educação, Thimothy Ireland, que ressaltou a necessidade de se fazer a aplicação piloto do *Yo, sí Puedo*: “Achamos importante fazer esse momento de teste, ver como seria. Tanto nós como o governo do Piauí queríamos conhecer e experimentar esse modelo que tem sido bastante exitoso mundo afora”.

A repercussão do método atingiu diversos outros municípios que manifestaram interesse na sua aplicação. Porém no segundo semestre de 2006 aconteceu o VIII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos, em Pernambuco, ocasião em que se discutiu entre outras coisas a viabilidade do método. De acordo com a moção de advertência publicada sobre os resultados alcançados por meio do método cubano, era inviável e desaconselhável a generalização de sua aplicação no país. Dentre as razões apontadas para essa resistência destacava-se o fato de o Brasil não apresentar um contexto revolucionário como o da Venezuela e da Bolívia acreditando como superada a proposta de uma “campanha” de alfabetização em massa.

Vale a pena examinar outro aspecto destacado como justificador da resistência, nos próprios termos da moção:

> d) O legado da educação libertadora de Paulo Freire e de outros educadores tem marcado as experiências educativas em instâncias governamentais e dos movimentos sociais na alfabetização de jovens e adultos.
>
> e) O contexto brasileiro atual e este legado apontam para o fortalecimento e a consolidação de metodologias criativas e adequadas à realidade dos(as) educandos(as), neste momento, e instigam problematizar e questionar a aplicação do método cubano Sim, eu posso! como método único na forma de “campanha”, uma vez que seus princípios político-pedagógicos se contrapõem ao legado brasileiro.[37]

[37] http://www.forumeja.org.br/node/825 - Último acesso em 11/05/2009 – 23h03min

Este aspecto foi a principal motivação para a realização da pesquisa que resultou nesta dissertação.

Mesmo após a moção de advertência, proveniente do Fórum ENEJA, algumas instituições manifestaram interesse na aplicação do método e dele fizeram uso. Entre elas, merece destaque as iniciativas do Movimento dos Sem Terra (MST) que, de acordo com informações do Governo do Maranhão, em 11 de setembro de 2008, formariam as mais de 1.200 pessoas. Contudo, devido ao recorte cronológico deste trabalho não se relatará as práticas do MST, deixando aberta essa discussão para eventuais estudos futuros.

Neste momento da dissertação, cabe uma palavra sobre a análise a respeito da validade e eficácia do Método *Yo, sí Puedo* feita pela UNESCO. O estudo, concluído em agosto de 2006, culminou na premiação do método cubano com o prêmio Rey Seyong. Para esse estudo, a UNESCO examinou materiais e documentos de trabalhos realizados no México, Equador e Paraguai. Coube à organização não governamental peruana Tarea os estudos de caso dos países sul-americanos, enquanto, no México, a mesma tarefa coube ao Instituto Nacional para a Educação de Adultos (INEA).

As análises apresentaram, então, as condições do analfabetismo nos três países e suas respectivas práticas alfabetizadoras com o método cubano, além de relatar os investimentos realizados e a forma com que o cidadão recebe essa alfabetização. Mostram, também as projeções futuras da implementação do método.

Os relatos apontam para sete conclusões sobre a viabilidade do método e cinco para sua eficácia. No tocante à viabilidade é interessante observar as conclusões da UNESCO nos seguintes termos:

> [...] O estudo chegou a conclusão de que "*Yo, sí Puedo*" é, de fato, algo mais que um mero método de alfabetização. Seria mais adquado considerá-lo como um modelo de alfabetização que não só se reduz a uma série de processos, materiais, estratégias, etc mas sim que engloba de forma explícita e implícita o enfoque conceitual da alfabetização, a aprendizagem, as competências para a vida diária e a mobilização social.[38]

---

[38] *El estudio ha sacado la conclusión de que "Yo, sí Puedo" es, de hecho, algo más que un mero método de alfabetización. Sería más adecuado considerarlo como un modelo de alfabetización que no sólo se reduce a una*

Quando é comparado com outros métodos aplicados na América Latina, a UNESCO não apura muita diferença, de modo a afirmar que:

> O modelo aplicado hoje em dia não difere muito de suas outras aplicações iniciais na América Latina. Se tem concebido como uma campanha política e uma oportunidade para mobilizar os distintos protagonistas no plano local, com vista a facilitar a aquisição de conhecimentos básicos de leitura e escrita por parte das populações desfavorecidas. [39]

Ainda no relatório sobre a eficácia do método é reconhecida a ausência de estudos que visam investigar ou difundir o Método *Yo, sí Puedo* causando dessa forma "interrogações com respeito a seu enfoque teórico e metodológico, os processos de avaliação, a definição e categorização da alfabetização, as especificidades da aprendizagem dos adultos e a adaptação ao contexto lingüístico e sociocultural."[40]

A flexibilidade do *Yo, sí Puedo* com relação aos outros processos de aprendizagem também é colocada no foco das discussões de forma que se afirma que o método não parece explorar a possibilidade de criação de vínculos entre a língua, a cultura e a comunicação. Preocupa-se também com a pouca valorização das aquisições de conhecimento anteriores dos alfabetizandos *"dando prioridade a processos de aprendizagem que são um tanto mecânicos e se contemplam como mero instrumentos".*

Com relação às recomendações da UNESCO podemos escalar da seguinte maneira:

- Conceber planos para a pós alfabetização
- Melhorar a coordenação

---

serie de procesos, materiales, estrategias, etc., sino que engloba de forma explícita e implícita el enfoque conceptual de la alfabetización, el aprendizaje, las competências para la vida diaria y la movilización social. (trad. Marcus Vinicius de Mattos Alvarenga) (UNESCO, 2006, p.05)

[39] *El modelo aplicado hoy en día no difiere mucho de sus otras aplicaciones iniciales en América Latina. Se ha concebido como una campaña política y una oportunidad para movilizar a distintos protagonistas en el plano local, con vistas a facilitar la adquisición de conocimientos básicos de lectura y escritura por parte de las poblaciones desfavorecidas.* (trad. Marcus Vinicius de Mattos Alvarenga) (UNESCO, 2006, p.05)

[40] *De ahí que subsistan interrogantes con respecto a su enfoque teórico y metodológico, los procesos de evaluación, la definición y categorización de la alfabetización, las especificidades del aprendizaje de los adultos y la adaptación al contexto lingüístico y sociocultural.* (trad. Marcus Vinicius de Mattos Alvarenga) (UNESCO, 2006, p.05)

- Revisar um modelo conceitual
- Adaptar-se ao contexto
- Fomentar a capacitação dos alfabetizadores e coordenadores
- Melhorar os sistemas de documentação e informação
- Promover a apropriação em seu nível nacional e local
- Promover a educação que é direito de todo ser humano

Nas análises da UNESCO verifica-se também a importância de se formar um modelo de docente para realizar o trabalho alfabetizador.

CAPÍTULO III

O MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO PAULO FREIRE

> Mais que escrever e ler que a “asa é da ave”, os alfabetizandos necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de “escrever” a sua vida, o de “ler” a sua realidade, o que não será possível se não tomar a história nas mãos para fazendo-a por ela serem feitos e refeitos. (FREIRE, 2007, p.19).

1. Origens do Método Paulo Freire

Antes de maiores afirmações acerca de Paulo Freire e seu método, cabe aqui a ressalva que não se procura por meio deste trabalho descrever Freire em sua vida e obra. O objeto deste item é apresentar as situações que fizeram o Método Paulo Freire se expandir pelo mundo os motivos que culminaram no exílio do educador e o contexto em que tal método foi criado.

É interessante antes de quaisquer reflexões sobre o Método e a vida de Freire contextualizar o momento histórico que se instalava no Brasil, na década de 60 do século XX., Afinal foi a educação popular que impulsionou o trabalho de Freire em um contexto denominado “populismo nacionalista”, em que, de acordo com Jardilino, a “educação tornou-se peça chave nas mãos dos políticos populistas que buscavam tão somente o voto das massas populares*”* (2003, p.24). Dessa forma, como quem tinha direito ao voto era apenas o alfabetizado, a alfabetização tornou-se um artefato político exclusivamente direcionado ao aumento do colégio eleitoral.

Aqui, é necessário retornar ao período imediatamente anterior, em que Paulo Freire fez as primeiras experiências com o Método em Recife, antes de aplicá-lo no Rio Grande do Norte e na Paraíba. Para exame de sua aplicação em Angicos, ver a obra FERNANDES, Calazans; TERRA, Antonia. *40 horas de esperança:* O método Paulo Freire: política e pedagogia na experiência de Angicos. São Paulo: Ática, 1994, e, para a análise na Paraíba, ver o livro de SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. João Pessoa, Ed. Universitária/UFPB, 1997.

Neste cenário, no Nordeste brasileiro, destacava-se e chamava à atenção das autoridades brasileiras o trabalho de Paulo Freire, pois, em Angicos, Rio Grande do Norte, 300 trabalhadores foram alfabetizados em 45 dias.

O método desenvolvido por Freire recebeu, então, grandes incentivos por parte do governo João Goulart. De acordo com Nosella,

> (...) aos governadores populistas interessava, sobretudo o aspecto eleitoral: O Método de alfabetização intentado por Paulo Freire, calculavam eles, garantiria rapidamente um enorme número de adultos alfabetizados, um considerável aumento do colégio eleitoral (2007, p.175).

Em Julho de 1963, Freire iniciou seus trabalhos na Comissão de Cultura Popular do Ministério da Educação (MEC), procurando desenvolver a capacitação de coordenadores dos círculos de cultura, prevendo que se instalassem 20 mil destes círculos no ano de 1964, iniciando uma campanha de alfabetização de âmbito nacional.

Ilustração 12 – Freire e o ministro Paulo de Tarso durante visita a um Círculo de Cultura

Mas o educador não havia criado um método que se limitava exclusivamente a compreensão de letras, sílabas e fonemas; era um método que “tinha como proposta capacitar as massas populares a fim de que se tornassem cidadãos livres, ou seja, mudar seu status de massa para povo consciente de sua participação político social no desenvolvimento da nação” (JARDILINO, 2003, p.29).

Em 21 de Janeiro de 1964, teve início o “Programa Nacional de Alfabetização”, cujo coordenador, Paulo Freire, juntamente com o Ministro da Educação, Paulo de Tarso Santos, delinearam como meta alfabetizar cinco milhões de brasileiros em dois anos.

O material didático da alfabetização já não seria mais a cartilha, mas, sim, os Cadernos de Cultura, que direcionavam a alfabetização a um patamar mais elevado, onde, além do ensino da leitura e da escrita, se ensinava, ou melhor, se propunha uma leitura e uma releitura do mundo do educando.

Para o educador Paolo Nosella, o Método Paulo Freire dos anos 60 do século passado era libertador e, por isso, bem mais do que um valor estatístico, a alfabetização tinha um caráter mais político-ideológico. Segundo o próprio Freire

> (...) para à concepção crítica da alfabetização, não será a partir da mera repetição mecânica de pa-pe-pi-po-pu, la-le-li-lo-lu, que permitem formar pula, pêlo, lá, li, pulo, lapa, lapela, pílula etc. que se desenvolverá nos alfabetizandos a consciência de seus direitos, como sua inserção crítica na realidade. Pelo contrário, a alfabetização nesta perspectiva, que não pode ser a das classes dominantes, se instaura como um processo de busca, de criação, em que os alfabetizandos são desafiados a perceber a significação profunda da linguagem e da palavra. Palavra que, na situação concreta em que se encontram, lhes está sendo negada. No fundo, negar a palavra implica em algo mais. Implica em negar o direito de "pronunciar o mundo'. Por isto, "dizer a palavra" não é repetir uma palavra qualquer. Nisto consiste um dos sofismas da prática reacionária da alfabetização (FREIRE, *op. cit.*, p.18).

Nesta perspectiva, por ultrapassar os aspectos didático-pedagógicos e atingir um potencial revolucionário, o trabalho desenvolvido pelo “Programa Nacional de Alfabetização” foi extinto no dia 14 de Abril de 1964 pelo governo militar que, 15 dias antes, havia desferido o golpe de Estado. Por conta disso, os Cadernos de Cultura jamais foram utilizados no Brasil.

Para os militares, o Método consistia uma ameaça, já que procurava a transformação do alfabetizando em sujeito capacitado a compreender e transformar sua própria história. Assim, em 16 de Julho do mesmo ano, Freire foi preso no 14.º Regimento de Infantaria em Recife, acusado de praticar atividades subversivas.

Após setenta dias de prisão, o educador recebeu sua liberdade física, mas não havia, no país, como viver a liberdade para seguir seu trabalho como educador e filósofo; assim, taxado como “subversivo e ignorante” pelo regime militar, vai se exilar na Bolívia.

Na Bolívia chega com um contrato para assessorar o Ministério da Educação. O país vivia o Movimento Nacionalista Revolucionário liderado pelo presidente Vitor Paz Estenssoro. Mas, mais uma vez o trabalho de Freire é interrompido por uma ditadura: depois do golpe do general Barrientos, as tensões políticas advindas do militarismo o levam para Arica, no Chile.

No Chile, encontra a tranqüilidade política necessária para desenvolver seu trabalho e sob a proteção do povo e do governo chileno. Publica suas primeiras obras. A primeira delas, em 1965, *Educação como prática da liberdade*, em que reafirma sua concepção de Educação como algo capaz de libertar o homem da opressão. Para Jardilino, "a obra propõe uma prática dialógica e anti autoritária (...) lançam-se as bases de uma filosofia da educação que nos conduz a pensar com o oprimido e não para o oprimido" (JARDILINO, *op.cit*. p.106).

Ainda em território chileno, em 1967, Freire publica *Pedagogia do oprimido* que, mais tarde, em 1969, acarretaria mais problemas e dificuldades, pois em função do Partido Democrata Chileno fazer acusações ao livro Freire mais uma vez teve que buscar refúgio em outras terras.

É importante lembrar que antes de ir para Genebra, na Suíça, Paulo Freire foi para os Estados Unidos, para trabalhar em Harvard por onze meses. Este não é um fato desprezível, considerando que ele não tinha diploma de pedagogo, nem de mestre nem de doutor em educação.

Após sua passagem pelos Estados Unidos, Freire parte para a Europa, ficando asilado em Genebra, na Suíça, onde ficaria por 10 anos.

De Genebra, trabalhando no Conselho Mundial de Igrejas, Paulo Freire aperfeiçoou o Método, especialmente pelo trabalho que desenvolveu na África e, de modo mais particular, em Guiné Bissau (ver *Cartas a Guiné Bissau*). Neste trabalho, preparando as equipes coordenadoras e alfabetizadoras, o Método foi consolidado numa prática extensiva e profunda, pois cobriu todo o país, que estava em guerra de libertação, e sofreu ajustes a partir da discussão de Paulo Freire, pessoal e por correspondência, com as lideranças e com os educadores guineenses. O fato de esta dissertação se limitar ao território da América Latina, não a desobriga de conhecer o Método em sua profundidade, bem como em seus limites e potencialidades, dificuldades e sucessos, em outras partes do mundo.

Cabe aqui a afirmação de Nosella de que "se, nos anos 1960, a mensagem de Freire, lançada na região nordestina, havia-se dilatado nacionalmente para todo o Brasil; na década de 1970, seu nome e seu método pedagógico expandiram-se pelo mundo" (2007, p.180.).

2. O Método Paulo Freire

Para uma melhor compreensão dos aspectos metodológicos e dos ideais freirianos, é necessário que haja, em um primeiro momento, o entendimento acerca de alguns aspectos inerentes ao pensamento de Freire; é preciso tomar ciência de proposições fundamentais de Paulo Freire para que, quando descrito o método, se possa ter uma melhor assimilação de alguns termos.

Primeiramente precisa-se entender que a prática alfabetizadora se dá no que Freire chamou de Circulo de Cultura. Romão explica no *Dicionário Paulo Freire* que, de acordo com os textos freirianos, a aula deveria ser substituída por tal prática, pois nele

> (...) os(as) educadores(as) libertadores(as) se colocam como pesquisadores das realidades que emergem das expressões culturais dos(as) educandos(as), como animadores(as) culturais e como sistematizadores(as) das formulações coletivas (ROMÃO, 2008, p. 55)

Ainda com relação ao Circulo de Cultura, é importante observar que, bem mais que uma concepção de uma nova forma geométrica de se organizar os participantes do aprendizado é, de acordo com os propósitos freirianos, uma forma de trazer uma pedagogia centrada na igualdade das participações, transformando o alfabetizado em uma pessoa que interage com seus pares e consigo mesmo, transformando as estruturas da vida social.

Outro importante aspecto a se observar são os denominados "temas geradores" que, apresentam as "palavras geradoras" que, por sua vez, serão o substrato das famílias silábicas a serem utilizadas na alfabetização. Freire aborda

que não há a necessidade de muitas palavras geradoras: cerca de 15 ou 18 são suficientes, desde que sejam nelas apreendidos todos os fonemas básicos da Língua Portuguesa.

Em *Educação como prática da Liberdade*, Paulo Freire utiliza a definição dada por Jarbas Maciel para justificar como devem ser eleitas as palavras geradoras:

> A melhor palavra geradora é aquela que reúne em si maior "percentagem" possível do critério sintático (possibilidade ou riqueza fonêmica, grau de dificuldade fonética complexa, de "manipulabilidade" dos conjuntos de sinais, as silabas, etc.), semântico (maior ou menor "intensidade" do vínculo entre a palavra e o ser que designa), maior ou menor adequação entre a palavra e o ser designado e pragmático, maior ou menos teor de conscientização que a palavra traz em potencial, ou conjunto de reações socioculturais que a palavra gera na pessoa ou no grupo que a utiliza (2008, p. 122)

Palavras do cotidiano do alfabetizando, capazes de fomentarem discussões sobre a "leitura do mundo" são escolhidas de acordo com a comunidade. Afinal, elas devem partir daquela comunidade segundo o próprio Freire afirma "uma palavra pode ter uma força especial em uma área e não tê-la em outra, às vezes dentro de uma mesma cidade" (2007, p.21).

É interessante perceber que há dois termos de fundamental importância no Método de Freire que são a leitura do mundo e a leitura da palavra. Para Passos, "a leitura do mundo e da palavra é, em Freire, direto subjetivo, pois, dominando signos e sentidos, nos humanizamos, acessando mediações de poder e cidadania"[41] Leitura de mundo, para Paulo Freire, é a análise crítica da realidade pelos educadores e educandos, em conjunto, no círculo de cultura. Neste aspecto, ele certamente se baseou no conceito de "visão de mundo" de Lucien Goldmann, que cita, explicitamente em *Pedagogia do oprimido*. E, para Goldmann, somente as classes sociais elaboram visões de mundo, ou seja, elaboram formulações totalizadoras, seja do ponto de vista analítico (conhecimento) seja do ponto de vista normativo/propositivas (política). Ler o mundo, portanto, significa, para Paulo Freire, elaborar uma análise e formular um projeto de sociedade a partir do ponto de vista

[41] Luiz Augusto Passos escreveu, entre outros verbetes, o Leitura de Mundo, no dicionário Paulo Freire (2008, p.240-242)

da classe. Já a leitura da palavra é a análise que se faz na escola, desde a alfabetização até a pós-graduação.

Leitura do mundo é, portanto, a forma de proclamar a visão do meio em que se está inserido, da realidade em que se encontram seus pontos de vista e opiniões; leitura da palavra é o fruto da alfabetização, é a junção de sílabas que dão sentido as letras agrupadas e, para melhor compreensão do Método Paulo Freire é de extrema importância se compreender que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. É a leitura que se faz nos livros, nas aulas, nas conferências. É leitura de leitura, pois ao lermos um livro, estamos nos inteirando da leitura de mundo que alguém fez e registrou no livro.

3. Desenvolvimento do Método

Para discorrer acerca do Método Paulo Freire far-se-á uso de suas próprias afirmações e de outros autores adeptos do ideal freiriano. Do mesmo modo que se descreveu o método cubano, pelo viés daqueles que o constroem e o praticam, o mesmo será feito relativamente ao método do educador brasileiro.

A motivação de Freire encontrava-se no fato de que era necessária uma educação que promovesse, no educando, uma discussão com as coisas ao seu entorno, de seu mundo; que desse luz para que ele pudesse enxergar sua realidade e se valer de seu próprio eu para transformá-la. Assim, ele se propunha a construir um método de alfabetização e de educação para e com o analfabeto.

Como primeira etapa do método, Paulo Freire é feito, preliminarmente, o levantamento do universo vocabular dos grupos alfabetizados. É por meio deste levantamento que se terá o universo das palavras geradoras a serem escolhidas, além de uma ampla compreensão dos planos, anseios e sonhos dos alfabetizandos. Tal etapa é efetuada por meio visitas e encontros informais com vistas ao levantamento do que poderia ser denominado conjunto dos processo simbólicos das comunidades a que pertencem os alfabetizandos, para se perceber, precipuamente, os falares próprios da área.

Parte-se, então, para a escolha das palavras geradoras que devem estar em concordância com três fundamentais critérios: riqueza nos fonemas, dificuldades fonéticas da língua e maior engajamento social, cultural e político. As palavras deverão ser organizadas de maneira que se vá das menores às maiores dificuldades.

O terceiro momento da elaboração que antecede as práticas alfabetizadoras consiste na criação de problematizações em que, estarão contidos os elementos de descodificação, a ser feita pelo grupo, por se tratar de um Método que propõe a libertação da condição bancária[42]. As problematizações propostas sobre situações locais, sem, contudo, perder as dimensões regionais ou nacionais.

Na quarta fase, elaboram-se as fichas-roteiro que, de acordo com o próprio Freire, consiste no registro de subsídios para que os alfabetizadores possam utilizar no debate com os alfabetizandos. Finalmente, é construída a ficha com a decomposição fonêmica, sempre relacionada com a palavra geradora.

Depois das etapas descritas parte-se, então, para a execução do trabalho alfabetizador propriamente dito. A primeira parte da atividade consiste em apresentar a primeira situação com que se deve debater no circulo de cultura.

> Reunidos, não de acordo com a geometria da sala de aula tradicional, mas em um circulo em que o monitor ocupava um dos lugares eqüidistantes de um mesmo centro, e em que todos estavam uns ao lado dos outros e, nunca, uns atrás de outros e diante de um professor, todos eram motivados a participarem de um livre debate, incentivados pela apresentação de uma seqüência de fichas de cultura (BRANDÃO, 2008, p.264)

Diante da situação apresentada por meio de uma gravura, o animador cultural – denominação a ser atribuída ao alfabetizador na perspectiva do método – propõe a discussão do que pode ser observado, reforçando as idéias que vão culminar na palavra geradora. Este processo é denominado descodificação.

Freire afirma:

---

[42] A educação bancária, para Freire, de acordo com Jerônimo Sartori, inibe o poder de criar próprio dos educandos, camuflando-lhes qualquer possibilidade de refletir acerca das contradições e dos conflitos emergentes do cotidiano em que se inserem a escola e os alunos. Na perspectiva freiriana, a educação bancária tem o propósito de manter a imersão, a reprodução da consciência ingênua, da acriticidade.

> qualquer codificação que ao ser bem descodificada, proporciona aos educandos um nível mais crítico de conhecimento de sua realidade, partindo da análise de seu contexto concreto (...) neste esforço os educandos, como sujeitos cognoscentes, percebem relações entre os fatos sobre que discutem que antes não percebiam (FREIRE, 2007, p. 62-63).

Quando esgotadas as possibilidades de discussão (superficial e profunda) da imagem proposta, há, então, a inserção da palavra geradora sem a imagem que a ela se refere. Desta feita, lêem-se várias vezes a palavra como um todo para, depois, fazer-se a leitura, pausadamente, em suas sílabas e apresenta-se também, em forma de cartaz ou projeção, a fragmentação silábica da palavra.

É feito, então, o reconhecimento das famílias fonéticas da palavra estudada, ressaltando-se o reconhecimento das vogais e de seus respectivos sons, quando combinados com as consoantes, também presentes nas palavras geradoras.

Na obra *Método Paulo Freire:* a reinvenção de um legado (2008), a autora Sônia Couto Souza Feitosa apresenta um exemplo de como deveria se proceder para a aplicação do método Paulo Freire, utilizando-se da palavra geradora “dívida”. Assim, seria produzido um cartaz, como o que mostramos a seguir:

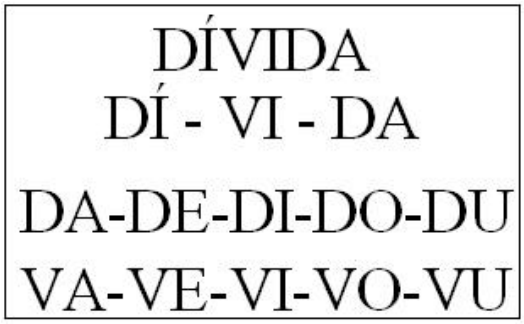


Ilustração 13 - Famílias silábicas da palavra “dívida”

Para reforçar a sonoridade da sílaba, é importante que o alfabetizador reforce a idéia dos sons das vogais, uma vez que não se alterando a primeira letra, altera-se o valor sonoro do fonema devido à troca da segunda letra. Provavelmente, nesta etapa, o alfabetizando associa a sílaba a pedaços e, conseqüentemente, atribui ao conjunto das sílabas da mesma consoante o conceito de família.

Freire sugere que as palavras geradoras sejam compostas, preferencialmente, por três sílabas. Assim, quando estudadas as famílias fonêmicas, o estudo deve focalizar, inicialmente, cada família individualmente para, depois apresentá-las em conjunto, oferecendo ao educando a “Ficha de Descoberta”. Nessas fichas são apresentadas as famílias fonéticas das sílabas originadas da palavra geradora, para que o alfabetizando possa criar palavras com as combinações entre os fonemas. Com relação à importância desse material, Freire afirma que:

> Através dela, fazendo a síntese, o homem descobre o mecanismo de formação vocabular numa língua silábica, como a portuguesa, que faz por meio de combinações fonêmicas. Apropriando-se criticamente e não memorizadamente – o que não seria uma apropriação – deste mecanismo, começa a produzir por si mesmo o seu sistema de sinais gráficos (2008, p.124).

Paulo Freire afirma que, após esses passos, o alfabetizando consegue, já na primeira noite, a escrever, tendo o primeiro dia como objetivo fazer o alfabetizando reconhecer e descobrir a combinação fonêmica como base do processo da leitura e da escrita. Os alfabetizandos têm como tarefa de casa a composição de vocábulos que possam ser criados independentemente de terem ou não significado conhecido.

Quando os alfabetizandos se reúnem para o encontro subseqüente, é feita, por eles, a leitura de cada palavra formulada, enquanto o alfabetizador vai registrando-as na lousa. Na oportunidade, é realizada uma leitura do rol de palavras em conjunto. Feitosa afirma que, nas suas experiências, era sugerida, por parte do alfabetizador, a articulação do acervo de palavras, para a construção de frases, orações e pequenos textos.

É importante ressaltar que não há nenhuma ordem rigorosa no estabelecimento da seqüência das palavras ou temas geradores, ficando aberta a possibilidade de se aproveitar de um novo fato, de repercussão social, para fomentar novos questionamentos. É a aplicação concreta do princípio freiriano de que não se devem repetir as idéias, mas reinventá-las em cada novo e diferente contexto. Do mesmo modo que ocorre no âmbito mais geral do conceitos e categorias, no campo específico da alfabetização, as palavras e os temas geradores variam de acordo

com os contextos e o estudo alfabetizador é, portanto, munido de novas palavras e de novos temas. Estendendo mais ainda o raciocínio, é perfeitamente possível falar de contextos geradores, como destaca, por exemplo, Romão, em vários de seus textos.

Obviamente que, conforme novas palavras são estudadas, os textos se enriquecem dos conteúdos fonéticos, gramaticais e ortográficos. Com relação à leitura de mundo, é importante ressaltar, como o faz Feitosa:

> (...) o trabalho de conscientização caminhava junto com a aprendizagem do código escrito, mas não paralelamente, pois em todo momento se cruzavam, resultando em saltos qualitativos no que se diz respeito à ampliação da leitura de mundo que esse educando tinha no início do processo (2008, p.85)

Em comparação com as demais técnicas alfabetizadoras da época, o fato de Freire propor uma alfabetização com algum teor ideológico foi algo inovador, pois, segundo Sônia Feitosa, “promovia a horizontalidade da relação educador/educando, a valorização da cultura primeira do alfabetizando, de sua oralidade, enfim, foi diferente, acima de tudo, por seu caráter humanístico” (2008). É atribuído ao Método Paulo Freire, por alguns adeptos do pensamento freiriano, o pioneirismo em trabalhar com recursos da linguagem multimídia na alfabetização de adultos.

4. Aplicações do Método Paulo Freire

Assim como se preocupou em apresentar, no capítulo anterior, as aplicações do Método *Yo, sí Puedo*, detalhando e ressaltando algumas de suas práticas, cabe, nesse trabalho, também apresentar algumas aplicações do Método Paulo Freire.

É fundamental compreender que não existe, atualmente no Brasil, nenhuma política pública que invista nas práticas alfabetizadoras de Freire. Na opinião da educadora Sônia Feitosa, essa ausência deve-se ao fato de o Método Paulo Freire não ser um mero conjunto de técnicas, método, mas uma concepção mais ampla, uma verdadeira teoria educacional. Muitos educadores buscam um “receituário”, um material didático específico, um conjunto de meros procedimentos, sem maiores

preocupações com os fundamentos, os referenciais ontológicos e epistemológicos. Por isso, quando surge um método com simples proposições procedimentais, ocorre a tendência a uma maior adesão.

Por estas razões esse estudo tratará das informações acerca do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA)[43], mais especificamente de dados que se referem ao trabalho desenvolvido na cidade de São Paulo e em alguns municípios da grande São Paulo. É importante observar que, assim como se preocupou em apresentar dados do método cubano proveniente de informações favoráveis a suas aplicações, cabe agora apresentar as práticas alfabetizadoras do método brasileiro, por meio de afirmações daqueles que o praticam e defendem.

4.1- A Rede MOVA

O Mova tem um grande vínculo com o educador brasileiro Paulo Freire, pois foi durante a sua gestão a frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SMESP) que foram implementadas as práticas alfabetizadoras referenciadas no método freiriano. A gestão de Freire aconteceu entre os anos de 1989 e 1991, durante a administração municipal da, então prefeita, Luiza Erundina.

---

[43] O MOVA-SP, criado em 1989, na administração de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, se transformou numa referência para os Movimentos de Alfabetização de Jovens e Adultos implementados por administrações populares. Assim, o Município de São Paulo foi secundado por outros, dentre os quais se destaca:, Porto Alegre, Alvorada, Cachoeirinha e Caxias do Sul (RS); Diadema, Embú, Mauá, Guarulhos, São Carlos, Araraquara, Ribeirão Pires e Santo André (SP); Angra dos Reis (RJ), Belém e Cametá (PA); Chapecó, Rio do Sul e Blumenau (SC); Ipatinga (MG) e Goiânia. Já o MOVA-Brasil é um projeto desenvolvido em parceria do Instituto Paulo Freire (IPF) com a Petrobrás, como parte do Programa Fome Zero

Ilustração 14 - Paulo Freire com a Prefeita Luiza Erundina

Criado em Outubro do primeiro ano de Freire à frente da SMESP, o MOVA sugeria uma parceria que resgatasse o trabalho das comunidades da periferia de São Paulo, valorizando as experiências já desenvolvidas de alfabetização e pós-alfabetização de jovens e adultos. Os movimentos populares de alfabetização não atravessavam, naquela época, um bom momento, passando por dificuldades devido à crise econômica nacional, que acarretava o cancelamento de recursos financeiros, especialmente os destinados ao financiamento de projetos desenvolvidos pela Fundação Educar[44].

Por meio do Decreto n.º 28.302, de 21 de Novembro de 1989, dava-se por instaurado o MOVA-SP que, segundo Gadotti, apontava como objetivos:

> 1.º – Desenvolver um processo de alfabetização que possibilitasse aos educandos uma leitura crítica da realidade;
>
> 2.º – Através do Movimento de Alfabetização, contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos e dos educadores envolvidos;
>
> 3.º – Reforçar o incentivo à participação popular e à luta pelos direitos sociais do cidadão, ressaltando o direito básico à educação pública e popular;
>
> 4.º – Reforçar e ampliar o trabalho dos grupos populares já envolvidos com a alfabetização de adultos na periferia da cidade (GADOTTI, 2008, p.22)

O nome de Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos de mobilização dos setores da sociedade, que deveriam apoiar e desenvolver o trabalho de

[44] Fundação Educar foi a sucedânea do Movimento Brasileiro de Alfabetização que, à época dos governos militares, cuidava da alfabetização de adultos, tendo, inclusive, se institucionalizado em Fundação.

educação de adultos. Não se tratava aqui de transferência de responsabilidade pública para a iniciativa da sociedade civil, mas o envolvimento desta como processo de democratização, não só do controle social, mas também, da formulação, implantação e implementação de políticas de EJA. É consenso entre os educadores de adultos que a responsabilidade com a universalização da educação, mesmo para aqueles que foram alijados do processo educacional na idade própria, é do Estado, mas que as experiências de maior sucesso no setor são da sociedade civil organizada. Este casamento do estado com a Sociedade Civil, neste particular, é fundamental, como destaca Moacir Gadotti (2008, *passim*)

Já o primeiro Caderno do MOVA-SP aponta, com muita clareza, o principal objetivo de suas aplicações: “Possibilitar ao educando jovem e adulto o processo construtivo de ampliação do próprio conhecimento, através da intervenção sistemática do educador e da vivência com os colegas, numa relação dialógica” (PRADO, 2004, p.04).

Os educadores do MOVA partiam da própria comunidade em que se dava a alfabetização, de forma que se estreitavam ainda mais o comprometimento e o empenho nas lutas da comunidade. Os monitores recebiam cursos de formação desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Educação; já os supervisores do programa recebiam formação científica e eram escolhidos entre os próprios participantes do Movimento.

Moacir Gadotti afirma que “em seu primeiro ano de funcionamento, o MOVA-SP implantou 626 núcleos de alfabetização em convênio com 56 movimentos populares, formando 2.001 alfabetizadores e alfabetizando 12.185 pessoas” (2008, p.23).

O MOVA era, portanto, um grande projeto, que permitia a interação do Estado com a sociedade civil. O Estado articulava a maioria das atividades e a sociedade civil tornava-se a principal protagonista na elaboração e na fiscalização das políticas educacionais.

Quando chegou ao fim a gestão da prefeita Luiza Erundina (1989 – 1992) a Cidade de São Paulo contava com, aproximadamente, 1000 salas de alfabetização do MOVA. Mas, por ser dependente de financiamento público, ao assumir o Governo Municipal, Paulo Maluf (1993 – 1996) diminuíram, consideravelmente, os núcleos de

alfabetização, até que Celso Pitta (1997 – 2000) interrompeu totalmente as aplicações do MOVA na cidade. As instituições parceiras do movimento seguiram trabalhando de maneira voluntária, até que na gestão de Marta Suplicy (2001 – 2004), foram retomadas e reconstruídas as políticas municipais de educação de jovens e adultos, restabelecendo-se a parceria . Ao final desta gestão, havia 1314 salas de aula de EJA.

O governo José Serra/Gilberto Kassab (2005 – 2008) afirmou que não fecharia as salas de alfabetização. Todavia, apenas no primeiro ano de gestão, mais de duzentas turmas foram fechadas na capital paulista, a justificativa apresentada ancora-se na ausência do número mínimo exigido de 15 alunos por turma, conforme notícia veiculada no site Repórter Brasil.

> Quando uma turma de alfabetização não atinge esse mínimo, o representante da Secretaria de Educação que visita a sala de aula pode fazer um parecer desfavorável, e naquele mês o dinheiro correspondente a essa turma não é repassado. O educador precisa justificar as ausências dos alunos, e essa explicação pode ser aceita ou não por quem fiscaliza. Se a situação se repetir por três meses seguidos, e for concedido o parecer desfavorável nas três vezes, a classe é fechada (SUCUPIRA, 2005)

Atualmente, a cidade de São Paulo contabiliza pouco mais de 500 turmas trabalhando a alfabetização e a pós-alfabetização. Para Ionilton Gomes Aragão, da coordenação do MOVA-SP, não é possível precisar a quantidade de alfabetizados por ano na cidade, visto que não se tem as informações sistematizadas em forma de tabulação.

As entidades que mantêm pelo menos uma sala de alfabetização pelo MOVA estão distribuídas por todas as regiões da capital paulista, conforme o quadro ..

Quadro VII

Distribuição das Turmas de Mova em São Paulo

Região	Número de Entidades
Zona Norte	31
Zona Sul	44
Zona Leste	65
Zona Oeste	13
Centro	7
Total	160

Fonte:

É feito um grande esforço por parte dos militantes do Movimento de Alfabetização para que ele se torne uma política pública permanente, de forma que qualquer administração municipal passe a valorizar e a dar prioridade às práticas alfabetizadoras e educadoras de adultos..

Com o passar do tempo, outras cidades acabaram por adotar o MOVA, principalmente as cidades do ABCD[45] Paulista, motivadas pelo Sindicato dos Metalúrgicos e fundamentadas nas propostas, planos e objetivos do Movimento.

> A partir dessa conhecida experiência do MOVA na cidade de São Paulo, em 1995, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABCD, diante dos altos índices de analfabetismo na região, mesmo com os investimentos de alguns municípios na área, propôs às prefeituras da região que, em conjunto com ele e com outras entidades da sociedade civil, implementassem um amplo movimento de alfabetização e educação de todos os munícipes que, de alguma forma, foram excluídos do processo educativo(PRADO, 2004, p.04).

De acordo com Edna Prado, apenas o município de Diadema aderiu a essa proposta no ano de 1995, os demais municípios, exceto São Caetano do Sul, que até os dias atuais não adotou o MOVA, aderiram ao movimento apenas em 1997. Assim, nesse mesmo ano, cria-se a estrutura do MOVA Regional.

[45] Embora usa-se a expressão “ABCD Paulista”, cabe a ressalva que tal região é composta por sete municípios: Santo André, São Bernardo, São Caetano do Sul, Diadema, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra e Mauá.

Ilustração 15 – Logotipo do MOVA ABC

Embora tenha se constituído em um único movimento para o ABCD, há autonomia dos municípios em alguns aspectos estruturais, como, por exemplo,: Diadema é o único município que limita o ingresso do alfabetizando apenas com mais de 15 anos; para os demais, a idade é de 14 anos. Diadema também é a única municipalidade que não cria restrições à exigência de Ensino Médio completo dos educadores; lá, apenas o Ensino Fundamental é necessário como titulação mínima. A cidade de São Bernardo do Campo apresenta uma carga horária de 32 horas/mês, enquanto Santo André, por exemplo, apresenta 48 horas/mês[46].

O trabalho de parceria incumbe as prefeituras da tarefa político-pedagógica de organizar as infra-estruturas, capacitar alfabetizadores, acompanhar e avaliar a prática pedagógica e prestar contas dos resultados alcançados. Nessas seis cidades, o MOVA, quanto aos aspectos pedagógicos, , é de responsabilidade das Secretarias Municipais de Educação; já o financiamento advém de empresas e entidades parceiras.

Além das cidades apresentadas no quadro, é importante ressaltar que Guarulhos, Matão e São Carlos, dentre outras, também têm núcleos de alfabetização que seguem os princípios do MOVA.

A educadora Sônia Feitosa afirma que o MOVA apresenta pequenas diferenças nas estruturas, de acordo com o local onde está instalado. Todavia, em todos os casos, o poder público garante o pagamento dos educadores, bem como a sua formação, já a sociedade garante o espaço físico e, na maioria dos casos, indica o professor que, normalmente já exerce alguma liderança na comunidade.

[46] Nesse aspecto é interessante observar que, em Ribeirão Pires, há uma imprecisão nos dados, visto que há uma variação que vai de 32 e 44 horas/mês.

Quadro VIII

Distribuição dos alfabetizandos na primeira década do MOVA ABC

Ano	Diadema	Santo André	São Bernardo do Campo	Ribeirão Pires	Mauá	Rio Grande da Serra	Total
1995	780						780
1996	1134						1134
1997	2200	600					2800
1998	3078	1060	1100	1300	850		7388
1999	3064	1500	2568	1313	832		9277
2000	2930	3103	2439	1106	800	247	10625
2001	3136	2892	2606	1171	1079	498	11382
2002	3692	2025	2752	1464	860	750	11543
2003	3742	2016	1395	1380	940	730	10203
2004	4294	2844	902	2992	973	575	12580
2005	2270	1990	650	100	0	150	5160
2006	2306	2140	716	95	0	140	5397
Total	30356	17180	14478	10821	6334	2940	88269

Fonte: Sindicato dos metalúrgicos do ABC.

Para a adoção do MOVA é importante ter a clareza de que tal movimento está pautado nos ideais e nas propostas de Paulo Freire.

Por se tratar de um movimento mais em sintonia com os governos populares, diante das características e das proclamações iniciais do atual Governo Federal, foi remetida uma carta, ao então Ministro da Educação, Cristovam Buarque, reivindicando a adoção do MOVA como modelo de alfabetização para todo o país. A conclamação não teve eco e foi criado o “Brasil Alfabetizado”, plano nacional de alfabetização, onde não há nenhuma exigência de adoção dos princípios freirianos

para os projetos de alfabetização desenvolvidos nos estados e municípios que aderirem ao plano.

4.2 - O Projeto MOVA-Brasil

No ano de 2003, motivado pela necessidade de promover melhorias nos índices de alfabetização, a Federação Única dos Petroleiros (FUP) solicitou ao Instituto Paulo Freire (IPF) que elaborasse um projeto de alfabetização que contemplasse a necessidade de promover a dignidade humana e garantisse aos participantes a oportunidade de conquistarem seu espaço nas comunidades em que estão inseridos, de maneira plena e participativa.

Ilustração 16 - Integrantes da FUP e do IPF em formatura do *MOVA Brasil*

Dessa forma, foi criado o Projeto MOVA-Brasil, que apresenta como metodologia os princípios filosóficos, políticos e pedagógicos de Paulo Freire, com os seguintes objetivos apontados no site do Instituto Paulo Freire[47]:

- Contribuir para a redução do analfabetismo no Brasil, o fortalecimento da cidadania e a construção de políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos;
- Estabelecer parcerias com outros projetos do Programa de Responsabilidade Social da Petrobrás Desenvolvimento & Cidadania e com organizações, sindicatos, movimentos sociais e populares e governos;

[47] http://www.paulofreire.org/Programas/MovaBrasil acessado pela última vez em 24/05/2009 às 17h07min

- Organizar turmas de alfabetização de Jovens e Adultos em regiões prioritárias para os parceiros envolvidos no processo;
- Formar Coordenadores de Pólo, Assistentes Pedagógicos, Coordenadores Locais e Monitores.

O projeto foi estruturado, tendo um Comitê Gestor composto por membros dos três parceiros (Petrobrás, Federação Única dos Petroleiros e Instituto Paulo Freire) e subdividido em pólos, cuja organização é constituída por um coordenador de pólo, um assistente pedagógico e um assistente administrativo.

As turmas de alfabetização funcionam em núcleos internos nos pólos; um núcleo tem, no máximo, quinze turmas e são monitoradas por um coordenador de núcleo. Embora pareça algo hierárquico, a estruturação é feita dessa forma para se conseguir concretizar a proposta de formação, em que a idéia é trabalhar com monitores articulados à comunidade. Para se tornar um monitor de sala é necessário ter apenas o Ensino Fundamental completo. Essa baixa restrição fundamenta-se no princípio freiriano de que o credenciamento não é importante e de que não pode haver exclusão das pessoas, desde que elas tenham condições de alfabetizar outrem.

Cabe ao coordenador de núcleo realizar um acompanhamento sistemático das turmas, por meio de reuniões semanais com os alfabetizadores, que são indicados inicialmente pela Federação Única dos Petroleiros e que se tornam alfabetizadores após 40 horas de formação e capacitação.

A primeira etapa do Projeto MOVA foi constituída por quatro fases e durou de Janeiro de 2004 à Dezembro de 2007, nos pólos dos seguintes estados: Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe, Pernambuco, Alagoas e Paraíba.

É importante ressaltar que, inicialmente, o Projeto MOVA se desenvolveu em cinco dos estados mencionados, onde, no último bimestre de 2003, iniciou-se o trabalho de formação e capacitação dos educadores, de acordo com o quadro IX:

QUADRO IX

Dados estatísticos do projeto MOVA Brasil

Estado	Participantes da formação inicial	Número de turmas por estado	Número de alunos por estado	Coordenadores locais
Bahia	134	120	2979	11
Ceará	136	117	2828	11
Rio Grande do Norte	128	109	2498	11
Rio de Janeiro	120	105	1911	12
São Paulo	129	94	1589	9
Total	647	545	11805	54

A primeira fase das aplicações envolveu os cinco estados registrados no quadro IX, entre Janeiro e Outubro de 2004, atendendo a 166 municípios e totalizando 545 turmas, beneficiando 12.167 pessoas. Para a segunda fase, de Novembro de 2004 à Julho de 2005, adicionou-se ao grupo de estados o pólo de Sergipe, beneficiando, no total, 82 municípios. 14.440 alfabetizandos que se distribuíram em 550 turmas.

Ilustração 17 - Presidente Lula e Maria do Nascimento, 103 anos, beneficiada com o Projeto MOVA Brasil

A terceira fase envolveu 23.301 alfabetizandos, nos seis estados que já constituíam a segunda fase; aumentou-se o número de turmas para 925, distribuídas em 119 municípios.

As expectativas das três instituições que desenvolvem o projeto MOVA-Brasil apontavam que, na quarta e ultima fase, desenvolvida entre Agosto de 2006 a Dezembro de 2007, se expandissem os pólos para nove, incluindo-se os de Pernambuco, Alagoas e Paraíba, atingindo 1.000 municípios, na expectativa que 25 mil pessoas fossem alfabetizadas.

CAPÍTULO IV

MÉTODO PAULO FREIRE *VERSUS* MÉTODO *YO, SÍ PUEDO*

> Ninguém precisa de pão somente (libertação econômica de necessidade biológica), mas *também* de Palavra (libertação emancipatória e autonomia política) partejada na carne. (PASSOS, 2008, p.241)

Para uma melhor compreensão dos motivos que culminaram neste trabalho, é necessário saber o que pensam e defendem os adeptos e os opositores do método cubano de alfabetização *Yo, sí Puedo*. Neste capítulo, apresentar-se-ão dados coletados por meio de entrevistas realizadas com os envolvidos nas aplicações desse método no Piauí e com pessoas que assinaram moção de advertência do Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (ENEJA), de 2006.

Relatando os motivos que fizeram com que se propusesse uma moção de advertência às autoridades no tocante as aplicações do Método *Yo, sí Puedo*, a professora Sônia Couto Feitosa, do Instituto Paulo Freire, apresenta o ponto de vista de quem participou da plenária que produziu a moção, traz nos argumentos que foram apresentados contra o método estrangeiro e seu ponto de vista com relação a essa prática.

Já para argumentar acerca dos aspectos positivos do método cubano, o professor Adolfo Nuñes Fernandez faz algumas considerações que indicam uma grande colaboração de Paulo Freire para a estruturação do *Yo, sí Puedo*, relata detalhes das aplicações no Piauí e reforça a proposta de que é possível uma aplicação mais duradoura no país. Adolfo é vice-cônsul de Cuba no consulado de São Paulo e é o representante do Ministério da Educação Cubano no Brasil.

A fim de apresentar uma opinião mais próxima dos acontecimentos relativos à aplicação do método cubano o maranhense Jerimário Pereira Chaves descreve as práticas alfabetizadoras que aconteceram em Murici dos Portelas. Jerimário foi um dos monitores que trabalharam na aplicação do *Yo, sí Puedo*, em 2005. Expõe como foi desenvolvido o trabalho, a repercussão na cidade e a opinião dos beneficiados pelo método.

Finalizando as entrevistas, a piauiense Mariana Ferreira Sales apresenta as suas opiniões sobre o método *Yo, sí Puedo*. Mariana foi supervisora em Murici dos Portelas e apresentou, ao coordenador geral da experiência piloto, Carlos Martinez Mollineda, um relatório sobre a implantação do método naquela cidade.

Na primeira parte desse capítulo, procuramos ser o mais fiel possível às opiniões de cada entrevistado, apenas registrando-as., Na segunda parte, é feito uma comparação de opiniões, destacando-se os aspectos divergentes em cada uma das duas metodologias, de forma a se apurar o objeto da presente dissertação, em suas evidências, pelo menos na representação que defensores e detratores fazem de um lado e de outro.

Fizemos um grande esforço, no sentido de um distanciamento relativo – sabemos que o absoluto é impossível – de nossas preferências metodológicas, para que aflorasse, na sua autenticidade, a opinião dos próprios protagonistas da Educação de Adultos, mormente daqueles que se envolvem com a aplicação do Método Paulo Freire e do Método *Yo, sí Puedo*. Porém, antes de apresentar as opiniões do entrevistados, é importante destacar o rechaço do método cubano reiterado no Relatório Síntese do VIII ENEJA e a reafirmação da incompatibilidade do Método *Yo, sí Puedo* com os princípios freirianos:

> Todo o esforço, do ponto de vista das concepções, ainda não conseguiu superar, para muitos, a visão compensatória da educação de jovens e adultos, assim como a síntese mais freqüente em propostas internacionais e latino-americanas volta a se fazer pelo limite da alfabetização na forma de "campanha", como se caracteriza o método cubano *Yo, si puedo!* aplicado como experiência piloto em três municípios do estado do Piauí, neste caso, contrariando os princípios político-pedagógicos da educação libertadora legada por Paulo Freire e por pesquisadores do campo da alfabetização que nada ficam a dever a outras referências internacionais(SECAD/MEC, 2006)

Por conta dessa afirmação foi redigida, também nesse mesmo fórum, uma Moção de Advertência às autoridades quanto aos resultados do programa *Yo, sí Puedo*. Tal moção trazia as seguintes afirmações:

a) compreendemos que o povo cubano, no contexto do seu processo revolucionário, foi capaz de realizar uma “campanha” de alfabetização de jovens e adultos cujos resultados permitiram elevar a escolarização em todo país, que até hoje resiste heroicamente ao bloqueio econômico e às ameaças de intervenção dos Estados Unidos da América – EUA.

b) Esta experiência foi ampliada na Venezuela e Bolívia, que vivem, também, um contexto revolucionário.

c) Sob este aspecto, o Brasil vive um outro contexto, no qual superamos a proposta de “campanha” para a de um Programa Brasil Alfabetizado que, respeitando a autonomia das unidades federadas, tem como perspectiva o caráter de política pública, por meio da continuidade da escolarização organizada em sistema público de Educação de Jovens e Adultos – EJA.

d) O legado da educação libertadora de Paulo Freire e de outros educadores tem marcado as experiências educativas em instâncias governamentais e dos movimentos sociais na alfabetização de jovens e adultos.

e) O contexto brasileiro atual e este legado apontam para o fortalecimento e a consolidação de metodologias criativas e adequadas à realidade dos(as) educandos(as), neste momento, e instigam problematizar e questionar a aplicação do método cubano Sim, eu posso! como método único na forma de “campanha”, uma vez que seus princípios político-pedagógicos se contrapõem ao legado brasileiro.

Como se pode perceber, em nome de uma situação “não-revolucionária”, no Brasil, nega-se a validade da aplicação do método cubano, no território nacional, o que poderia induzir a idéia de sua validade em contextos revolucionários.

Não fica claro se os autores da moção vincularam o Método *Yo, sí Puedo* à campanha de alfabetização realizada quando da Revolução Cubana (1959). A menção à extensão “desta” experiência à Venezuela e Bolívia deixa a entender que sim e que o Método *Yo, sí Puedo* é adequado a contextos revolucionários, a começar pelo da Revolução Cubana e que, à sua semelhança, os outros dois países sul-americanos seriam ambientes adequados à sua aplicação, porque vivem “contextos revolucionários”. Há, aí, uma série de problemas, dentre os quais destacaríamos:

1.º) Não há qualquer sentido em pensar que a campanha de alfabetização cubana da década de 1960 tivesse lançado mão do Método *Yo, sí Puedo*, pois ele ainda nem fora formulado.

2.º) Afirmar que a Venezuela e a Bolívia vivem “contextos revolucionários” é, no mínimo, polêmico. Aí, necessitaríamos verificar qual o conceito de revolução que os signatários da moção estão manejando, mas isto escapa aos limites deste trabalho. Se a situação boliviana tangencia um pouco mais um contexto de transformações estruturais mais profundas, a da Venezuela não deixa dúvidas quanto às pautas burguesas e capitalistas de governo e de sua sociedade.

3.º) O destaque para o caráter de “política pública” para o “sistema Educação de Jovens e Adultos” induz a dois equívocos: (i) as campanhas de alfabetização de contextos revolucionários não são políticas públicas e (ii) a educação de adultos constitui um sistema. Ora, em geral, as campanhas revolucionárias se apresentam como propostas de Estado – evidentemente, de um Estado Revolucionário, portanto, política pública. Já a educação de jovens e adultos, no Brasil, constitui um subsistema, ou melhor, um parassistema e, não, um sistema.

4.º) A afirmação de que os “princípios político-pedagógicos” se contrapõem ao “legado brasileiro” não especifica, nem de um lado, nem de outro, quais são os princípios. Nem mesmo a citação do Relatório do VIII ENEJA, ainda que reitere a contrariedade aos princípios político-pedagógicos do legado de Paulo Freire, não especifica quais são os princípios contrariados.

5.º) Lendo-se a alínea anterior (“d”) em conexão com a “e”, fica-se com a impressão de que o “legado brasileiro” é o legado de Paulo Freire, o que não corresponde à verdade, porque o programa Brasil Alfabetizado (do Governo Federal) não segue, obrigatoriamente, o Método Paulo Freire. Tanto isso é verdade que o MOVA, que aplicá-lo com mais afinco, é um programa paralelo ao primeiro.

No entanto, quaisquer que sejam os motivos, os autores e signatários da moção não queriam a aplicação do Método *Yo, sí Puedo* no Brasil.

Examinando-se mais contextualizada e minuciosamente o documento do ENEJA, é necessário assinalar alguns aspectos que, se passarem desapercebidos, podem induzir interpretações equivocadas. Em primeiro lugar, não se pode ter a ingenuidade de imaginar que todos os participantes do evento aplicam o Método

Paulo Freire. Por isso, é preciso considerar a possibilidade de adversários tanto do Método *Yo sí, puedo*, quanto do Método Paulo Freire, terem sido seus signatários, usando este como escudo para a legitimação de seu antagonismo à proposta cubana. Apesar das posições da defensora do método freiriano serem também contrárias à aplicação do método cubano no Brasil, ela não aponta razões de fundo (fundamentos, metodologia e procedimentos) como fatores de tal resistência. Em segundo lugar, as posições da Professora Sônia não nos autorizam a concluir que todos os aplicadores do Método Paulo Freire foram e são contrários à aplicação do método cubano no Brasil, como é o caso de experiências de alfabetização em vários acampamentos do Movimento dos Sem Terra, que utilizaram (e utilizam) procedimentos dos dois métodos.

Além disso, como ficou claro na entrevista com a representante do Instituto Paulo Freire, o MOVA, que aplica o método do educador pernambucano, não é o programa oficial do Governo Brasileiro, nem é majoritário, se comparado, por exemplo, com o programa Brasil Alfabetizado, que, por sua vez, admite uma pluralidade de concepções metodológicas, de acordo com seus mentores e gestores. Aliás, o diretor geral do Instituto Paulo Freire, em recente publicação (GADOTTI, 2008, *passim*), chega a afirmar que o Governo Federal diminuiu a parceria com os movimentos populares no programa de alfabetização e que isto tem provocado um fracasso maior da eficácia das iniciativas oficiais, voltando a aumentar os índices de analfabetismo no país.

1. A Voz do Método Paulo Freire

Ninguém melhor do que a educadora Sônia Couto Feitosa para representar a defesa do Método Paulo Freire. Além de educadora e pesquisadora do Instituto Paulo Freire, defendeu dissertação de Mestrado sobre esse Método na Universidade de São Paulo, em 1999, que, depois, transformou em livro (*Método Paulo* Freire: A reinvenção de um legado. Brasília, Liber Livro, 2008); tem trabalhado ativamente no movimento popular de alfabetização, como representante do Instituto Paulo Freire na Rede Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB) de que foi Secretária Geral,

sem falar que atuou na plenária que culminou na não aceitação da metodologia cubana..

A entrevistada relata que, durante o VIII ENEJA, foram feitas exposições de um grupo do Paraná e de militantes do MST sobre as práticas do *Yo, sí Puedo*, além de ter sido exibido uma vídeo-aula que compõe o método cubano.

De acordo com ela, os participantes do Fórum (um grupo bastante eclético) avaliaram que método cubano tem o seu valor; porém, é algo que já pode se dar como ultrapassado no cenário nacional, visto que Paulo Freire já trouxe uma imensa contribuição para o avanço brasileiro nesse sentido.

Quando indagada sobre seus pontos de vistas acerca do método cubano, a educadora afirma que a relação letra-número o transforma em um processo mecânico e sem nenhuma intenção de transformar a realidade do alfabetizando, como sugere Freire em suas propostas. Assim sendo, é um método limitado por apenas ensinar o analfabeto a fazer a correspondência som-grafia, um método comparativo e de substituição totalmente distante das perspectivas freirianas, em que a alfabetização deve se dar em um processo de leitura de mundo, de forma que o alfabetizando possa ler e reler a realidade, a fim de transformá-la.

Feitosa afirmou ainda que por meio da vídeo-aula assistida ficou a impressão de que o método cubano constrói uma imagem folclórica do aluno, tratando-o como um ser ingênuo e não sabendo explorar as inúmeras possibilidades de se fazer uma discussão do ponto de vista mais político dos educandos, a fim de se ampliar a visão dos mesmos, limitando-se exclusivamente à leitura da palavra.

Embora tenha havido uma moção de advertência sobre a aplicação do *Yo, sí Puedo* no Brasil, outras experiências foram realizadas de 2005 para cá., Para a educadora o método atingiu um espaço até maior do que o esperado, devido à carência e o desespero da população brasileira em conter o analfabetismo.

Para ela é lastimável que o Brasil dê tão pouca importância à alfabetização, deixando margem para a aceitação de qualquer “coisa que chegue aqui”. Dessa forma, o método cubano está se aplicando apenas para aliviar os índices de analfabetismo. Certamente foi uma metodologia muito “bem vendida” ao governo, no sentido de que alfabetizaria muita gente em pouco tempo. Outro critério, certamente preponderante para a aceitação do método cubano no país é o fato de ser uma

concepção que ganhou dimensão internacional, proveniente de Cuba, país referência em alfabetização.

A educadora acredita que, graças ao fato de a plenária ter dado parecer contrário às práticas alfabetizadoras cubanas, fomentaram-se diversas pesquisas de Mestrado e Doutorado sobre o tema, o que é muito válido para se aperfeiçoarem futuras análises.

Quando questionada sobre a possibilidade de eventuais formas de conciliação das propostas de Freire com o método *Yo, sí Puedo*, Sônia afirma que, quando se trabalha numa perspectiva freiriana, se promove um processo de alfabetização muito eficiente, sem a necessidade de utilizar a memória. Para ela, a proposta cubana é mnemônica, não havendo a menor possibilidade de conciliação entre ambos, devido ao antagonismo com a liberdade promovida por Freire. A educadora chega ainda a afirmar que Paulo Freire jamais se pautaria em uma proposta de alfabetização que trabalhasse de uma forma “tão cartesiana”.

É importante observar, nos comentários da educadora brasileira, as argumentações acerca dos países em que o método foi aplicado: ela afirma que são países em que não há um avanço nas pesquisas sobre alfabetização de adultos., O Brasil, para ela, já apresenta um avanço e um acúmulo de discussões nesta área, não havendo, assim, necessidade alguma de se importar um método alfabetizador. O fato de o método cubano não ter sido aplicado em Cuba é algo que intriga a pesquisadora, embora ela mesma ressalte que a situação do analfabetismo daquele país já está equacionada, devido ao respaldo e prioridade que se dá aos aspectos educacionais.

2. A Voz do *Yo, sí Puedo*

O professor Adolfo Nuñes Fernandez é o vice-cônsul geral de Cuba e também representante legal do Ministério de Educação cubano no Brasil.

Foi com sua representação que se firmaram os convênios com os municípios piauienses, para implantação de projeto piloto. O Professor Adolfo acompanhou, de perto, as aplicações em território brasileiro.

sãs afirmações dele reforçam a idéia de que foram obtidos ótimos resultados no Piauí, de forma que se pode encontrar, lá, pessoas com parecer muito favorável ao método., Para ele, a pessoa que está próxima e que conhece o método acaba tendo um parecer muito favorável sobre o mesmo. Embora tenha sido uma experiência piloto, houve gente muito apaixonada pelo método naquelas cidades.

Para a comprovação da eficácia do método *Yo, sí Puedo*, o vicê-cônsul fala com entusiasmo das cartas que os alfabetizados deveriam escrever e que por ele foram todas lidas. Adolfo desconhece as razões que fundamentam as argumentações contrárias ao Método *Yo, sí Puedo*, desconhecendo o estudo no qual elas se basearam. Afirma que o Ministério da Educação do Brasil adotou o pluralismo de concepções e experiências e que, por isso, caberia a aplicação de vários métodos. Ele desconhece, também, as incompatibilidades entre o Método Paulo Freire e o cubano.

Para ele, os princípios freirianos estão na base da metodologia cubana. A principal diferença, segundo ele, se dá na utilização de meios audiovisuais que, hoje, permitem uma variedade maior do que quando Freire criou seu método. Além disso, o Professor Adolfo considera que é necessário se aplicar muito mais Paulo Freire no Brasil do que se vem fazendo.

Ainda com relação aos meios áudio-visuais, ele afirma que o método não está baseado apenas na inovação tecnológica das mídias Além de amenizar a dureza da disciplina e da concentração necessárias à aprendizagem, a utilização de procedimentos que lançam mão dos meios áudio-visuais, acredita o professor, eles motivam mais os alunos e que, em se motivando, aprendem muito mais rápido.

Paulo Freire fez duras críticas às cartilhas alfabetizadoras, taxando-as como um dos instrumentos da “educação bancária”. Fernández vê na cartilha do método *Yo, sí Puedo* a função de contextualizar, de uma forma mais especializada, a metodologia, o vocabulário e as tarefas. Segundo ele, cabe ao monitor a função de contextualizar as palavras das cartilhas no mundo dos alfabetizandos, pois ele (o monitor) é originário do mundo dos iletrados, mora com eles, conhece seus costumes e o seu vocabulário.

Adolfo acrescenta que é importante observar que as palavras são diferentes para cada região em que se aplica o método cubano e a análise da relação das

letras com os números é feita de acordo com os costumes de cada população. Em outras palavras, mesmo que determinado tema seja comum a duas populações, permitindo uma mesma forma procedimental (dramatização ou uso de multimídia) não se dispensa o trabalho fundamental dos monitores, que fazem a contextualização de uma forma singular e específica.

Também cabe ao alfabetizador, na visão do professor cubano, se aproveitar do debate propiciado pelo método para humanizar os seus educandos por meio de uma discussão de questões que envolvem aspectos políticos da vida dos alfabetizandos. As aulas geram debates de temáticas bastante atuais, como o papel da mulher na sociedade e o meio ambiente, entre outras.

Adolfo afirma ainda que, devido ao fato de o método *Yo, sí Puedo* ser eclético (analítico, sintético, fônico), parte-se de uma palavra chave oriunda de uma historieta, ou de uma lenda, para propiciar os debates que transformarão a visão de mundo dos alfabetizandos. A partir dessa palavra chega-se a outras palavras e frases, utilizando combinações de letras. O uso de recursos de outros métodos sintéticos permite utilizar essas letras em outras palavras.

Mesmo com a moção de advertência, o professor cubano acredita que houve uma grande expansão do método no Brasil, haja vista que, atualmente, um órgão de Movimento Social do Maranhão o tem aplicado de maneira não-formal, mas com o apoio governamental para o deslocamento de técnicos e para a reprodução dos materiais.

Há, também, um grande avanço em uma futura parceria institucional em João Pessoa (PB), sem falar do convênio firmado para se aplicar, juntamente com a Secretaria Especial de Agricultura e Pesca, em nível nacional, o Método *Yo, sí Puedo*, com possibilidades de educação a distância, com aulas transmitidas pelo rádio.

Embora pareça estranha a aliança com o Governo Federal, depois da moção do VIII ENEJA, Adolfo afirma que houve um entendimento entre a Secretaria Especial de Agricultura e Pesca e o Ministério da Educação (MEC), que nada opôs à concretização parceria. O professor cubano acredita que, em se aplicando o método por uma via formal e em grande extensão, possibilitará desenvolver todas as

técnicas para que o método atinja totalmente sua eficácia para alfabetizar em sete semanas, possibilitando ainda uma melhor avaliação do impacto provocado.

Quando questionado sobre se atribuía as críticas ao método a motivações pessoais ou políticas, Adolfo disse ter suas dúvidas relativamente às reais motivações da reação, uma vez que os opositores não conhecem seus procedimentos nem seus materiais.

O entrevistado desconhece outro estudo científico que procure apurar aspectos inerentes ao *Yo, sí Puedo*, além da presente dissertação.

3. Testemunhos Sobre o Método *Yo, sí Puedo*

Quando o professor cubano Carlos Martinez Mollineda chegou às três cidades piauienses em que seria aplicada a experiência piloto do Método *Yo, sí Puedo*, precisava de pessoas que pudessem auxiliá-lo na coordenação das atividades alfabetizadoras. Em Murici dos Portelas, esse serviço ficou a cargo de Mariana Ferreira Sales, na época funcionária do Departamento de Educação. Atualmente Mariana vive em Teresina e trabalha como analista de crédito em uma loja de móveis e eletrônicos. A entrevista com Mariana foi realizada por meio do de comunicador instantâneo *on line*.

Ela conta que, inicialmente, ninguém na cidade queria aceitar tal função, pois viam o método como mais uma tentativa frustrada, considerando que a falta de êxito do programa Alfabetização Solidária havia desmotivado aqueles que trabalharam com o ensino da leitura e escrita. Conta ainda que sua participação foi "quase que forçada", pois, dadas as características das ações a serem desenvolvidas, haveria muito acúmulo de trabalho.

Ela e o professor Carlos acabaram escolhendo os alfabetizadores, buscando aqueles que tinham interesse na causa do projeto e, não, nos valores financeiros atribuídos como pagamento, desafiando aqueles que antes punham qualquer um nas funções de ensino.

Entre as turmas formadas, havia uma em que a alfabetizadora tinha cursado apenas até a 4ª série do Ensino Fundamental. Foi a partir da primeira reunião com

os alfabetizadores que Mariana passou a acreditar no projeto, pois era perceptível a determinação de cada um para que o projeto tivesse sucesso.

Embora com medo de que não desse certo, a entrevistada conta que ficou totalmente envolvida. No inicio, conta, foi difícil o desenvolvimento psicomotor dos alfabetizandos, pois eles não sabiam nem pegar no lápis. Porém, segundo ela, fizeram uma espécie de pacto com os alunos para que houvesse compromisso com as aulas.

Mariana e Carlos visitavam as famílias dos alfabetizandos para conhecer o dia-a-dia e verificar a rotina diária de cada um. Mariana afirma que houve uma interação muito grande com os alunos e, dessa forma, eles se sentiram valorizados, o que deve ter contribuído para a motivação e para a rápida alfabetização da maioria. .

Com relação às práticas realizadas em sala de aula, ela conta que sempre orientava os professores a tirarem as dúvidas dos alunos, fazendo os exercícios e discutindo sobre a aula assistida, sendo muitas vezes necessário que os monitores repetissem os vídeos.

Questionada sobre o desenvolvimento de discussão sobre a realidade dos alunos, a entrevistada afirmou que o método é prático e eficaz, conseguindo trabalhar o cotidiano dos educandos com as primeiras letras.

O aprendizado era apurado por meio de uma carta que os alfabetizandos escreveram como conclusão e, também, por meio de uma verificação *in praesentia*, em que os alunos iam até à lousa escrever e ler palavras que haviam identificado em revistas e jornais. O aprendizado é bem sucedido, de forma que muitos alunos ingressaram no EJA, segundo ela[48].

De acordo com a supervisora, o próprio Estado determinou o prazo de trabalho com a metodologia cubana e que, nos municípios participantes, havia muita gente interessada. Contudo, havia certa hesitação do governo estadual, por haver muita gente contra o método, argumentando que existiam programas melhores e não havia motivos para se gastar com um programa que envolvia custos com TV e

[48] Ingressar no EJA" significa matricular-se em cursos de Educação de Jovens e Adultos equivalentes aos níveis subsequentes do Ensino Fundamental.

vídeos; diziam também que o *Yo, sí Puedo* era uma metodologia ultrapassada e repetitiva, quando comparada com o Método Paulo Freire.

Mariana apresentou, após a experiência piloto, um relatório, descrevendo inúmeros subsídios acerca do trabalho desenvolvido. O relatório aponta que se formaram nove turmas nas três cidades piauienses, abrangendo 96 pessoas, analfabetas e semi-analfabetas, distribuídas nas seguintes funções trabalhistas: 56% lavradores, 23% pescadores, 9,5% desempregados, 8,5% aposentados e 3% zeladores.

A média de estudo entre os alfabetizandos era de aproximadamente 9 meses e eles apresentavam uma média de, aproximadamente, 39 anos de idade. 82,9% destes alunos eram “analfabetos absolutos” e 26,6% eram semi-analfabetos e 0,6% eram portadores de necessidades especiais.

Destacaram-se como principais dificuldades com relação à experiência piloto:

a) Os monitores não assistiram as tele-aulas antes de mostrá-las aos alunos.

b) Foram matricularam alunos com necessidades educacionais especiais e o projeto, nas suas especificidades procedimentais, não fora elaborado para esse tipo de aluno.

c) Os monitores não receberam os salários em dia, com atraso de até 3 meses.

O relatório de Mariana informa ainda sobre a ausência de experiência em sala de aula dos monitores, destacando o êxito obtido na formação realizada previamente, que os orientou quanto ao uso do material de estudo, aos temas abordados, ao sistema de avaliação e à motivação dos alunos. O ponto de partida da aprendizagem era a interação do monitor com o aluno, no sentido de sua valorização, sendo o diálogo a ferramenta básica dos participantes.

Um agravante ao prejuízo da experiência foi o atraso para o inicio das aulas: a expectativa de Dezembro de 2005 só foi concretizada em Abril de 2006, por causa do atraso da chegada dos materiais, como TVs, vídeos, fitas, cartilhas. Este incidente fez com que alguns monitores desistissem do trabalho, sendo necessária a sua substituição, com todas as decorrências: perda da

formação inicial feita, necessidade de retomada do trabalho de interação com os alunos etc.

Mariana conclui seu documento relatando aspectos acerca do tempo necessário à efetivação da alfabetização.

> Percebemos que sete semanas não foram suficientes para se alfabetizar. Tanto os alunos como os monitores preferiam que se aumentasse para 14 semanas só assim os alunos perderiam uma aula caso faltassem e o monitor teria mais tempo para acompanhar o seu aluno. (...) O projeto Sim, eu posso com o método cubano trouxe a esperança para aqueles que achavam que não podiam ler e nem escrever.

Para o desenvolvimento do método cubano, alguns munícipes foram qualificados para o trabalho alfabetizador. Buscando um enriquecimento para esse trabalho procurou-se transformar membros da comunidade em alfabetizadores. Nosso último entrevistado é uma dessas pessoas, Jerimário Pereira Chaves.

A entrevista foi feita por telefone, visto que na cidade de Murici dos Lopes o serviço postal é muito precário (não há agência dos Correios). Jerimário, nasceu na cidade maranhense de Zé Doca há 24 anos., Concluiu o Ensino Médio, em 2008 e,, há aproximadamente cinco anos, trabalha na prefeitura da cidade de Murici dos Portelas, onde mora. Esta municipalidade apresentava-se com maior índice de analfabetismo entre os três municípios piauienses em que foi aplicado o método *Yo, sí Puedo.*

Ele conta que ficou sabendo do método por meio de Mariana Sales, sobrinha da então secretária municipal de educação, Lourdes Sales. Segundo ele, Mariana fez contato com o professor cubano Carlos Martinez, que fez um teste entre aqueles que gostariam de participar do projeto, e montaram três turmas, Jerimário ficou incumbido de uma delas, ficando as demais com Fátima e Gilmário, Cada uma das três turmas era composta por dez alunos.

A preparação foi tratada como uma etapa fundamental de todo o trabalho: durante uma semana os alfabetizadores das três cidades foram preparados pelo professor Martinez, principalmente para o manuseio dos equipamentos eletrônicos

utilizados (televisor e videocassete) e para a forma com que se deveria tratar os alunos. O material desenvolvido para a aplicação no Brasil, totalmente em português, tinha como apresentador das vídeos-aulas o ator Chico Diaz, além de uma professora chamada Ana Beatriz.

Segundo ele, as aulas aconteciam diariamente por volta das 18h30min e, muitas vezes, os monitores tinham que passar de casa em casa para chamar os alunos. Conforme informado pelo alfabetizador, inicialmente era realizado um “bate papo” descontraído, em que os alfabetizandos contavam o que haviam feito naquele dia; em seguida, era transmitida a aula do dia de forma ininterrupta e, depois, era feita uma discussão sobre o assunto que tinha sido assistido pela televisão.

O tema das aulas era variado e buscava sempre levantar aspectos da cultura brasileira. De acordo com Jerimário, as aulas que mais chamavam a atenção dos alunos eram as que tratavam de temas das cidades de Teresina, Salvador e São Luís. Surgiam comentários admirados, tais como: – “Nossa, estamos estudando sobre nosso estado.” Jerimário conta que, na hora da realização das atividades do dia, era necessário pausar, várias vezes a transmissão, principalmente quando se tratava do desenvolvimento da psicomotricidade.

No intervalo, era oferecido um lanche aos alunos, enquanto os monitores corrigiam as tarefas que haviam sido feitas em casa e em sala de aula. O monitor ressalta que eram instruídos sempre sobre a importância de se motivar o aluno, de forma a “nunca dizer não para o aluno, sempre elogiando o que estava feito e corrigindo-o de maneira educada e delicada”; e sempre encerrar a aula, dizendo: “Hoje foi bom, mas amanhã será ainda melhor”.

Como conclusão e avaliação dos trabalhos, cada participante deveria redigir uma carta e enviá-la ao monitor. Essas cartas ficaram com o professor Carlos Martinez. Dos trinta ingressantes da experiência piloto de Murici, vinte e sete concluíram o método e muitos continuaram os estudos no Ensino Supletivo. Alguns já estão, atualmente, no Ensino Médio.

O alfabetizador orgulha-se de ter podido levar seus alunos ao conhecimento das palavras. Segundo ele, o mais emocionante de seu trabalho foi quando uma de suas alunas, dona Lurdes, de 54 anos, trocou sua carteira de identidade, que até então indicava sua condição analfabeta, por uma assinada. Dona Lurdes foi a aluna

mais velha do entrevistado e ia às aulas acompanhada de seu neto, por não ter onde deixá-lo durante os encontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Como todos os seres da natureza, homens e mulheres são incompletos, inconclusos e inacabados; mas, diferentemente de todos os seres da natureza, sua ontologia específica os faz conscientes da incompletude, do inacabamento e da inconclusão, impulsionando-os para a plenitude, para o acabamento e para a conclusão, portanto, para a educação. (ROMÃO, 2008, p.151)

Nestas considerações finais – que não são conclusões, porque levantam mais questionamentos do que respondem às questões inicialmente propostas –, traz-se para o foco da discussão as descrições metodológicas do Método *Yo, sí Puedo* e do Método Paulo Freire, a fim de identificar as convergências e divergências, as aproximações e os distanciamentos. No entanto, não se teve a pretensão de verificar que método é mais eficiente na alfabetização de pessoas adultas, dados os limites de tempo de uma dissertação de mestrado, mas que pode ser objeto de futuras pesquisas.

Como pode ser constatdo nos capítulos anteriores, este trabalho debruçou-se sobre as aplicações e tentativas de aplicação do método de alfabetização cubano *Yo, sí Puedo*, na América Latina e no Brasil, buscando compará-lo com as aplicações do Método Paulo Freire, que é muito popular no subcontinente e no país, sem falar da aceitação do legado do educador brasileiro em Cuba. Então, por que a aplicação do método cubano, de modo generalizado, em alguns países latino-americanos, como Venezuela e Bolívia, além de sua tentativa – em certo sentido frustrada – de aplicação no Brasil? A razão de seu progressivo sucesso no subcontinente deriva de seus fundamentos comuns e de suas semelhanças com o Método Paulo Freire, tão divulgado e tão disseminado no mesmo universo?

As motivações que geraram tais metodologias e as suas aplicações na América Latina e no Brasil são convergentes? Os resultados obtidos e apresentados por parte das instituições fomentadoras de cada prática demonstram suas convergências ou suas divergências? As pessoas entrevistadas revelam, em suas informações metodológicas, a presença ou não dos princípios freirianos na metodologia cubana?

É inegável, para um grande número de pesquisadores da educação, a importância que atribuem a Cuba, enquanto país que valoriza e prioriza a educação de seu povo. Cabe ao IPLAC desenvolver, no país, práticas educativas e promover eventos em que se discuta e se debata novos horizontes para a educação.

Criado pelo Instituto Pedagógico Latinoamericano y Caribeño (IPLAC), o *Yo, sí Puedo* se auto anuncia como uma ajuda humanitária do governo e da população cubana para combater o analfabetismo no mundo. Dessa forma há, para o Método, uma espécie de legitimação nacional, mesmo que ele não seja aplicado na educação cubana, por ter sido criado por uma instituição oficial e com relativa credibilidade internacional.

Há, no entanto, uma questão que incomoda alguns estudiosos do *Yo, sí Puedo*: o método não foi aplicado em território cubano e, as justificativas apresentadas em geral, inclusive pelo representante do Ministério da Educação Cubano no Brasil[49] são de que, devido ao país já ter sido declarado território livre do analfabetismo no início dos anos 1960, não há por que aplicá-lo na ilha, tendo os cubanos se dedicado à universalização da pós-alfabetização. Ora, o *Yo, sí Puedo* não se limita à alfabetização, mas tem sua continuidade no *Yo, sí Puedo seguir* que, inclusive, será aplicado na Bolívia, pois este país também já teria “se libertado” do analfabetismo, graças ao método, segundo seus propagandistas. Além disso, por mais que se esteja “livre do analfabetismo”, sempre existe uma taxa residual na qual o método poderia ter sido aplicado.

Nas etapas preliminares das aulas de alfabetização do método cubano é realizada uma averiguação do ambiente em que será aplicado, de forma a se identificar e conhecer o público alvo e o idioma de aplicação, a fim de se elaborar, com maior proximidade cultural possível, o material alfabetizador.

Freire, do mesmo modo, propunha uma investigação prévia do ambiente cultural dos alfabetizandos, sugerindo, inclusive, a identificação e o exame cuidadoso do que ele denominava “unidades epocais” (temas axiais de uma determinada época, como o da Globalização, nos dias de hoje). Propunha, além disso, uma alfabetização que tinha como ponto de partida a visão de mundo do alfabetizando, de forma que ele, em “comunhão” com o educador e com os demais

[49] O representante do Ministério da Educação Cubano é o Vice-Cônsul Adolfo Nuñes Fernàndez

colegas desvendasse criticamente o mundo de sua cultura (alienada, na maioria das vezes, porque formulada e expressa na perspectiva dos opressores hospedeiros dos oprimidos). A libertação da alienação, a conscientização, inicia-se, segundo o educador pernambucano, com a constatação – e, não com a negação – de sua existência. O alfabetizando, mesmo que constatando sua alienação inicial, sente-se valorizado e, mais motivado, alfabetiza-se discutindo sobre a realidade ao seu redor.

Neste aspecto, os dois métodos convergem, os pontos de partida de seus procedimentos têm origem no mundo dos alfabetizandos e alfabetizandas. Ambos se preocupam em analisar aspectos da realidade do (a) alfabetizando (a), a fim de identificar e denunciar uma situação opressora, legitimando uma alfabetização não opressora, que promova o diálogo e faça emergir a consciência historicamente determinada do (a) oprimido (a), valorizando sua cultura liberta dos eclipses provocados pelos traços da cultura hegemônica, valorizando o próprio alvo da alfabetização.

Os que defendem o método cubano afirmam que, entre outras de suas vantagens comparativas o método, apresenta o tempo de alfabetização (até três meses). Porém, quando se propõe a aplicá-lo emerge logo a afirmação de tal tempo pode variar para se adequar às necessidades da população trabalhada. Nesta justificativa, ressalta-se mais uma vez, a necessidade de sua adaptação às realidades locais, valorizando, portanto, a diversificação de locais, segmentos populacionais e culturas dos inscritos.

Uma vez que o método cubano procura se adequar ao alfabetizando, com relação suas dificuldades, hábitos e realidades, pode-se perceber alguma semelhança com os princípios freirianos, como educação libertadora, pois o próprio Paulo Freire aponta que “são situações locais que abrem perspectivas, porém, para a análise de problemas nacionais e regionais. Nelas vão se colocando os vocábulos geradores, na gradação já referida de suas dificuldades fonéticas” (FREIRE, 2008, p. 122)

Com relação aos educadores, é importante observar a admissão, em ambos os métodos, de alfabetizadores com escolaridade baixa. O MOVA ABC, por exemplo, estabelece uma relativa restrição: exige para essa tarefa aqueles que têm escolaridade superior ao Ensino Fundamental.

Também, para os ambos os métodos, é necessário que os (as) alfabetizadores (as) sejam membros das comunidades alvo de sua aplicação, de modo a garantir uma maior aproximação do processo alfabetizador do contexto do educando.

Para Paulo Freire, é a partir da leitura de mundo que o alfabetizando pode construir sua leitura das palavras. Ou seja, somente após a interpretação crítica da realidade, que significa a dimensão política do processo, é que o educando pode desenvolver a dimensão gnosiológica do processo educacional, passando a ler o que a escola desenvolve na mediação pedagógica.

Já o método cubano traz como premissa básica a idéia de que o alfabetizando parte de seu conhecimento matemático para, a partir daí, desenvolver o conhecimento das estruturas lingüísticas ou, mais especificamente, dos grafemas. Seu pressuposto fundamental é de que, mesmo sem ter o conhecimento da literalidade do discurso escrito, o (a) alfabetizando (a) "lê" quantitativamente o mundo, desenvolve o conhecimento das estruturas quantitativas, das quantidades, o que lhe facilita estabelecer as relações entre números e fonemas e grafemas (letras), acelerando a alfabetização.

Vejamos de modo mais sintético esta diferença, que parece ser axial, entre o Método Paulo Freire e o Método *Yo, sí Puedo*: Para o primeiro, as estruturas lingüísticas constituem a matéria-prima da alfabetização e elas se configuram nas palavras geradoras, que têm como fundamento a significação para os (as) alfabetizandos (as) e a riqueza fonêmico-sintática de suas entidades constitutivas internas, as famílias silábicas. Para o método cubano, as unidades quantitativas básicas são o fundamento das associações que levaram à apreensão das estruturas lingüísticas pelos (as) alfabetizandos.

Há, no entanto, uma enorme dificuldade para se afirmar esta diferença categoricamente, porque não se consegue localizar qualquer fundamento teórico que esteve na base da formulação do *Yo, sí Puedo*, nos textos e documentos a ele referentes[50].

---

[50] Mesmo as tentativas que o autor desta dissertação e seu orientador fizeram, no sentido de se identificar os princípios fundantes do método não lograram êxito, até o presente momento.

O fato de o conhecimento matemático se dar antes do conhecimento linguístico nco alfabetizando, pode ser validado de acordo com as afirmações de Analúcia Dias Schliemann, no estudo que resultou na obra *Na vida dez, na escola zero* **(ano?),** no qual é feita uma série de estudos de caso nos quais se revela que "a Matemática não é apenas uma ciência: é também uma forma de atividade humana" (SCHLIEMANN, 2006 p. 12).

Com base nessa constatação pode-se dizer que, de fato, há algumas noções matemáticas que precedem o desenvolvimento de outros conhecimentos sobre outras tantas relações, inclusive, as de codificação e decodificação da escrita, uma vez que uma pessoa pode ser considerada analfabeta, mas conseguir fazer leituras numéricas e matemáticas do mundo.

Quando dá a conotação de forma de atividade humana, pode-se concordar com a afirmação de que:

> Enquanto atividade humana, a matemática é uma forma particular de organizarmos os objetos e eventos no mundo. Podemos estabelecer relações entre os objetos de nosso conhecimento, contá-los, medi-los, somá-los, dividi-los etc. e verificar os resultados das diferentes formas de organização que escolhemos para nossas atividades (SCHLIEMANN, *op.cit.*, p.13).

É fundamental perceber que estas afirmações não vão de encontro ao princípio de "leitura de mundo", sugerido por Freire, uma vez que a proposta do educador brasileiro não se choca com a possibilidade de o (a) alfabetizando (a), em lendo o mundo, aliar números a letras para a leitura da palavra.[51]

Toda vez que o método cubano sofreu resistências, no Brasil, por "contrariar" os princípios do educador brasileiro, segundo os protagonistas dessa resistência, deve-se procurar as razões que levaram a tal atitude, para, aí, buscar-se identificar os aspectos que reforçam tal contrariedade, de modo a se perceber os distanciamentos, as divergências, as clivagens, as diferenças, enfim, as oposições entre os dois métodos. Assim, a análise da Moção de Advertência do VIII ENEJA é importante para se pontuar as razões pelas quais seus signatários resistiram à

[51] A proposta desse trabalho não é, em momento algum, alterar as propostas de Paulo Freire, todavia uma vez que o método cubano foi barrado no Brasil por "contrariar" os princípios do educador brasileiro procura-se apurar aspectos que reforcem tal contrariedade, entendendo por contradição a negação de um por outro.

implantação do *Yo, sí Puedo* no Brasil. Contudo, como foi examinado no capítulo anterior desta dissertação, não é possível encontrar, no documento mencionado qualquer razão, metodológico-epistemológica mais plausível para a mencionada resistência. As razões aí expostas derivam dos contextos políticos (revolucionários ou não) da aplicação dos métodos. E quando se inicia uma argumentação mais metodológica, a expectativa de uma análise comparada se frustra, porque a discussão se limita a generalidades que não explicitam porque "os princípios político-pedagógicos (do método cubano) se contrapõem ao legado brasileiro" (Moção de Advertência, alínea "e").

De acordo com os estudos lingüísticos, um ponto positivo do método cubano é a escolha da ordem do aprendizado das letras e fonemas, uma vez que, respeitando os graus crescentes de dificuldades dos idiomas em que se dá a alfabetização, os pré-requisitos fonéticos e ortográficos são rigorosamente respeitados. .

Se há algo no método cubano que pode ser, explicitamente, contrário ao Método Paulo Freire é, certamente, o uso de cartilhas para a alfabetização. O próprio autor brasileiro aponta, em sua obra, certa descrença nas cartilhas, pois, segundo ele:

> As cartilhas, por boas que sejam do ponto de vista metodológico ou sociológico, não podem escapar, porém, a uma espécie de "pecado original", enquanto são instrumento através do qual se vão "depositando" as palavras do educador, como também seus textos, nos alfabetizandos. E por limitar-lhes o poder de expressão, de criatividade, são instrumentos domesticadores. (...) Em geral, porém, tanto as palavras quanto os textos das cartilhas nada têm a ver com a experiência existencial dos alfabetizandos (FREIRE, 2007, p. 16).

Nas descrições metodológicas do método cubano percebe-se que existe uma preocupação com relação à escolha de palavras do contexto do alfabetizando. Por isso, é-se levado a entender que não há um padrão pré-estabelecido das palavras que serão apresentadas nas cartilhas. Contudo, quando se analisa as cartilhas do método cubano, percebe-se que, na maioria das vezes, as palavras são pré-dadas, pouco ou nada restando dos procedimentos similares do método freiriano, que

trabalha com as palavras geradoras, emergentes do contexto de diálogo no círculo de cultura, conforme o esquema a seguir explicitado pelo próprio Freire:

> Seleção [das palavras geradoras] a ser feita sob critérios:
>
> a – o da riqueza fonêmica
>
> b – o das dificuldades fonéticas (as palavras escolhidas devem responder às dificuldades fonéticas da língua, colocadas numa sequência que vá gradativamente das menores às maiores dificuldades)
>
> c – o de teor pragmático da palavra, que implica numa maior pluralidade de engajamento da palavra numa dada realidade social, cultural, política. (FREIRE, 2007, p. 122).

A fim de confirmar se as palavras que estruturam a cartilha do método cubano obedecem ou não ao critério apresentado pelo método brasileiro, o quadro X apresenta as palavras encontradas na cartilha do *Yo, sí Puedo* em língua espanhola. As letras estão dispostas na ordem em que devem ser aprendidas. O quadro apresenta, também, a tradução das palavras para o português.

QUADRO X

PALAVRAS UTILIZADAS NA CARTILHA DO *YO, SÍ PUEDO* PARA APRENDIZADO DAS LETRAS

Letra	Palavra	Tradução	Letra	Palavra	Tradução
1 – A	Casa	Casa	2 – E	Beso	Beijo
3 – I	Familia	Família	4 – O	Sol	Sol
5 – U	Luna	Lua	6 – L	Ala	Asa
7 – R	Radio	Rádio	8 - F	Feo	Feio
9 – M	Mujer	Mulher	10 – C	Cama	Cama
11 – P	Palma	Palmeira	12 – T	Tomate	Tomate
13 – V	Vaca	Vaca	14 – S	Sol	Sol
15 – N	Luna	Lua	16 – RR	Carro	Carro
17 – Q	Mosquito	Mosquito	18 – Y	Arroyo	Arroio
19 – D	Dedo	Dedo	20 – B	Basura	Lixo
21 – H	Huevo	Ovo	22 – Ñ	Niño	Menino
23 – CH	Leche	Leite	24 – J	Viejo	Velho
25 – X	Taxi	Táxi	26 – LL	Pollo	Frango
27 – Z	Zapato	Sapato	28 – G	Gato	Gato
29 – K	Kilogramo	Quilograma	30 – W	William	William

Conforme se pode perceber, são palavras que fogem, na sua emergência e sequência, das indicações de Freire, na medida em que ele estabelece critérios diferentes – não meramente sintáticos – para a escolha das palavras geradoras, especialmente os que se originam nas relações de natureza política e sociocultural.

Examina-se o testemunho dos educadores que se envolveram, de uma forma ou de outra, com a aplicação de ambos os métodos, ainda que seja representação dos fenômenos, por quem não estavam preocupadas como rigor da pesquisa científica, outras conclusões podem ser tiradas.

De acordo com as informações já apresentadas pelo alfabetizador Jerimário Pereira Chaves, no uso do método cubano, é realizado um debate com os

alfabetizandos acerca do apresentado em vídeo, o que, de certa forma, mostra uma oportunidade para se discutir, sob diferentes pontos de vista, um mesmo aspecto ou problema, oportunizando leituras de mundo locais, mesmo que as imagens remetam a outras realidades. O educador-monitor auxilia no estabelecimento das relações entre o global e o local. Todavia, parecem ser discussões empobrecidas em relação aos ideais de transformação sugerido pela teoria de Freire. Estas discussões do método cubano poderiam ser mais bem aproveitadas se fossem mais articuladas com os contextos específicos. Para que isso seja possível, é necessário que emerjam desses contextos. Porém, para que esta emersão se dê, é necessário que o educador, inicialmente, seja um pesquisador do universo simbólico da comunidade em que a alfabetização será desenvolvida. Alguns dos vídeos do método cubano resultam de filmagens no universo local, alvo da alfabetização, satisfazendo a condição do Método Paulo Freire de somente trabalhar temas do contexto do alfabetizando.

Há certa semelhança com relação a ambos os métodos lançarem mão de recursos de multimídia. O educador brasileiro Paulo Freire, sugere em seu método o uso de slides, cartazes, figuras, fotogramas e até pinturas, que vão fazer com que se abra um tema gerador para chegar à palavra geradora. O *Yo, sí Puedo* faz uso do rádio e da televisão e suas aulas, em geral, são gravadas em vídeo Os recursos iconográficos, além de serem obviamente necessários quando se começa um trabalho de alfabetização com pessoas que não lêem e não escrevem, há uma intensificação da participação do alfabetizando, já que, no século XX inaugurou-se o que poderia ser denominado “Era da Imagem”.

Enquanto a educadora Sônia Feitosa afirmou que o conteúdo exibido nas tele-aulas não passa de uma novela, uma historieta, o professor cubano Adolfo Fernández aponta o uso dessa dramatização como uma motivação ao alfabetizando, por se tratar de algo atraente – porque tratado de forma dramática – para quem está cansado por trabalhar o dia todo e ainda ter que frequentar as aulas magistrais, verborrágicas, e que certamente, são responsáveis pelos maiores índices de evasão.

Realmente o recurso televisivo é, nos dias atuais, bastante benéfico ao processo de ensino. Freire fez uso dos recursos de que dispunha em sua época, para levar, de maneira mais exitosa, o trabalho com as palavras geradoras. No *Yo,*

sí Puedo, as dramatizações têm relação com os conteúdos da aula. Dramatizações podem levar os alfabetizandos à discussão mais intensa de sua realidade, uma vez que as narrativas dramáticas promovem, em geral, o confronto de variados pontos de vista.

Após o estudo das letras há, no método cubano, aulas que são dedicadas a sanar as dificuldades apresentadas pelos alfabetizandos e, também, uma etapa para que se possa fazer a fixação dos conteúdos aprendidos. São 29 aulas, em que a proposta não é mais o aprendizado das letras, mas a assimilação dos conhecimentos, chegando a se preparar, como material avaliativo duas redações finais. Na própria cartilha, há um local próprio para que se faça o texto final.

Na aplicação do Método Paulo Freire há um rigoroso planejamento, ainda que se tenha a impressão de total improvisação. Além disso, a avaliação é detalhadamente planejada. Diferentemente das propostas “bancárias” de avaliação, ela é dialogada. A grande diferença é que tudo é feito no círculo de cultura, sem a imposição prévia e unilateral de conteúdos e procedimentos elaborados pelo professor.

Outro importante aspecto do *Yo, sí Puedo* é que, toda apresentação do método, seja ela em documentos oficiais, como *sites* de órgãos de respaldo internacional, ou em divulgações não formais, como *blogs* e *sites* de organismos defensores das práticas cubanas, traz sempre a indicação do montante financeiro a ser investido para cada alfabetizando. Assim sendo, para se fazer um comparativo com o atual cenário nacional, é significante realçar que as estimativas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) eram de um *per capita* alfabetizando de R$ 200,00 (duzentos reais), a serem repassados por meio do Brasil Alfabetizado, para o ano de 2008. De acordo com o IPLAC, para cada alfabetizando com o método *Yo, sí Puedo*, é necessário um investimento de US$ 15,85; o que resulta na razão de aproximadamente seis beneficiados com o método cubano para cada participante do Brasil Alfabetizado.

Os sucessores do pensamento freiriano sempre apontam uma relativa vantagem de se trabalhar com o Círculo de Cultura, principalmente pelo caráter simbólico da circunferência enquanto forma geométrica, pois todos ficam

equidistantes de um mesmo centro, de forma que não há ninguém que deposite o conhecimento de forma autoritária, como explica Brandão:

> O círculo de cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente (...). Era ponto de partida a idéia de que apenas através de uma pedagogia centrada na igualdade de participações livres e autônomas seria possível formar sujeitos igualmente autônomos, críticos, criativos e conscientes (BRANDÃO, 2008 p. 77).

As práticas do método cubano, aparentemente, se dão de maneira convencional, em sala de aula, ou seja, fileiras que se espalham ante uma lousa e um professor. Nada impede, no entanto, que se faça a incorporação do círculo de cultura na alfabetização pelo *Yo, sí Puedo*, uma vez que há, nele, espaço para o debate e, assim, a oportunidade daquele que se alfabetiza dizer sua própria palavra.

Por meio desse trabalho, procurou-se descrever os Métodos de alfabetização *Yo, sí Puedo* e Paulo Freire, a fim de que pudesse compará-los, com vistas a se apurar a veracidade da afirmação que justifica a resistência à aplicação do método cubano em território brasileiro devido às suas disparidades em relação com a metodologia criada pelo educador Paulo Freire, na década de 1960.

Procurou-se, também, averiguar, por meio de entrevistas, as experiências piloto do Método *Yo, sí Puedo* realizadas nos municípios piauienses, no ano de 2006, para que se obtivessem informações mais diretas dos próprios protagonistas das mesmas, visando a verificar o impacto da metodologia cubana em território nacional. Por conta disso, foi entrevistada, igualmente, uma das participantes da plenária do VIII ENEJA, que concluiu pela resistência que constitui parte do objeto dessa dissertação.

Analisando as descrições metodológicas e as afirmações dos entrevistados, pode-se perceber que o método cubano representa, atualmente, uma das maiores práticas de alfabetização do mundo, estando em constante crescimento e sendo internacionalmente reconhecido, pelos prêmios que tem recebido.

Devido ao fato de, desde o início, a metodologia estrangeira apresentar preocupações em levantar dados, palavras e costumes do ambiente de aplicação,

percebe-se que há um grande potencial no método para se trabalhar os pontos de vista dos alfabetizandos sobre os variados temas, pode-se dizer que ele tem vários pontos de contato com o Método Paulo Freire, especialmente no que diz respeito ao debate sócio-cultural que é fundamental para Freire.

A cartilha do método cubano aponta palavras empobrecidas fonética e sócio-culturalmente, de forma que, se fossem escolhidas, facilitariam o trabalho de estimulação para o debate e para a formação de novas palavras por meio da identificação das famílias silábicas. É necessário, no entanto, procurar por palavras que sejam significativas e que gerem discussão, como foi feito por Freire e, também, nos processos de alfabetização desenvolvidos na própria Revolução Cubana, nos anos de 1960.

O material em forma de cartilha pode ser perfeitamente usado, sem que condicione, negativamente a ação alfabetizadora, desde que ele sirva apenas para a visualização do conjunto letra e número, bem como para a percepção das letras enquanto signos (unidades sem significado em si mesmas) que se prestam a formar significados, por meio das palavras.

É evidente que, como preconiza o Método Paulo Freire, não existem textos ingênuos, uma vez que cada sílaba é derivada de palavras que podem ser artificialmente impostas e que, portanto, não remetem, criticamente, ao contexto do educando, cristalizando, cada vez mais, sua alienação. As cartilhas não são um mal em si mesmas; o problema das cartilhas apontado por Paulo Freire deriva da alienação de seus textos que, em geral, referem-se a contextos desconhecidos pelo (a) alfabetizando (a) alienantes. Por exemplo, quando o método freiriano examina criticamente frases como “Ivo viu a uva”, mesmo que ele reitere a freqüência do fonema e do grafema “v”, além da ingenuidade da frase, uva pode ser uma fruta totalmente desconhecida e desprovida de significado para os educandos que, por hipótese, seriam de uma região para cuja população uva não é importante.

O fato de haver exposições televisivas durante o aprendizado também, aparentemente, não vai de encontro ao pensamento de Freire, pois, ao analisá-lo, pode-se, facilmente, perceber que o ele também fazia uso de recursos audiovisuais para estimular o debate sobre os temas e as palavras geradoras.

Os princípios freirianos organizacionais do Círculo de Cultura poderiam ser aplicados no método cubano, de forma a se fazer ajustes na organização do espaço escolar e na distribuição dos alfabetizandos. Afinal, está claro que há, nas práticas do *Yo, sí Puedo* a oportunidade de o alfabetizando emitir suas opiniões e se manifestar diante dos fatos a ele apresentados, não havendo, neste aspecto, nenhuma incompatibilidade com o Método Paulo Freire.

Os ajustes mencionados visam a pequenas adequações no método cubano a uma metodologia que comporte procedimentos que incentivam o protagonismo dos educandos. Aliás, esta é uma das singularidades do Método Paulo Freire em relação a outros métodos de alfabetização, pois o autor de *Pedagogia do oprimido* vê uma vantagem comparativa, do ponto de vista epistemológico e gnosiológico dos (as) oprimidos (as), Diante desta premissa, não haveria nenhum sentido em não se fundamentar os princípios, a metodologia e os procedimentos, a partir da perspectiva dos próprios educandos.

Quando se afirma a incompatibilidade do método cubano com o brasileiro, talvez, não se perceba que é feito, do principio ao fim da prática cubana, investigações que procuram dar vez e voz ao (à) alfabetizando (a).

Em suma, entre as semelhanças apontadas, neste trabalho, entre os dois métodos, podem-se destacar:

a) A preocupação em promover a alfabetização coordenada por um alfabetizador local;

b) A investigação crítica do ambiente de aplicação, a fim de que se atinja o contexto do alfabetizando nas práticas e, principalmente, a intenção de trazer ao alfabetizando a oportunidade de se refletir e se manifestar sobre seu próprio mundo, de modo à nele intervir de forma mais qualificada, evitando, portanto, as repetições mecânicas da educação bancária.

c) A preocupação em se ensinar e aprender em comunhão, no debate, na discussão, a fim de que a alfabetização seja implementada como um meio e jamais como um fim, para não se transformar em um processo mecânico de repetições de fórmulas lingüísticas, mas como um instrumento de conscientização.

Se, de fato, os maiores sucessos do *Yo, sí Puedo* se dá em países de conjuntura revolucionária, ele terá sucesso igual se aplicado em qualquer circunstância ou contexto. Não faz sentido afirmar que um método adequado e oportuno para um contexto de transformação revolucionária não seja indutor de transformações em situações conservadoras, nas quais ele pode ser o instrumento do despertar e da aceleração das transformações.

Qualquer método justificará o nome de alfabetizador, se norteado pela intenção de se promover uma alfabetização emancipadora, formando e transformando aqueles que dela participam, seja como alfabetizandos, seja como alfabetizadores, pesquisadores ou promotores, procurando fazer jus disposto no artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que é o direito a instrução elementar.

ANEXO I

MOÇÃO DE ADVERTÊNCIA DO VIII ENEJA

MOÇÃO DE ADVERTÊNCIA ÀS AUTORIDADES QUANTO AOS RESULTADOS DO PROGRAMA YO, SÍ, PUEDO.

Os 598 delegados dos 26 fóruns estaduais, do fórum distrital e dos 51 fóruns regionais de educação de jovens e adultos brasileiros, reunidos no Recife, de 30 de agosto a 2 de setembro de 2006, durante o VIII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos aprovaram a presente moção, nos seguintes termos:

a) compreendemos que o povo cubano, no contexto do seu processo revolucionário, foi capaz de realizar uma "campanha" de alfabetização de jovens e adultos cujos resultados permitiram elevar a escolarização em todo país, que até hoje resiste heroicamente ao bloqueio econômico e às ameaças de intervenção dos Estados Unidos da América – EUA.
b) Esta experiência foi ampliada na Venezuela e Bolívia, que vivem, também, um contexto revolucionário
c) Sob este aspecto, o Brasil vive um outro contexto, no qual superamos a proposta de "campanha" para a de um Programa Brasil Alfabetizado que, respeitando a autonomia das unidades federadas, tem como perspectiva o caráter de política pública, por meio da continuidade da escolarização organizada em sistema público de Educação de Jovens e Adultos – EJA.
d) O legado da educação libertadora de Paulo Freire e de outros educadores tem marcado as experiências educativas em instâncias governamentais e dos movimentos sociais na alfabetização de jovens e adultos.
e) O contexto brasileiro atual e este legado apontam para o fortalecimento e a consolidação de metodologias criativas e adequadas à realidade dos(as) educandos(as), neste momento, e instigam problematizar e questionar a aplicação do método cubano Sim, eu posso! como método único na forma de "campanha", uma vez que seus princípios político-pedagógicos se contrapõem ao legado brasileiro.

Diante disto, nós, delegados do VIII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos – ENEJA, reivindicamos uma avaliação criteriosa, por parte da SECAD/MEC, da experiência piloto realizada nos municípios de Buriti Lopes, Caxingó e Murici dos Portelas, no estado do Piauí, de outubro de 2005 a julho de 2006, a ser socializada na reunião técnica da SECAD/MEC com os representantes dos Fóruns estaduais de EJA do Brasil, ainda neste ano de 2006, para um posicionamento político final.

Delegados do VIII Encontro Nacional de EJA.
Recife, Pernambuco, 2 de setembro de 2006.

APÊNDICE I

ENTREVISTA COM SÔNIA COUTO FEITOSA

Marcus: De que maneira a senhora recebeu a Moção de Advertência contrária ao método *Yo sí Puedo*?

Sônia: Eu estava nessa plenária do fórum e foram feitas algumas exposições do pessoal do Paraná que estava adotando o *Yo sí Puedo* e também o Movimento dos Sem Terra em alguns acampamentos O fórum ouviu o que cada um dessas pessoas veio falar e eles apresentaram também um vídeo que mostrava o que era uma aula: é uma novelinha, uma historinha que eles contam e assim, diante de tudo que nos foi apresentado o fórum deu parecer considerando o método totalmente pobre com relação ao que a gente tem aqui como proposta de alfabetização principalmente no ponto de vista fereiriano. A gente percebeu, por exemplo, que o método era bem esvaziado de discussão política e assim, a gente presa por essa questão, principalmente os movimentos populares que tem trabalhado o processo de alfabetização e conscientização então não teria sentido a gente adotar uma metodologia que já foi muito superada.

Marcus: A equipe que fez essa moção trata da EJA como um todo ou direcionada para os Movimentos de Educação Popular ou coisa do gênero?

Sônia: Olha, no fórum tem de tudo, tem administração publica que trabalha com a EJA regular dentro das escolas, tem Movimentos Sociais, tem Universidades o fórum ele é bem eclético nesse sentido e assim, a avaliação de todos foi que...(você deve estar pesquisando você deve conhecer bem) e o que a gente percebe é que, claro, é uma metodologia que tem o seu valor, não há porque desqualificar totalmente mas eu acho que o Brasil que já teve a contribuição de Paulo Freire que já avançou tanto nesse sentido, nós ficamos meio surpresos com a proposta e mais surpreso ainda por saber que o próprio MST estava adotando a metodologia.

Marcus: Que análise a senhora faz entre os métodos *Yo sí Puedo* e o de Paulo Freire?

Sônia: O *Yo sí Puedo* é o método dentro daquilo que pode se chamar de método, de metodologia e as propostas de Paulo Freire não se enquadram nesse perfil de método, a gente fala Método Paulo Freire, pois ficou conhecido como Método Paulo Freire, mas ele está mais no campo da teoria, no campo das idéias, não existem experiências... ou melhor ele não imprime uma seqüência de passos metodológicos que digam tem que ser assim, tem que ser assim, o *Yo sí Puedo*, por exemplo, ele tem uma conjugação de números onde você há de convir comigo que isso é um processo mecânico onde se faz a analogia de número e letra você substitui. Isso e é um processo mecânico, pelo que a gente percebeu naquele dia da apresentação ele não passa disso, desse processo mecânico. Não há um investimento do ponto de vista de transformar a realidade como Paulo Freire sugere nas suas propostas.

Marcus: Caso o *Yo sí Puedo* tivesse essa proposta do número letra, mas houvesse uma discussão, algo sobre a leitura do mundo, a partir do conhecimento numérico cair no conhecimento literal mas com a discussão pela leitura do mundo...(interrompido)

Sônia: Ele não passa por esse viés da politização ele é um método mecânico que se propõe a ensinar o analfabeto a fazer a correspondências som/grafia então ele pode até seu valor enquanto essa metodologia, da mesma forma a gente tem aí o método Kumom outros métodos de ensino-aprendizagem que trabalham nessa linha da comparação, da subustituição, da analogia digamos assim. O que você encontra na perspectiva freiriana não passa nem perto disso, Paulo Freire trabalhou mais no sentido de que a alfabetização tem que se dar num processo de leitura de mundo onde a pessoa possa ler e reler a realidade para que ela possa transformá-la então é outra lógica, é outra linha de raciocínio.

Marcus: Então é um método feito exclusivamente para a leitura da palavra mecanizada?

Sônia: No caso do *Yo sí Puedo* eu vejo assim, como um método que leva a leitura da palavra, eu não posso falar com muita propriedade porque eu não conheço e eu não fiz nenhuma pesquisa mais aprofundada sobre o *Yo sí Puedo*, eu vi um programa, apenas um, e assim fiquei bastante surpresa pela forma com que eles apresentam a proposta eu achei a professora extremamente aquela professorinha que trabalha com criança, sabe aquela coisa meio folclórica, aquela imagem meio folclórica do educando; ingênua eu diria, porque é que eu to dizendo isso, porque foi

feito uma avaliação e a gente percebeu (no programa que eu assisti) haviam muitas possibilidades de fazer uma discussão de um ponto de vista mais político no sentido de ampliar a visão daqueles alunos e ficou apenas na leitura da palavra, eu diria que ele é um método que para um país que tem Paulo Freire como um membro da sua terra não caberia, nós temos aqui a contribuição de Paulo Freire que é o educador brasileiro você importar um método que não tem nada a ver com a realidade desse povo brasileiro eu acho super estranho.

Marcus: Eventualmente a senhora acredita que há possibilidade de se ajudarem? O Método Paulo Freire vir somar ao *Yo sí Puedo*?

Sônia: Eu acho que são duas coisas muito diferentes, completamente diferentes. Por exemplo, se você trabalhar numa perspectiva freiriana com o processo de alfabetização pautado nas teorias mais atuais (do construtivismo, do sócio-construtivismo, da psicogênese da língua escrita) você promove um processo de alfabetização muito eficiente, muito eficaz sem a necessidade de utilizar a memória. Eu vejo muito de mnemônico no processo *Yo sí Puedo* e a gente tem que trabalhar mais na perspectiva da compreensão e não da memorização. Então quando eu compreendo o processo, quando eu entendo como é que se dá a decifração desse código eu sou capaz de produzir, de escrever e de ler qualquer coisa e acompanhado a isso se eu for orientada a utilizar esse conhecimento em prol do meu bem estar pessoal e da coletividade ou seja se eu trabalhar o aspecto político do Método Paulo Freire junto com a aquisição do código escrito eu estou preparada para transformar o mundo, para fazer uma revolução do ponto de vista cultural.

Marcus: A senhora sabe da existência de alguma pesquisa sobre o *Yo sí Puedo?*

Sônia: Acho que tem muitas pesquisas de Mestrado e Doutorado porque como é uma metodologia nova que chegou ao Brasil de uma forma inesperada, de repente a gente fica sabendo que tem muitos estados que estão adotando o método e isso suscitou a curiosidade dos pesquisadores e é super válido que para que se faça uma análise se conheça. A análise que eu faço é de um fragmento que eu vi.

Marcus: Então permanece toda a questão promovida pela moção, ou seja, nesse momento o método *Yo sí Puedo* encontra-se... (interrompido)

Sônia: A meu ver ele tem um espaço muito maior do que a gente esperava, porque como é que... acho que a gente tem que entender que o povo brasileiro está tão desesperado com o analfabetismo que experimenta de tudo

Marcus: A senhora então acredita que o sucesso do *Yo sí Puedo* deve-se ao tempo?

Sônia: Sim, ele é uma metodologia que promete que a pessoa fique alfabetizada, eu lastimo muito que o Brasil ele de tão pouca importância a alfabetização e deixe essa situação ao sabor de qualquer coisa que chegue aqui. As pessoas assumem e querem fazer sem nenhuma referência, é engraçado você ter um método cubano num país em que você não utilizou esse método. A situação de Cuba está equacionada porque lá educação é prioridade porque lá não existe esse numero gritante de analfabeto. Ele vem sendo utilizado em países onde não há um avanço de estudo nessa área. O Brasil, eu vejo, que tem um avanço já; um acumulo de discussão nessa área. Não vejo necessidade de se importar um método.

Marcus: Seria puramente estatístico? Apenas para aliviar o índice?

Sônia: Sim, em detrimento da qualidade. Eu diria que ele foi um método bem vendido, acho que ele foi bem vendido ao governo brasileiro. Aquela coisa milagrosa de que se alfabetiza em pouco tempo.

Marcus: Seria ignorância dizer que talvez tenha tido essa receptividade por ser um método internacional?

Sônia: Acredito que sim, isso é muito comum, Cuba tem muito respaldo, tem toda a fama por ser um país que equacionou seus problemas educacionais então "se vem de Cuba é bom" então fica essa idéia "Ah então se lá não tem analfabetismo o método que eles criaram vai resolver os problemas do analfabetismo aqui no Brasil" infelizmente pelo que eu conheci do *Yo sí Puedo* deixa muito a desejar.

Marcus: Eventualmente a senhora acredita que se conciliem ambos os métodos estudados?

Sônia: Não, não vejo a menor possibilidade. Veja bem, eu acho que na estrutura do *Yo sí Puedo* não caberia pois é uma estrutura antagônica a proposta freiriana, essa coisa da memorização, esse método mnemônico, eu acho que são antagônicos, não cabe. Paulo Freire jamais se pautaria em uma proposta de alfabetização que trabalhe de uma forma tão cartesiana. Eu não vejo a menor possibilidade.

APÊNDICE II

ENTREVISTA COM ADOLFO NUÑES FERNÀNDEZ

Marcus: De que forma o senhor analisa a Moção de Advertência do VIII ENEJA?

Adolfo: Examinaram vários trabalhos em diferentes lugares, mas na realidade não avaliaram como se havia trabalhado na Venezuela que em 25/10/2005 se declarou livre do analfabetismo, inclusive a UNESCO outorga o prêmio José Marti a Venezuela por ficar livre do analfabetismo com o método cubano. E aí falam muitas coisas que se contradizem, inclusive.

Marcus: O senhor participou das aplicações no Piauí?

Adolfo: Sim, eu fui e firmei o convênio para aplicação do projeto, visitei a prefeitura, os municípios onde se aplicou o projeto e tive muito sucesso. Foram publicadas perto de 50 matérias, inclusive no Estado de São Paulo que publicou uma matéria muito positiva, pois a eficácia que o método teve lá foi de cerca de 80%.

Marcus: Depois dessa aplicação foi realizado o ENEJA e concluíram que o método não era viável no Brasil por conta das disparidades com o Método Paulo Freire, essa foi a afirmação do Brasil para não aplicar o método *Yo sí Puedo*?

Adolfo: Eu ainda estou esperando um motivo pelo qual não se generalizou a aplicação porque, nos municípios em que se aplicou, os secretários de educação estavam loucos para generalizar o método, pela rapidez com que aprenderam a ler e a escrever, mas o MEC falou que não tinha condições para generalizar depois eles falaram que era um método não compatibilizado com Paulo Freire, mas eu acho que Paulo Freire aqui tem que se aplicar muito mais do que se está aplicando e eu acho que o método está bem compatibilizado com a realidade de Paulo Freire. A diferença é que está se utilizando os meios audiovisuais de uma forma que segundo a atualidade são mais avançados do que quando Freire criou.

Marcus: Ao *Yo sí Puedo* criar uma cartilha para cada situação ele faz um estudo das palavras daquela população em que ele é aplicado, assim como Paulo Freire fazia?

Adolfo: Uma cartilha é algo geral, mas os monitores são os que contextualizam de uma forma mais especializada a metodologia, o vocabulário, as tarefas. Cada pessoa é uma individualidade e se formos analisar cada pessoa, cada pessoa necessita de uma cartilha. Mas essa função de contextualizar quem tem é o monitor, pois ele mora com esses iletrados, nesse lugar, que conhece o costume, o vocabulário e é quem coloca as tarefas específicas para esse iletrado. Então eu acho que precisamente a simplicidade que tem o método é uma das vantagens que tem, uma cartilha que é elementar, mas depois é contextualizada pelo monitor.

Marcus: Há uma afirmação contrária as aplicações do *Yo sí Puedo* é que falta a discussão sobre a visão do mundo do alfabetizando, o senhor acredita que com o *Yo sí Puedo* é possível humanizar o ser humano?

Adolfo: Este método propicia precisamente o debate, é possível que critiquem o método sem conhecer, mas se escutam critérios dos iletrados com relação a temáticas muito atualizadas.. a situação da mulher na sociedade, do meio ambiente, de diferentes questões que permitem ter uma visão e uma interação política e social maior dos iletrados.

Marcus: Ou seja Paulo Freire ajuda na criação do *Yo sí Puedo*?

Adolfo: É claro que está na base! Está na base de nossa metodologia.

Marcus: Agora, por exemplo, as palavras da cartilha utilizada na Venezuela são diferentes da cartilha utilizada na Bolívia?

Adolfo: As palavras são diferentes, a relação e a análise que se faz das letras com os números porque de acordo com o idioma de cada população se relacionam as letras e os números e toda essa contextualização que não pode faltar do monitor porque aí aparece uma classe que pode ser comum a dramatização, mas o contato físico então e a contextualização se faz diferente.

Marcus: A questão número-letra, o senhor acha que essa idéia inicial ela não foi bem aceita no contexto brasileiro e por isso o método tenha sido barrado?

Adolfo: É possível que algumas pessoas não aceitem bem, mas está claro que os iletrados têm um domínio muito desenvolvido dos números e das operações, e aí está a relação que se estabelece para tratar o conhecido com o desconhecido por ele que são as letras.

Marcus: A associação letra-número vai facilitar por conta da ordem das palavras aprendidas?

Adolfo Pela ordem de utilização e freqüência de utilização das palavras no idioma.

Marcus: E os meios áudio visuais o senhor acredita que também são grande facilitadores do método?

Adolfo: É claro que uma metodologia não é **voltada só para isso**, sobretudo para o iletrado que em muitas situações o maior interesse para eles é o trabalho porque precisam dele para viver, então o estudo é algo secundário para ele, portanto quando terminam de trabalhar e estão cansados começar a estudar é algo muito difícil para ele, então é uma metodologia atraente, é uma metodologia estimulante que é como assistir a uma novela nessa dramatização e aprendem um pouco sem perceberem que estão aprendendo e é aí onde se motivam, se motivam porque aprendem muito rápido. E não dizemos que este é um método terminal, ele é só um primeiro degrau para se continuar desenvolvendo habilidades de leitura-escrita porque o método tem a segunda parte chamda *Yo sí Puedo Seguir* que em dois anos por essa mesma metodologia adquirem conhecimento básico e fundamental relativos a 7 série e passam a ter mais inclusão na vida social, trabalhista e política.

Marcus: Que avaliação o senhor faz da aplicação no Piauí?

Adolfo: No Piauí foram muito bons os resultados, inclusive lá tem critérios muito bons... a pouco eu estive em Brasília onde participou também uma professora que ajudou a aplicar o método e que deu um parecer muito favorável, assim a pessoa que está próxima do método, que conhece o método o parecer que tem é muito bom.

Marcus: Como estão às aplicações do *Yo sí Puedo* no Maranhão?

Adolfo: No Maranhão o método se aplica não pela via institucional, mas sim por um Movimento social e o governo está apoiando a aplicação com transporte de assessores, com os meios técnicos tv e vídeo, com a reprodução dos materiais. Onde há chance de se aplicar pelas vias institucionais é em João Pessoa que vai começar a aplicar e já se tem um convênio firmado a se assinar, bem como a Secretaria Especial de Agricultura e Pesca que vai aplicar nas cinco regiões do Brasil, inclusive com possibilidades de se aplicar pelo rádio.

Marcus: Mesmo com a Moção de Advertência o senhor acha que o *Yo sí Puedo* ainda se desenvolveu bastante no Brasil?

Adolfo: Com certeza, inclusive eu falava da intenção da Secretaria Especial de Agricultura e Pesca, essa secretaria conversou com o MEC e o MEC não se opôs

para que eles utilizassem o ***Yo sí Puedo*.** Mas tendo em consideração da relação muito estreita de trabalho entre a secretaria de agriculutra e pesca com o Ministério de agricultura cubano vai ser realizado a aplicação pelo ***Yo sí Puedo***. Não sei se com isso o MEC pode mudar de idéia mas eles falaram que os estados tinham autonomia para aplicar esse método. Evidentemente que aplicar o método por uma via formal vai permitir atingir todas as condições técnicas para que o método desenvolva a efetividade que tem, para alfabetizar os participantes em sete semanas, que tenha todo um sistema de acompanhamento e avaliação do impacto e que possa demonstrar precisamente a motivação que deixa no iletrado para continuar estudando, que é o mais importante. E evidentemente se aplica aí com todo um conjunto de garantias e meios técnicos que por outra via institucional não é possível garantir.

Marcus: As cidades do Piauí continuam com aplicações?

Adolfo: Eu não sei se eles continuam aplicando por meio da secretaria de educação, porque sei que tem gente que ficou apaixonada pelo método, mas não sei com certeza de que se está se aplicando.

Marcus: O senhor teve acesso aos alfabetizados do Piauí sobre a forma que ela recebeu o método?

Adolfo: Quanto a isso eu não tive mais contato, mas sei disso porque li a carta que eles têm que escrever como parte da avaliação do trabalho e também nós demos seguimento aos que continuaram estudando e ingressaram em outra vida de escolarização e foi um percentual muito grande.

Marcus: As questões que envolvem a incompatibilidade dos métodos afirmam que não há o debate com o analfabeto, o senhor acredita que existe essa preocupação em mudar o analfabeto?

Adolfo: Está presente sim, na metodologia, nos métodos que utilizam *Yo sí Puedo* porque precisamente *Yo sí Puedo* é eclético, utiliza o método analítico, método sintético, método fônico e a linguagem que aplicava Paulo Freire que partia de uma palavra chave aqui também se utilizanj, partindo de uma lenda, de uma história, que propicia o debate dos iletrados e nesse debate ele transforma sua vuisão do mundo, transforma sua visão com relação ao meio ambiente, ao papel da mulher na sociedade, em diferentes temáticas da atualidade, a partir daí se chega a palavras, a frases e por essa via analítica a letra em que se vai estudar. E aí ele utiliza combinações de letras e outros métodos sintéticos que permitem utilizar essas

letras em outras palavras mas de forma geral este método permite essa transformação de liberdade.

Marcus: Houve algum contato por parte daqueles que fizeram afirmações contrárias ao método para um eventual estudo do *Yo sí Puedo*?

Adolfo: Eu não sei como eles estudaram o método, não sei onde estudaram o método, não sei com quem dialogaram, não sei se participaram em algum congresso em Cuba, que seja algum congresso especifico de alfabetização, porque Cuba já tem seis prêmios da UNESCO na área de alfabetização, então temos acumulado uma experiência vasta nesta área de alfabetização e se propiciam vários debates cientificas nesses congressos. Não sei se algum deles participou desses congressos ou tiveram oportunidade de dialogar com os criadores do método, mas não sei de onde puderam obter material de estudo para criticar o método.

Marcus: O senhor atribui essa critica a motivações pessoais ou motivos políticos?

Adolfo: Eu não posso afirmar nada a respeito, mas tenho minhas duvidas com relação a fontes para essas críticas. De onde saem essas criticas, porque eu não sei quais materiais e quais vivências têm para fazer a critica.

Marcus: Aqui no Brasil está sendo desenvolvido algum outro estudo do método?

Adolfo: Acho que de forma geral um estudo científico? Não tenho conhecimento de outro além do estudo que o senhor vem realizando.

APÊNDICE III

ENTREVISTA COM MARIANA FERREIRA SALES

Marcus: Como foi que você ficou sabendo do método cubano?

Mariana: Eu trabalhava na secretaria municipal de Educação de Murici dos Portelas, com a mudança de governo municipal a cidade estava completamente sem rumo. A cidade é nova, só tinha tido um prefeito que passou oito anos no poder, com a mudança de prefeito o povo queria uma mudança e a nova prefeita pediu ajuda ao governo para propor algo diferente, que motivasse a população. A *Alfabetização Solidária* não deu certo lá. Então, o Secretario Estadual de Educação pediu para implantar o método cubano em Murici dos Portelas, Caxigó e Buriti dos Lopes, cidades próximas uma da outra. Em um primeiro momento ninguém queria aceita ficar na coordenação do projeto piloto, na realidade pensavam que era igual à *Alfabetização Solidária*. O povo esta desmotivado e o professor Carlos, sempre presente, queria uma pessoa com compromisso que pudesse ajudar ele a lograr êxito com o projeto. A minha participação foi, no inicio quase, forçada, afinal eu era assessora da Secretaria Municipal de Educação e seria mais uma responsabilidade.

Marcus: Você acompanhou de perto todas as aplicações em Murici?

Mariana: Sim, desde o início, mas eu acreditei no projeto a partir da primeira reunião com os monitores, afinal o professor Carlos estava em busca de pessoa que fosse realmente voluntária e não só por receber um pagamento. Assim sendo, conversamos muito e abrimos uma turma com um jovem sem experiência em nada e esta cursando segundo ano do Ensino Médio, a segunda turma teve como alfabetizadora uma jovem que só tinha cursado até a quarta série do Ensino Fundamental.

Marcus: E como foi a escolha e o convívio com os alfabetizandos?

Mariana: Tudo no início foi negativo pois a questão política era muito forte. Queriam colocar qualquer pessoal e eu e o professor não aceitamos, por isso foi dificil... eu estava apavorada porque ninguém acreditava que os dois monitores que escolhemos iriam saber desempenhar a sua função. No primeiro momento, com a primeira turma, acompanhamos a chegada dos alunos, o professor se apresentou à turma e falou da importância do projeto, fizemos uma espécie de pacto dos alunos para que ficassem uma semana e depois voltaríamos a fazer a visita. Durante o dia

eu ia visitar os alunos em suas casas, conhecer as famílias, o dia a dia. Em algumas vezes o professor Carlos me acompanhava. Os alunos se sentiam importantes, houve uma interação entre os alunos e o monitor.

Marcus: E como foi a reação dos alfabetizandos quando passaram a descobrir a leitura e a escrita?

Mariana: Na verdade o meu medo era que o projeto não fosse dar certo e fiquei totalmente envolvida. Muitas pessoas diziam que não ia dar certo. Os alfabetizandos, no início, nem sabiam pegar no lápis, assim, o primeiro passo era trabalhar a coordenação motora.

Marcus: Como eram as aulas?

Mariana: Na verdade eles assistiam o programa e se envolviam, porque era uma novela. Eles adoravam a professora da TV e o ator Chico Diaz que apresentava a tele aula. Eles prestavam muita atenção para repetirem os exercícios.

Marcus: Mas depois a "novela" não havia nenhum debate sobre o que eles haviam assistido?

Mariana: Depois das aulas da TV eu sempre pedia aos monitores que tirassem as dúvidas, fizessem os exercícios e discutissem sobre a aula; na verdade os alunos tinham liberdade e ficavam à vontade para falar e até pedir para o monitor repetir o vídeo.

Marcus: Mas quando argumentaram contra o método cubano falaram que era um método fraco por conta da ausência de um debate sobre a realidade dos educandos, sobre a visão de mundo deles... você diz o que a respeito disso?

Mariana: Pra mim, o Método é pratico e eficaz. Ele trabalha também com o dia a dia e as primeira letras. Os alunos aprenderam a ler e assim que ingressaram no EJA. O método cubano em Murici foi mais positivo que a *Alfabetização Solidária* e outro programas de alfabetização pois teve um início e fim.

Marcus: E o que justificaram para vocês para não continuar as aplicações?

Mariana: O próprio Estado determinou o prazo. Foram quase oito meses com a orientação do Carlos. Quando ele foi embora para Cuba o programa ficou na gaveta do estado.

Marcus: Ninguém pediu mais?

Mariana: Tanto a minha cidade, como Buriti e Caxingó queriam mais, mas tinha impasse porque no próprio Governo Estadual tinha poucas pessoas a favor e muitos contra.

Marcus: E como eram esses argumentos contra?

Mariana: Diziam que já tinham programas melhores e gastar com o programa de Cuba era muito caro devido a gastos com TV e vídeos.

Marcus: Ninguém falou nada sobre uma possível incompatibilidade com o Método Paulo Freire?

Mariana: Sim, diziam que o método cubano era uma metodologia ultrapassada, pois era muito repetitivo.

Marcus: E a alfabetização, como foi comprovada?

Mariana: Através de exercício e leitura. Os alunos gostavam de ir ao quadro para escrever e ler, até eu me surpreendia às vezes eu pensava q eles tinham decorado, aí eu colocava outras palavras, levava revista e jornal e eles liam.

Marcus: Vale à pena aplicar o Método?

Mariana: Sim, se for a prol de ajudar.

APÊNDICE IV

ENTREVISTA COM JERIMÁRIO PEREIRA CHAVES

Marcus: Como você ficou sabendo das práticas do método "Sim, eu posso"?

Jerimário: Primeiramente o município enfrentou dificuldades com o analfabetismo e a prefeitura queria encontrar uma maneira de combatê-lo e surgiu o rapaz de Cuba, a Mariana, sobrinha da secretária de Educação do município, Lourdes Sales, e conseguiram trazer o programa pra cidade montando três turmas, uma para mim, outra para Fátima e outra, ainda, para Gilmário.

Marcus: Foi dado pra vocês, alfabetizadores, um preparo de como trabalhar com o método cubano? Como foi isso?

Jerimário: A preparação fundamental de uma semana serviu para aprender a como mexer com os equipamentos eletrônicos e aprender a dar aula (como tratar os alunos) tudo em português, inclusive o apresentador do programa era um ator de novela brasileiro Chico Diz e tinha a professora de nome Ana Beatriz. O monitor tirava a dúvida e o aluno obedecia a professora do televisor, tinha que congelar a imagem principalmente na parte psicomotora.

Marcus: Qual orientação que vocês receberam que mais você utilizou?

Jerimário: Fomos orientados para nunca dizer o não pro aluno, ou seja incentivar sempre o aluno, motivá-lo toda hora! Para evitar a evasão. O mais difícil era levar o aluno pra sala de aula.

Marcus: E como eram essas aulas?

Marcus: A aula começava por volta das seis e meia e os monitores muitas vezes tinham que ir buscar os alunos de casa em casa. Foram frequêntes alguns comentários como: "Hoje é o primeiro dia eu já to gostando"

Marcus: E quantos alunos vocês tinham por aula?

Jerimário: Trabalhávamos com dez alunos, fui o único que consegui formar os 10. Gilmário terminou com 9 e Fátima com 8.

Marcus: E como eram as aulas, propriamente dito?

Jerimário: A gente chegava e pedia que os alunos contassem como foi o dia, e ia direcionando o assunto para a explicação do que seria a aula. Quando

apresentávamos a letra a ser estudada sempre falávamos para os alunos algumas palavras que dava para ser escrita com ela. Depois passávamos o vídeo e após assistimos a aula batíamos um papo sobre o que tinha sido transmitido no vídeo.

Marcus: E sobre o que falavam as aulas?

Jerimário: As aulas falavam de todas as capitais do Brasil, das culturas de cada estado brasileiro, inclusive eles ficaram bastante motivados quando aprenderam as aulas de Salvador, Teresina e São Luís, alguns comentavam surpresos do fato de aprenderem sobre a região e o estado onde moram.

Marcus: Havia espaço para a correção e explicação mais direta das atividades?

Jerimário: Havia uma correção do monitor no meio da aula das atividades. Sempre se explicava e conversava sobre o vídeo e a letra aprendida.

Marcus: Como vocês avaliaram o desempenho dos alunos?

Jerimário: Cada aluno fazia uma cartinha para conclusão do trabalho.

Marcus: Você acha que o "Sim eu posso" vale a pena?

Jerimário: Sim; eu achei muito bom porque eu tive o prazer de saber que uma das alunas, a dona Lourdes, tinha 54 anos e não sabia ler e não tinha nem assinatura na identidade. Uma das alegrias dela foi assinar. Eu senti muito orgulho do meu trabalho além do que, dona Lourdes levava o neto nas aulas por não ter onde deixá-lo e ser a mais idosa participante das aplicações.

Marcus: Os participantes da experiência continuaram os estudos?

Jerimário: Até onde eu sei a maior parte deles foi para o supletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOUE, Silvia. Brasil y Venezuela pretenden establecer acuerdos para alfabetización Disponível em: *http://www.radioagencianp.com.br/ index.php?option=com_content&task=view&id=4359&Itemid=59%20-20 22k.* Acesso em: 04/09/2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Círculo de cultura* in STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, e (Orgs). *Dicionário Paulo Freire*.1ªed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008. p.76-78.

_____. *Método Paulo Freire* in STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, e (Orgs). *Dicionário Paulo Freire*.1ªed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008. p.263-264.

_____. *O que é o Método Paulo Freire*; 28ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CASTILLO, Carlos Moldiz. El "Yo, sí Puedo" avanza a paso firme en Bolívia. Disponível em: *http://pr.indymedia.org/news/2008/08/33228.php* Acesso em: 05/09/2008.

CERVANTES, Luisa Álvarez. *La ontologia de lo humano del primer Freire;* 1ªed; Cidade do México: Miguel Angel Porrúa, 2005.

CHÁVEZ declara Venezuela livre do analfabetismo. *UOL Últimas notícias*. Disponível em: *http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2005/10/m28/ult1766u1 2850.jhtm*. Acesso em 04/09/2008.

DECRETO n° 2434, de 30 de maio de 2003. *Gaceta oficial de la republica bolivariana de Venezuela.* p.22, junho 2003.

DIAZ, Leonela Inés Relys. La alfabetización por radio y televisión. Disponível em: http://www.yosipuedo.com.ar/art-leonela.htm. Acesso em: 11 mai. 2009.

FEITOSA, Sônia Couto Souza. *Método Paulo Freire: a reinvenção de um legado;* 1ªed. Brasília: Líber Livro; 2008.

FREIRE Paulo. *Ação cultural para a liberdade.* 12ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007.

_____. *Pedagogia do oprimido;* 40ªed; Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

_____. *Educação como prática da liberdade*; 31ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008.

GADOTTI, Moacir. MOVA por um Brasil Alfabetizado. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

_____; ROMÃO, José E. *Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta.* 8ªed. São Paulo, Cortez, 2006.

GARCIA, Carmem Gomes. La aflabetización em Cuba, inicio de un proceso de culturalización de las masas populares. Disponível em: *http://www.achegas.net/numero/vinteetres/carmen_garcia_23.htm.* Acesso em: 11 mai. 2009.

JARDILINO, José Rubens. *Paulo Freire: retalhos biobibliográficos*; 2ªed. São Paulo: Xamã, 2003.

JARDIM, Cláudio. Como erradicar o analfabetismo. Disponível em: *http://www. voltairenet.org/article130638.html* Acesso em 28/07/2008.

NOSELA, Paolo. *Paulo Freire: orgulho dos educadores brasileiros*. EccoS, São Paulo, v.9, n.I, p.173-182, jan/jun. 2007.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBEROAMERICANOS. *Plano Iberoamericano de Alfabetización y Educación Básica de Personas Jóvenes y Adultas 2007 – 2015 – Informe de países.* Madrid, 2007.

PASSOS, Luiz Augusto. *Leitura do Mundo* in STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, e (Orgs). *Dicionário Paulo Freire*.1ªed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008. p.240-242.

PROJETO cubano alfabetiza piauienses em 35 dias. *Terra Notícias*. Disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI888629EI994,00projeto+ com+metodo+cubano+alfabetiza+piauienses+em+dias.html. Acesso em 05/09/2008.

RELATÓRIO Síntese do VIII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos *Disponível em: www.forumeja.org.br/files/Relatório-síntese%20 VIII%20ENEJA%20versão%20final_0.doc. Acesso em:*

ROMÃO, José Eustáquio. *Aula* in STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, e (Orgs). *Dicionário Paulo Freire*. 1ªed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008. p. 54-56.

ROMÃO, José Eustáquio. *Educação* in STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, e (Orgs). *Dicionário Paulo Freire*. 1ªed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008. p. 150-152.

SCHLIEMANN, David; CARRAHER, William; CARRAHER, Terezinha N. *Na vida dez, na escola zero*. 14ªed. São Paulo, Cortez, 2006.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, e (Orgs). *Dicionário Paulo Freire*.1ªed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

SUCUPIRA, Fernanda. *Troca de gestão fecha centenas de salas do MOVA* Disponível em http://www.unitrabalho.org.br/paginas/noticias/noticias02. html. Acesso em 05/09/2008.

UNESCO. Estudio sobre la eficacia y la viabilidad del metodo de alfabetizacion “Yo sí puedo”. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0014/ 001468/146881s.pdf. Acesso em 05/09/2008.

_____. *Declaração Universal dos Direitos Humanos.* Disponível em http://www.onu-brasil.org.br/documentos direitoshumanos.php. - Acesso em 11/05/2009.

_____. *Educação para todos: O compromisso de Dakar.* 2ªed. Brasília, Ação educativa, 2001.